

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS**

LUIZ FERNANDO SOARES PEREIRA

**A OBRA DE FRANZ KAFKA COMO EXPRESSÃO DO *MAL-ESTAR*
DA MODERNIDADE NO COMEÇO DO SÉCULO XX**

VITÓRIA
2022

LUIZ FERNANDO SOARES PEREIRA

**A OBRA DE FRANZ KAFKA COMO EXPRESSÃO DO *MAL-ESTAR*
DA MODERNIDADE NO COMEÇO DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira.

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

P436o Pereira, Luiz Fernando Soares, 1997-
A obra de Franz Kafka como expressão do mal-estar da
modernidade no começo do século XX / Luiz Fernando Soares
Pereira. - 2022.
164 f.

Orientador: Josemar Machado de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Biografia. 2. História. 3. Literatura. 4. Poder. 5. Conflitos. I.
Oliveira, Josemar Machado de. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 93/99

LUIZ FERNANDO SOARES PEREIRA

**A OBRA DE FRANZ KAFKA COMO EXPRESSÃO DO *MAL-ESTAR*
DA MODERNIDADE NO COMEÇO DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social das Relações Políticas.

Aprovada em **30 de maio de 2022**.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Marcelo Durão Rodrigues da Cunha
Instituto Federal do Espírito Santo (Itapina/ES)
Membro Titular Externo

Prof. Dr. Robson Loureiro
Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/PPGL)
Membro Titular Externo ao Programa

Prof. Dr. Julio César Bentivoglio
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular Interno

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar
Universidade Federal de Uberlândia
Membro Suplente Externo

Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Suplente Interno

A meu pai Nelson Pereira (*in memoriam*) e minha mãe Marly Martins Soares, pela criação e educação que me deram.

A minha tia Maria Martins Soares Moura (*in memoriam*) e meu tio Alvimar Coutinho Moura (*in memoriam*), pelo carinho e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Embora o trabalho acadêmico aparente ser realizado, muitas vezes, de forma solitária não o é. Durante a minha trajetória no mestrado — e anteriormente a ela — muitas pessoas fizeram parte da minha vida e me deram forças para continuar essa caminhada. Assim como Isaac Newton disse que se chegou onde chegou foi porque se apoiou no ombro de gigantes, posso dizer que fui auxiliado por intelectuais, professores e pesquisadores de suma importância para a construção da minha vida acadêmica, além de familiares; amigos e colegas; companheiros de laboratório; as estruturas da universidade e os programas de fomento à pesquisa e permanência que me possibilitaram estar na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É a vocês que devo meus agradecimentos por eu ter chegado até onde cheguei e pelo percurso que trilhei nesses dois anos em que me dediquei a essa pesquisa.

Agradeço aos meus familiares que sempre me deram apoio nestes dois anos de mestrado, me incentivando a continuar firme na minha caminhada acadêmica, em especial minha mãe Marly Martins Soares e minha irmã Mirian Martins Soares, pelo carinho e por se orgulharem de mim; meu tio Altair Martins Soares, com nossas conversas intermináveis sobre História e política; meus tios e tias: Lair Martins Soares, Marcilene Martins Soares de Mattos, Marcia Martins Soares e Marlene Martins Soares, que sempre me deram acolhimento e incentivo. Estendo meus agradecimentos aos meus primos e primas, que são muitos; por todo carinho e apoio; a Shoraya Ferreira Soares, esposa de tio Altair, também tia, pelo carinho. Embora já em outro plano, agradeço aos meus, que já partiram e deixaram-me saudades e lembranças: minha querida avó Leida Martins Soares; meu pai, saudoso, honroso e herói Nelson Pereira; minha tia Maria Martins Soares Moura e meu carinhoso tio Alvimar Coutinho Moura: muito obrigado por tudo.

Agradeço a minha namorada, companheira e parceira de todas as horas, Letícia Martins Calheiros, não sei o que seria de mim sem ti. Obrigado por todo carinho, ajuda e incentivo nessa caminhada, tua presença na minha vida foi e é fundamental para eu chegar onde cheguei.

Agradeço a minha madrinha Sandra Marcia Oliveira, meu amigo e irmão Cassiano Oliveira Souza, são também minha família. Obrigado pela ajuda, força e por acreditarem em mim durante esse processo acadêmico.

Agradeço ao meu orientador, Josemar Machado de Oliveira, que me recebeu e me auxiliou nessa importante etapa da minha vida acadêmica, com seu olhar atencioso e disposto a contribuir com a minha pesquisa de mestrado. O senhor foi fundamental para os resultados que alcancei, com suas correções e sugestões.

Agradeço ao meu coordenador de laboratório (Lethis), Julio Bentivoglio, por me acolher no grupo de pesquisa desde 2016, me orientar na Iniciação Científica, na elaboração do projeto de mestrado e, sobretudo, por participar da banca de qualificação, contribuindo substancialmente para essa pesquisa e para a qualidade do trabalho. O senhor é um querido e minha gratidão é imensa.

Agradeço aos demais membros da banca de qualificação, o professor Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite, pelas contribuições enriquecedoras a partir da leitura da minha pesquisa, com sugestões e correções de suma importância para o aperfeiçoamento. Estendo ao professor Sérgio Alberto Feldman, pela atenção, disponibilidade e apontamentos que contribuíram para a melhora do meu trabalho.

Agradeço aos membros da banca de defesa, os professores Marcelo Durão, Robson Loureiro e Julio Bentivoglio. Estendo aos membros suplentes: Sérgio A. Feldman e Alexandre de Sá Avelar. Por aceitarem o convite e me honrarem com a presença dos senhores. Vossas críticas e sugestões aperfeiçoaram a minha dissertação.

Agradeço a professora Juçara Luzia Leite, pelas conversas acerca de Sigmund Freud e do *mal-estar na cultura*, suas explicações e esclarecimentos foram de suma importância para minha visão sobre os conceitos e a melhora na minha pesquisa.

Agradeço aos meus amigos do Lethis pelas horas de conversa, debates, leituras, reuniões e parceria. Em especial aos meus amigos desde a Iniciação Científica: Wesley Ribeiro, Weverton Amaral e Taynna Marino, por trilharmos juntos até aqui e por participarem da minha trajetória. Estendo a Thiago Brito, Rusley Biasutti, Hugo Merlo, Abner Wotkosky, Bruno Nascimento, Lucas Bispo, Polyana Bromenschenkel, Aline Lima e César Perpétuo: companheiros de eventos, laboratório e pesquisa.

Agradeço aos meus amigos da UFES pelo companheirismo em todos esses anos de universidade. Em especial Monnique Greice Malta Cardoso, por todo apoio,

incentivo e carinho despendido a mim. Obrigado, minha irmã. A meu amigo Thaynan Bandeira, por me aturar e teimar em gostar da minha companhia, todas as nossas conversas, debates e ideias foram enriquecedoras. Também a João Pedro Andrade, Emerson Campos, Edjalma Nepomoceno, Hiran Alcântara, Marina Galvão, Mikael Freitas, Thiago Santana, Noéli Martins e Louyse Lacerda. Estendo aos meus amigos fora do meio acadêmico: João Alexandre, João Paulo, Alexandre Souza, Sabrina Cacique e João Octávio, pelo incentivo e força que me deram nesses momentos difíceis de estudo e pesquisa.

Agradeço a todos os professores da Universidade que lecionaram disciplinas para mim, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Agradeço também aos parceiros com quem tive o prazer de colaborar em projetos. Em especial o professor Robson Loureiro (NEPEFIL), a professora Brunela Vieira de Vincenzi (CSVM) e a professora Miriã Lúcia Luiz, parceira de projetos atuais e futuros.

Essa dissertação contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), de suma importância para a realização deste trabalho e de muitos outros trabalhos futuros. Embora existam projetos que visam o desmonte da educação pública e das pesquisas acadêmicas, sobretudo contra a área das Humanidades, resistimos (e resistiremos).

Em suma, agradeço a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização desta dissertação de mestrado, mesmo não sendo mencionados aqui. Sobretudo a todos os professores que passaram por minha vida. Obrigado a todos que contribuíram para a minha formação e me influenciaram nesse processo.

Em nossos dias, podemos falar num mal-estar moderno, ou num mal-estar na modernidade. É a forma contemporânea assumida pelo mal-estar na civilização. Como todas as outras formas de *Unbehagen*, ele se manifesta sob a forma de um grande ressentimento contra a civilização.

Sergio Paulo Rouanet

RESUMO

Nesta dissertação de mestrado busco traçar uma relação entre a obra de Franz Kafka com o conceito de *mal-estar*, cunhado por Sigmund Freud, imbricando ao topos da crise da modernidade nas três primeiras décadas do século XX (1900-1930). Meu esforço é de estabelecer uma relação entre a vida de Franz Kafka, bem como sua trajetória e seu contexto histórico com a sua literatura, para isso proponho um exercício biográfico, localizando o autor em seu tempo e espaço. Dentro do conjunto da obra, considero tanto sua literatura, quanto seus diários, escritos entre 1909 e 1923 e suas cartas enviadas a sua tradutora de tcheco Milena Jesenská e sua ex-noiva Felice Bauer, tomando-os como documentos históricos em cuja expressão de angústia possibilita compreender melhor os enredos e personagens de suas obras ficcionais. Trata-se, portanto, de uma proposta analítica, partindo das experiências — do contexto vivido; dos relatos pessoais e de suas correspondências — na direção de suas novelas e romances, objetivando uma abordagem que relacione História e Literatura. Os objetivos da dissertação que se segue podem ser apresentados com a indicação de resposta das seguintes perguntas: *i)* como a vida e o contexto histórico de Franz Kafka podem auxiliar na interpretação de suas obras?; *ii)* como o *mal-estar* expresso em suas cartas e diários pode ser apontado como característico de um período que influencia uma narrativa histórica e literária?; *iii)* como as obras literárias a serem analisadas, permitem problematizar as relações de conflito entre o indivíduo, a sociedade e o Estado no começo do século XX? Em suma, pretendo analisar as relações de poder e força, nos aspectos políticos e sociais da modernidade nas primeiras décadas do século XX, a partir da expressão do *mal-estar* no conjunto da escrita particular (diários e cartas) e das obras literárias de Franz Kafka.

Palavras-chave: Franz Kafka; Mal-estar; Modernidade política; Tempo Histórico; Conflitos.

RESUMEN

En esta disertación de maestría busco trazar una relación entre la obra de Franz Kafka con el concepto de malestar, acuñado por Sigmund Freud, imbricando en el lugar común de la crisis de la modernidad en las tres primeras décadas del siglo XX (1900-1930). Mi esfuerzo es establecer una relación entre la vida de Franz Kafka, así como su trayectoria y su contexto histórico con su literatura, para eso propongo un ejercicio biográfico, ubicando al autor en su tiempo y espacio. Dentro del conjunto de la obra, considero tanto su literatura como sus diarios, escritos entre 1909 y 1923 y sus cartas enviadas a su traductora de checo, Milena Jesenská y su ex-novia Felice Bauer, tomándolos como documentos históricos en cuya expresión de angustia posibilita comprender mejor los enredos y personajes de sus obras de ficción. Por lo tanto, se trata de una propuesta analítica, a partir de las experiencias — del contexto vivido; de los relatos personales y de sus correspondencias — en la dirección de sus novelas, de géneros variados, con el objetivo de un enfoque que relacione Historia y Literatura. Los objetivos de la disertación podrán presentarse con la indicación de las respuestas a las siguientes preguntas: *i)* ¿cómo la vida y el contexto histórico de Franz Kafka pueden ayudar en la interpretación de sus obras?; *ii)* ¿cómo el malestar expresado en sus cartas y diarios puede ser señalado como característico de un período que influye en una narrativa histórica y literaria?; *iii)* ¿cómo las obras literarias a ser investigadas, permiten problematizar las relaciones de conflicto entre el individuo, la sociedad y el Estado a principios del siglo XX? En definitiva, quiero analizar las relaciones de poder y fuerza en los aspectos políticos y sociales de la modernidad en las primeras décadas del siglo XX, a partir de la expresión del malestar en el conjunto de la escritura particular (diarios y cartas) y de las obras literarias de Franz Kafka.

Palabras-clave: Franz Kafka; Malestar; Modernidad Política; Tiempo histórico; Conflictos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

FRANZ KAFKA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	13
--	----

CAPÍTULO I

DA IMPORTÂNCIA PRÉVIA: Franz Kafka, tempo e trajetória	31
1.1 O TEMPO DE KAFKA	32
1.2 <i>IN MEMORIAM</i>	37
1.2.1 O pequeno Franz Kafka	43
1.2.2 O jovem Franz Kafka	48
1.2.3 Ser judeu em Praga no começo do século XX	52
1.2.4 <i>In memoriam</i> de Elli kafka, Valli Kafka e Ottla Kafka	54
1.3 “QUEIME MEUS ESCRITOS”	54
1.3.1 A língua de Franz Kafka	56
1.4 UM ESPECTRO LITERÁRIO RONDA A EUROPA	59
1.5 A MODERNIDADE VIVIDA POR KAFKA	64

CAPÍTULO II

DO MAL-ESTAR EM FRANZ KAFKA: entre cartas e diários	69
2.1 O <i>MAL-ESTAR</i>	71
2.2 DIÁRIOS, AFORISMOS E CARTAS	74
2.2.1 Os escritos e a guerra	77
2.3 FRANZ KAFKA E O JUDAÍSMO	79
2.3.1 O antissemitismo no contexto de Kafka	81
2.3.2 Um judeu sem Deus	88
2.4 OS RELACIONAMENTOS PENDULARES	95
2.5 O DESEJO DE MORTE	100
2.6 O AUTOR PRECEDE A OBRA	103
2.6.1 Kafka e mimesis	109

CAPÍTULO III

DA LITERATURA KAFKIANA: entre animais, conflitos e sentimentos	111
3.1 ENTRE ANIMAIS E HUMANOS	114
3.2 INDIVÍDUOS VERSUS INDIVÍDUOS	120
3.2.1 Gregor Samsa versus seus familiares	121
3.2.2 Joseph K. versus desconhecidos	124
3.2.3 O agrimensor K. versus os moradores do vilarejo	125
3.3 INDIVÍDUOS VERSUS SOCIEDADE	128
3.3.1 Joseph K. versus a sociedade apática	129
3.3.2 Gregor Samsa versus a instituição familiar	130
3.3.3 Um artista da fome versus a sociedade espectadora	132
3.4 INDIVÍDUOS VERSUS ESTADO	133
3.4.1 Joseph K. versus a corrupção jurídica	134
3.4.2 O observador versus a corrupção militar	137
3.5 HÁ HUMOR EM KAFKA?	139
3.6 ALEGORIZANDO O <i>MAL-ESTAR</i> : Rotpeter, de macaco a ser humano	142
CONCLUSÃO	
KAFKA, UM ESCRITOR DA MODERNIDADE	146
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

FRANZ KAFKA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS

Existem no mesmo ser humano conhecimentos que, a despeito da completa diferença entre eles, têm o mesmo objeto, de tal forma que só é possível concluir que há sujeitos diferentes no mesmo ser humano.

Franz Kafka

Entre as possibilidades interpretativas há diversas ferramentas que possibilitam ao pesquisador escrever trajetórias, expor interpretações e traçar paralelos entre a vida do biografado e suas experiências, situando-o em seu contexto. Quando se trata de um escritor o campo se alarga, pois o material a ser analisado constitui-se não somente de documentos oficiais e datas, mas apresenta uma gama de textos literários que compõem parte de sua trajetória. No caso de Franz Kafka, contamos ainda com seus diários e cartas que permitem um olhar mais abrangente a respeito de sua importância para a biografia intelectual. Há também as possibilidades comparativas entre o vivido e o relatado, com a expressão presente em seus romances, novelas e contos. Para tal finalidade, lanço mão de algumas ferramentas e conceitos muito caros para a minha pesquisa, sobretudo na análise acerca da obra de Kafka através do conhecimento prévio de sua vida.

Kafka tinha 40 anos quando em 1924 faleceu em decorrência da tuberculose. O desejo de que suas obras fossem queimadas por seu amigo e confidente, Max Brod, foi ignorado, sendo publicadas de forma gradativa após sua morte. Grande parte de sua narrativa exprime uma denúncia e um grito de angústia às opressões praticadas pelas diversas instituições, jurídicas e/ou políticas e militares, além do *mal-estar* presente nas relações entre os indivíduos. Após o ginásio estudou Direito, se formando em 1906. Passou a atuar em escritórios e administrativos, um fardo até sua morte, pois não houve uma identificação por parte do recém advogado com a função. Utilizou-se de tal conhecimento jurídico e da burocracia da área, para suas interpretações magistras da realidade judicial¹. O que auxilia a compreender os detalhes de seus enredos, bem como os locais, os agentes e, os trâmites e situações a que os personagens são submetidos.

Entre 1901 e (3 de junho de) 1924, que compreendem os dezoito anos de idade até a data de sua morte, Franz Kafka passou por diversas mudanças em sua vida, seja com a formação superior; seus quatro noivados²; trabalhos indesejados; a relação melancólica com a família; e, principalmente, a produção literária: como romances; novelas; contos, e a escrita pessoal: como cartas e diários. Destaco também a relação direta que teve com o judaísmo e com a política, junto a seus

¹ KOKIS, Sergio. **Franz Kafka e a expressão da realidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 15.

² Fator problemático, uma vez que no interior da cultura judaica a qual Kafka pertencia, o casamento era muito importante e esperado pelos familiares, muitas vezes arranjados pelos pais.

amigos e as diversas viagens realizadas pela Europa. Uma análise da vida do escritor, com o apoio da metodologia biográfica, se faz imprescindível.

Demarco previamente, que não tenho a pretensão de abordar isoladamente o indivíduo Franz Kafka, mas relacioná-lo ao seu contexto vivido. A biografia, portanto, como análise de caso traz consigo uma função ainda mais restrita do que o estudo de uma trajetória individual. Nela busco estabelecer uma relação com a abordagem macroestrutural da sociedade, cabe, pois, aos detalhes biográficos o fim de ilustrar a realidade abordada de forma mais ampla,³ sobretudo pelo uso de uma historiografia específica a respeito do período em que o biografado viveu e os acontecimentos presenciados por ele.

Há décadas o campo biográfico vem angariando preocupações a respeito dos trabalhos de pesquisa, exigindo um maior rigor, a fim de demonstrar os conflitos inerentes à relação entre os indivíduos e as estruturas sociais, alocando o personagem e seu meio, propondo assim, uma História formulada a partir de um processo com o sujeito.⁴

Ao final da década de 1970 e começo dos anos 1980 a atenção de muitos historiadores, em especial aqueles ligados à *Escola dos Annales*,⁵ se voltou/deslocou da atividade econômica e política do camponês ou do operário, para sua subjetividade, suas experiências vividas e sua relação com o mundo. Há, nesse período da historiografia, uma fronteira imprecisa entre a história e a biografia, em consonância a uma prática mais voltada para o cotidiano desse “homem comum”. Obviamente que tais novidades apareceram sob o pano de fundo de uma crítica teórica e metodológica à “história científica” e aos “conceitos totalizantes”, categorias que visavam abordar as questões históricas a partir de objetos de pesquisa em escala macro, como o modelo econômico; o sistema político; e o papel dos grandes líderes e das grandes nações. A História, portanto, agregada aos acontecimentos e

³ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Revista Dimensões**, n. 24, 2010, p. 160. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

⁴ *Ibidem*, p. 158.

⁵ Cf. BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia**. Trad. Nilo Odalia. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

apresentada por uma narrativa linear, passava por uma revisão metodológica, uma vez que as dimensões estruturais de longa duração já não eram capazes de responder e embasar as pesquisas dos historiadores que se debruçavam a respeito da vida social dos indivíduos estudados⁶.

A historiadora francesa Sabina Loriga utiliza a metáfora da *formiga e do formigueiro*, ilustrando como se dá o trabalho biográfico no qual o indivíduo é visto como partícula, como uma “formiga”, que mesmo não sendo a totalidade do formigueiro, faz parte dele e o compõe. A partir dessa comparação, criou-se o conceito denominado *homem-partícula*⁷, cuja principal característica se dá pelo fato de possuir bases psicológicas na análise histórica, ou seja, a psicologia como auxílio para pesquisas e interpretações biográficas. Ela advém de uma corrente elaborada entre o fim do século XIX e o início do XX. Havia uma oposição a determinadas práticas do historicismo e do positivismo que mantinham uma certa procura por heróis e seus grandes feitos. A nova proposta buscava as histórias e anedotas de personagens pouco abordados anteriormente, bem como as raízes desse comportamento individual, que junto a uma coletividade compunha uma sociedade..

Dentre os estudiosos que contribuíram para a área, mesmo não sendo historiador, está Sigmund Freud⁸, cujo estudo aborda e traz para o centro das análises o choque psíquico presente no indivíduo humano: suas emoções; sua relação conflituosa com o meio e com o outro; suas paixões e seus desejos. A ideia é denominada *unidade mínima*: o ser humano, que constitui o todo. Para Eric Hobsbawm, boa parte da história feita anterior ao século XX servia para a “glorificação e talvez o uso prático dos governantes”⁹. Em suma, entre o que aponta o historiador britânico e o que expõe a historiadora francesa, há uma mudança nos usos da história.

⁶ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. 1. ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-226.

⁷ *Ibidem*, p. 241-244.

⁸ Cf. FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos**. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. Coleção Obras Completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Ver também FREUD, Sigmund. **Fragmento de uma análise de histeria: o caso Dora**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editora, 2019.

⁹ Sobre o uso da história no sentido prático pelos governantes Cf. HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Trad. Cid Knipel Moreira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 280-281.

Particularmente a respeito de Franz Kafka — que tomo como uma *unidade mínima* —, sua literatura é oportuna a comparações e interpretações variadas, propicia elencar paralelos com a realidade do século XX, pois um escritor quando biografado, possibilita não só ao historiador traçar um comparativo entre sua obra e sua vida, mas, também, correlacionar sua narrativa e seu tempo. São abordagens a serem realizadas nos capítulos seguintes, tanto a partir dos seus escritos particulares, em seus diários e cartas, como através da leitura e abordagem contextualista de sua literatura, no campo das possibilidades interpretativas.

A respeito da questão biográfica, priorizei autores que produziram trabalhos que buscam abordar tanto a vida de Franz Kafka como a cronologia de sua formação e da feitura e publicação de suas obras, além da relação que o literato possuía com a sociedade em que vivia, suas viagens com amigos e parentes, trazendo informações importantes que auxiliaram nas minhas análises a respeito do indivíduo Kafka. Os principais biógrafos utilizados nesta pesquisa são: *i)* Max Brod, cuja proximidade com o escritor, seus documentos e anotações o permitiu dar maiores detalhes da vida do amigo, traduzida para o português pela editora Ulisseia, intitulada *Franz Kafka*, aborda desde os antepassados da família até os últimos momentos do literato, trazendo em seu apêndice um apanhado de anotações do escritor, oito cartas a Milena e algumas recordações; *ii)* Ernst Pawel, com uma volumosa e detalhada obra acerca da vida particular de Franz Kafka, desde a trajetória de seus avós até a relação do biografado com suas irmãs, amigos e noivas; traduzida pela editora Imago, em 1986, *O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka*, possui um olhar cuidadoso a respeito das diversas experiências que a vida proporcionou a Kafka, desde suas queixas até suas viagens e conquistas; *iii)* acrescento a abordagem dos franceses Félix Guattari e Gilles Deleuze, intitulada *Kafka: para uma literatura menor*, do ano de 2003 e *iv)* do austro-húngaro Erik Heller, com o livro *Kafka*, do ano de 1976, trazem tanto a biografia quanto a sua relação com os enredos literários, auxiliando no objetivo da minha análise.

No Brasil obras como *Kafka*, da coleção *Vida e Obra*, de 1968, sob a autoria de Leandro Konder, abordando os diversos aspectos biográficos e os relacionando com os enredos e personagens da obra, e, *Franz Kafka e a expressão da realidade*, datada de 1967, escrita por Sérgio Kokis, analisando o mundo pessoal e literário do escritor, de maneira cronológica, elencando com a produção de suas obras. São

leituras que me serviram como pontes, me auxiliando no percurso nas áreas biográfica e literária.

O conjunto da obra de Franz Kafka utilizado nesta pesquisa considera seus diários, escritos entre os anos de 1909 até 1923, suas cartas enviadas a Felice Bauer, sua ex-noiva e também as endereçadas a Milena Jesenská, sua tradutora de tcheco, além de uma edição de *Carta ao pai*, datada de 1919, em que escreve ao genitor uma série de sentimentos negativos que nutria por ele. Acrescenta-se algumas de suas obras literárias que foram interpretadas e analisadas do ponto de vista histórico e biográfico. São elas: *A metamorfose*, escrita em 1912 e publicada em 1915; *Um novo advogado*, concluída em 1917 e lançada em 1920; *Pequena fábula*, que não foi divulgada em vida, pelo autor; *Josefina, a Cantora ou A cidade dos ratos*, de 1924; *O processo*, escrita durante anos, começando em 1915, sendo lançada após sua morte, por seu amigo Max Brod, no ano de 1925, o mesmo ocorrendo com *O castelo*, iniciada em 1920 e exposta em 1926; *Um artista da fome*, de 1922, apresentada em 1924; *Na colônia penal*, publicada em 1919, e por fim, *Um relatório para uma academia*, escrita em 1916 e lançada em 1919, fechando o conjunto das obras kafkianas e retomando a questão do *mal-estar* expressa pelo personagem principal, que também é o narrador do texto.

Alguns intérpretes me auxiliam na fundamentação analítica da literatura, possibilitando uma visão mais ampla acerca de Franz Kafka. E é essa amplitude de análise que utilizei como parâmetro na escolha dos trabalhos a respeito do escritor. Os principais que elenco são: *i)* Modesto Carone, com a organização de algumas novelas e contos de Kafka, publicados no livro *Essencial Franz Kafka*, de 2011, onde apresenta e comenta os textos com a maestria que o identifica como maior intérprete e tradutor de Franz Kafka no Brasil; *ii)* Walter Benjamin e seu ensaio de 1934, intitulado *Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte*¹⁰, captando as nuances miméticas de Kafka, sobretudo por sua relação de contemporaneidade com o literato; *iii)* Luiz Costa Lima e seu texto a respeito da

¹⁰ Cf. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. Coleção Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 137-164.

ligação do escritor tcheco com a melancolia, intitulado *O inquilino do sótão: os relatos de animais de Franz Kafka*. Trata-se do segundo capítulo da obra *Melancolia: literatura*, lançada em 2017, pela Editora Unesp; **iv)** Leandro Konder e o livro *Kafka*, (terceira edição) da coleção *Vida e Obra*, da editora José Álvaro, datada de 1968, em que elenca aspectos biográficos e narrativos kafkianos; **v)** por fim, utilizo-me do trabalho de Ruy Alves Jorge, *Interpretações de Kafka*, lançado em 1968, pela editora L. Oren, cujas tópicas apresentadas buscam analisar o conjunto literário de Kafka, sem necessariamente abordar personagem por personagem, mas tomando os sentimentos presentes nos enredos ficcionais como uma marca do autor.

Cada temporalidade possui um *mal-estar* característico. Como destaca Sérgio Paulo Rouanet, o *mal-estar* é inerente a todo tipo de civilização, em qualquer que seja o seu estágio evolutivo. Pode-se presumir que ele se encontra de maneiras específicas de acordo com o período histórico, sendo um no começo da vida social; outro nas comunidades antigas; nos grandes impérios; no feudalismo; na monarquia absolutista, etc. Desde o final do século XIX e início do XX, há a possibilidade de se apontar um *mal-estar* moderno, ou *mal-estar* na modernidade. Para o autor é a forma contemporânea assumida na sociedade hodierna e, como toda forma de *Unbehagen*¹¹, se expressa através de um grande ressentimento contra o mundo civilizado.¹²

A respeito do conceito de *mal-estar*, de Sigmund Freud, existe uma série de autores críticos e que propõem uma análise distinta da sociedade a partir do indivíduo. A minha escolha por utilizar esse autor se dá por sua importância e contemporaneidade com Kafka, além de sua pertinência para o estudo do comportamento e das relações humanas. No campo das ciências humanas, o texto do professor Vincenzo di Matteo, intitulado *Subjetividade e cultura em Freud: ressonância no 'mal-estar' contemporâneo*¹³, ajuda a compreender o sujeito no

¹¹ Termo em alemão utilizado pelo autor, pode ser traduzido como mal-estar, desconforto ou inquietude.

¹² ROUANET, Paulo Sérgio. **Mal-estar na modernidade**. Rio de Janeiro: AGIR, 1993, p. 96.

¹³ Como indicação de leitura. Cf. MATTEO, Vincenzo di. Subjetividade e cultura em Freud: ressonância no 'mal-estar' contemporâneo. **Discurso**, São Paulo, n. 36, p. 193-216, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/issue/view/3163>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

discurso cultural de Sigmund Freud, contribuindo para os usos de suas obras no âmbito da Filosofia, Sociologia e da História. Outra contribuição de Freud para as reflexões filosóficas (e filosofia da História), é apresentada no artigo de Jonas Torres Medeiros: *Paul Ricoeur, leitor de Freud: contribuições da psicanálise ao campo da filosofia hermenêutica*,¹⁴ apontando que a colaboração do psicanalista se dá por sua *suspeita*, em que aborda a consciência como uma ilusão, contribuindo para o desenvolvimento do projeto hermenêutico na filosofia de Paul Ricoeur.¹⁵

Ainda no que tange aos trabalhos de análise e aplicação do *mal-estar* e das ideias freudianas, no campo das Ciências Humanas, Sérgio Paulo Rouanet se dedicou na abordagem do conceito no âmbito da modernidade, desde os temas envolvidos no que denomina como a crise da civilização moderna, perpassando pelos traços do *mal-estar* característicos aos tempos contemporâneos. A obra *Mal-estar na modernidade*¹⁶ é composta por ensaios que visam dar a devida atenção que o tema merecia no final do século XX.

Em suma, utilizo-me das contribuições dos trabalhos críticos e aplicados, a respeito das obras de Sigmund Freud, principalmente as expostas por Peter Gay, no livro *Freud para historiadores*, onde aborda as críticas direcionadas aos usos das ideias do psicanalista no campo da História, sobretudo as apontadas pelos historicistas.¹⁷ Apesar das críticas aos usos da psicanálise, não se trata de psicanalisar os mortos ou colocá-los em um “divã-póstumo”, mas o reconhecimento de que a psicanálise possui potencial para explicar o comportamento em sociedade (grupal) e a interação entre o mundo e a mente, sendo pertinente incorporá-la nos métodos de investigação do passado.¹⁸

Para o psicanalista é necessário ir ao mais profundo dos sentimentos humanos para entendê-los, assim, o que conhecemos como felicidade, é derivado da rápida satisfação das necessidades aprisionadas no ser, e que, de acordo com a sua natureza, é possível somente como um fenômeno breve e episódico. Sua

¹⁴ Cf. MEDEIROS, Jonas Torres. Paul Ricoeur, leitor de Freud: contribuições da psicanálise ao campo da filosofia hermenêutica. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 73-107, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v17n1/v17n1a05.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹⁵ *Ibidem*, p. 74.

¹⁶ Cf. ROUANET, Paulo Sérgio. **Mal-estar na modernidade**. Rio de Janeiro: AGIR, 1993, p. 96.

¹⁷ Cf. GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 75-82.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, p. 22-23.

continuidade de satisfação buscada pelo princípio do prazer só é capaz de desaguar em uma sensação de pouca intensidade de *bem-estar*. Em suma, os indivíduos são dotados de dispositivos dos quais só podem aproveitar muito pouco do referido estado de *bem-estar*, tornando suas possibilidades de felicidade limitadas pela própria constituição.¹⁹

Para Freud, a felicidade não é contínua, mas sim um permanente sentimento de incompletude que pode ser percebido no ser humano e que mesmo no decorrer de séculos de civilização, está presente tanto no indivíduo da antiguidade quanto no contemporâneo. Ressalto que algumas áreas e criações humanas podem amenizar — de maneira paliativa — o sofrimento e o estado de angústia presentes no interior das pessoas, destacando-se as manifestações artísticas, como uma busca de distanciar-se da realidade — enquanto inimiga do sujeito — que é fonte de sofrimento.

Dentre as satisfações está o gozo pela obra de arte, que por intermédio do artista, é proporcionada aos indivíduos que não são criadores. Embora essa experiência proporcionada pela arte não seja capaz de fazê-los esquecer a miséria da vida real, pode produzir uma libertação, ainda que passageira, das necessidades e obrigações da vida e das relações humanas e sociais, nas quais estão inseridos todos os seres da cultura.²⁰

Para contemplar meu plano de estudo e dissertação, visando seguir as estratégias de pesquisa, abordando tais conceitos tão caros aos campos da História, da Literatura e da Psicanálise, é imperativo o uso de uma metodologia que me permita traçar algumas observações a respeito do indivíduo estudado, para isso o gênero biográfico se faz muito profícuo na minha análise a respeito de Franz Kafka.

A modernidade inaugurou uma visão de mundo e uma doutrina política própria, com suas utopias como propostas otimistas e organizadas a fim de tornar possível uma vida em sociedade mais justa e de bem-estar, em que economia e política não

¹⁹ FREUD, SIGMUND. O mal-estar na cultura. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 320-321.

²⁰ *Ibidem*, p. 326-327.

fossem entraves na vida social, mas ferramentas de melhoria no cotidiano dos indivíduos. Entretanto também é o período que abarca a descrença, a instabilidade e a desconfiança nas instituições existentes. Uma espécie de reformulação das ideias políticas que vigoravam. Ao mesmo tempo que é tido como algo novo a partir do século XVI, também pode ser analisado como um período de crise quando abordados os séculos XIX e XX.

Embora a aceleração advinda da modernidade proporcionou uma distinção na experiência daquela época em comparação a todas as anteriores²¹, como afirma Reinhart Koselleck; a aprimoração de armas de grande potencial e alcance, produzidas em escala industrial, intensificando as estratégias bélicas e imperialistas, caracterizou o início do século XX²², bem como assinala Eric Hobsbawm. São particularidades de um momento delicado da história política europeia e mundial, cuja abordagem faz-se necessária, pela razão do escritor Franz Kafka estar inserido em tal temporalidade.

A modernidade está repleta de manifestações do *mal-estar*, sobretudo no começo do século XX, em um período contemporâneo a duas guerras mundiais, Genocídio Armênio, revoltas e revoluções pela Europa. Além disso, destaca-se a perseguição aos judeus que vinha de séculos e a intensificação da instabilidade política e econômica com a derrota das potências da Europa Central na Primeira Guerra Mundial. Portanto, sob o bojo de conflitos entre os principais Estados e o forte antissemitismo daquele período e localidade, Franz Kafka nasceu, se formou, viveu, escreveu suas obras literárias, além de anotações pessoais, como diários²³ e aforismos²⁴, e morreu em 1924.

²¹ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre o tempo**. 1. ed. São Paulo: PUC, 2014, p. 150-151.

²² Cf. HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²³ Para consulta aos diários utilizados na pesquisa Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018; KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. 1. ed. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021.

²⁴ Os aforismos utilizados se encontram em uma reunião de obras, para acesso Cf. KAFKA, Franz. **Aforismos**. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. 1. ed. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Acrescenta-se a essas fontes, uma vasta quantidade de cartas que o escritor enviou para Milena Jesenská²⁵ e a Felice Bauer²⁶, reunidas e publicadas em dois livros²⁷. São passagens que revelam pensamentos, planos e reflexões acerca da realidade que o cercava, pois Kafka presenciou diversas situações que o incomodaram, gerando espanto e pessimismo com as relações entre os indivíduos e a sociedade de seu tempo.

No primeiro capítulo, abordarei acontecimentos históricos inerentes ao período de Kafka que marcaram os primeiros anos do século XX, visando esboçar o pano de fundo da trajetória do escritor. Ressalto as movimentações imperialistas em décadas anteriores e os conflitos bélicos no século XX, sobretudo a Primeira Guerra Mundial, com seus efeitos no cotidiano dos europeus: civis e militares. Traçarei um breve panorama biográfico de Franz Kafka, explanando previamente a trajetória de seus pais²⁸ antes de se conhecerem, buscando entender a relação de seu pai Hermann com o judaísmo; seus modos de lidar com a vida e o casamento, desde a criação dos filhos até a administração do comércio. O que ajuda a compreender a proximidade de cada um deles com o filho. Buscarei construir um retrato cronológico de Franz Kafka.

As primeiras décadas do século XX, na Europa, foram marcadas por grandes e peculiares acontecimentos. Destaco o Genocídio Armênio (1915-1923), a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Revolução Russa (1917), bem como os movimentos políticos, como a ascensão do fascismo na Itália (1922) e do nazismo alemão (1933): exemplos que elucidam o cenário a respeito do qual pretendo me debruçar nos capítulos seguintes. Com as principais potências europeias ainda sob o efeito da guerra, da instabilidade e da perplexidade diante das catástrofes que as decisões dos séculos passados provocaram, tem-se nesse recorte, um grande campo de

²⁵ Milena Jesenská (1896-1944), judia tcheca, jornalista, tradutora e militante política com quem Kafka teve um romance. Foi tradutora de tcheco para Kafka.

²⁶ Felice Bauer (1887-1960) prussiana judia, noiva de Franz Kafka em duas ocasiões (1914 e 1917).

²⁷ As cartas reunidas e publicadas em duas obras foram consultadas e utilizadas aqui através de uma edição em português e outra em espanhol. Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondência de la época del noviazgo (1912-1917). Trad. Pablo Sorozábal. Madrid: Nórdica Libros, 2019; KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

²⁸ Os pais de Franz Kafka: Hermann Kafka (1854-1931); Julie Kafka (1854-1934).

estudos historiográficos e de análise política e social pertinentes ao dispor da pesquisa histórica. Para tal, a relação entre autor, texto e contexto merece atenção indispensável. Como traz Vanderlei Sebastião de Souza²⁹ a respeito das contribuições de Quentin Skinner para o campo da história intelectual, em que aborda a interpretação dos significados dos textos, atentando para o cuidado com as intenções e motivações dos autores no momento de sua escrita³⁰ (literária, no caso de Kafka). O que orientou meu trabalho a procurar — mesmo que no campo das possibilidades interpretativas — os objetivos de Franz Kafka, em cada obra analisada e em cada passagem dos diários e cartas.

Será fundamental a utilização de algumas fontes como os diários³¹ do escritor, cujas anotações proporcionam um conhecimento mais amplo de sua rotina, do seu trabalho, dos seus relacionamentos e do processo de criação de suas obras; além de *Carta a meu pai*³², que revela o conteúdo de uma carta que Franz Kafka escreveu e pediu para que sua mãe entregasse ao pai, e que embora, seja a visão particular de um filho perante a figura paterna, possibilita conhecer como era sua relação com seu genitor. Para uma leitura mais biográfica do autor, utilizarei das contribuições do biógrafo Ernst Pawel³³, com a já citada obra *O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka*³⁴, utilizando sua abordagem desde o nascimento até a morte do escritor, passando pelos colégios que estudou, pelos amigos que fez, os parentes mais próximos, as viagens que realizou, o curso de Direito, o trabalho na Companhia de Seguros e seus relacionamentos.

Seguindo com uma breve abordagem a respeito da sua narrativa, analisarei o processo de criação dos enredos e as datas, quando começaram a ser escritos e de conclusão ou a inconclusão de alguns romances que não foram finalizados por Kafka em virtude de sua morte em 1924. Ao final do capítulo buscarei elencar a literatura de Franz Kafka dentro do panorama europeu daquele período, bem como

²⁹ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o 'contextualismo linguístico' na perspectiva de Quentin Skinner. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, ano 5, n. 4, v. 5, p. 1-19, out./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/issue/view/17>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

³⁰ *Ibidem*, p. 7.

³¹ KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

³² KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. Trad. Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, 1966.

³³ Ernst Pawel (1920-1997), biógrafo alemão, judeu, emigrou para os Estados Unidos durante a crescente influência dos nazistas na Europa Central.

³⁴ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

suas semelhanças e particularidades em comparação com o escritor irlandês James Joyce³⁵ e o francês Marcel Proust³⁶, visando paralelos entre suas obras e os movimentos artísticos, denominados Naturalismo e Simbolismo na referida época. Além disso, trago algumas considerações a respeito de uma modernidade em crise no começo do século XX.

No segundo capítulo abordarei como o *mal-estar* pode ser identificado nos escritos íntimos de Franz Kafka, através do seu pessimismo, de sua angústia e melancolia diante das adversidades da vida e dos tempos. Para isso é importante buscar tais traços de instabilidade presentes em seus diários pessoais e nas cartas que o escritor enviou para Milena Jesenská e a Felice Bauer.

Para trabalhar os diários como fonte histórica utilizo-me das contribuições de Maria Teresa Cunha em seu texto intitulado *Diários pessoais: territórios abertos para a História*, localizado na obra *O historiador e suas fontes*, organizada por Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca.³⁷ Tais documentos, tomados como fonte, são capazes de revelar uma rotina, uma emoção, sensibilidades, intimidades, etc. Reside ali o cotidiano datado, com ou sem a intenção de que outras pessoas tenham conhecimento dessas passagens. São antes de tudo fonte de subjetividade.³⁸

Para a utilização das cartas como fonte histórica, os apontamentos metodológicos e as reflexões feitas por Teresa Malatian, em *Cartas: narrador, registro e arquivo*, também presente na obra organizada por Pinsky e Luca no ano de 2009. É necessário levar em consideração a necessidade de mapear os destinatários e traçar suas relações com o remetente; apontar o que as cartas têm a dizer à pesquisa; por fim escolher questões com o fim de analisar o documento epistolar³⁹. A pertinência dessas fontes reside na possibilidade de conhecer diálogos que contribuem para a leitura de um momento histórico.

³⁵ James Joyce (1882-1941), autor de *Ulisses*, de 1922.

³⁶ Marcel Proust (1871-1922), autor de *A procura do tempo perdido*, entre os anos de 1908 e 1922.

³⁷ Cf. CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

³⁸ *Ibidem*, p. 252-253.

³⁹ MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 203-204.

Elencando as passagens e as lendo sob a ótica do *mal-estar* freudiano, buscarei apresentar os paralelos entre os conteúdos das cartas e dos diários com a situação vivida pelos judeus na Europa Central no começo do século XX, pois para Franz Kafka a condição de seu povo, mesmo aqueles que não possuíam ligação de fé com a religião, tornava-os alvos de intolerância, ameaças e violência, como as retratadas por Kafka nas cartas endereçadas a Milena. São fatores vivenciados e refletidos por intelectuais da época, como Hannah Arendt evidenciou em seu robusto estudo acerca do antissemitismo⁴⁰ na Europa. A título de exemplo, trarei algumas passagens características, em que Adolf Hitler expressa sua teoria e sua aversão aos judeus, como uma manifestação escrita⁴¹ de um sentimento de repulsa que permeou o continente e se intensificou no período entreguerras.

Além do contexto histórico e a prudente assimilação do escritor através de sua obra íntima com o período e o local em que viveu, tem-se a possibilidade de adentrar e tomar conhecimento do mundo de Franz Kafka, nos seus relacionamentos pendulares: com seus noivados e rompimentos, em torno da insegurança diante da possibilidade de viver uma vida de casado. Kafka revela de maneira proposital ou inocentemente suas aspirações mais pessoais, seus medos e incertezas, seus desejos de morte — ao mesmo tempo que sua vontade de conhecer o mundo — e sua completa adoração à literatura, seja produzindo-a ou consumindo-a como um ávido leitor, além de um estudioso de história da literatura e história do judaísmo. É uma tentativa de estudar o escritor no íntimo de sua trajetória e de suas contribuições para a pesquisa histórica, visando conhecer os indivíduos e sua relação com a sociedade de sua época.

Em suma, no segundo capítulo abordarei o conceito de *mal-estar* e suas relações com o ser de cultura⁴², trazendo algumas importantes contribuições do psicanalista Sigmund Freud, para uma melhor compreensão do momento estudado. Buscarei indicar as expressões de melancolia, pessimismo e angústia presentes nos diários e cartas de Franz Kafka. O que distingo entre tais extensões artísticas, das obras literárias, não é meramente a realidade da ficção, mas a escrita particular, que

⁴⁰ Cf. ARENDT, Hannah. Parte I: Anti-semitismo. In: ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 15-143.

⁴¹ HITLER, Adolf. **Minha Luta**. [S.l.] Editora Discovery, 2016.

⁴² Para Sigmund Freud, o termo ser de cultura denota todos os indivíduos que vivem em uma civilização, ao contrário dos seus ancestrais primatas.

mesmo contendo fortes traços performáticos, são despretensiosos, não seguem uma linha descritiva e romanceada, mas algo mais próximo dos pensamentos cotidianos que o autor gostaria de expressar para si mesmo ou para uma pessoa em específico, no caso das correspondências.

No terceiro capítulo buscarei analisar algumas obras literárias dentro das possibilidades interpretativas. Viso localizá-las em seu contexto histórico. A partir do conhecimento biográfico prévio a respeito da vida do literato, irei traçar paralelos entre os enredos e os personagens com o *mal-estar*, intrínseco nos conflitos entre indivíduo, sociedade e Estado.

Para a utilização da literatura como fonte, faz-se necessário atentar para como a obra literária fornece uma expectativa de algo que pode acontecer, um vir-a-ser. Trabalhando uma análise do escritor como um indivíduo atraído pelas possibilidades. Além disso, cabe verificar através do trabalho historiográfico, as estruturas periféricas e os agrupamentos humanos alheios aos fatos históricos exitosos, portanto, buscar os locais profundos de dor, abandono e prostração de que se alimentou determinada literatura.⁴³ São caminhos indicados por Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão*, em que analisa o caso brasileiro durante a Primeira República, elencando escritores, suas obras e os debates em voga. Outra contribuição no campo da historiografia a respeito do uso da literatura como fonte, utilizada nesta pesquisa de mestrado, é o texto *História & literatura: uma velha-nova história*, de Sandra Jatahy Pesavento⁴⁴, trabalhando o artefato literário como uma expressão dos tempos passados. A literatura é tomada como um discurso que possibilita acesso ao imaginário de diferentes épocas; como uma possibilidade; algo que poderia acontecer, a partir de um autor e um momento.⁴⁵ Tanto as obras realistas quanto as narrativas que projetam um passado remoto ou um futuro ficcional podem ser utilizadas como um testemunho do seu tempo.⁴⁶

⁴³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 20-22.

⁴⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 28 jan. 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 2-3.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 8.

Acrescento a síntese realizada por Frederico de Castro Neves em *História e Literatura: dois lados da mesma moeda*⁴⁷, em que — apesar do título passível de um debate longo — contribui com a abordagem a respeito da aproximação entre a História e a Literatura a partir da leitura de textos literários como sendo fontes legítimas para a pesquisa e a escrita da História. São apontamentos pertinentes a respeito dessa relação, uma vez que a partir da segunda metade do século XX, a literatura aparece para o historiador em uma “nova configuração de interesses e oportunidades na construção de conhecimentos”⁴⁸. Não a partir do valor de uma expressão direta do passado, nem da sua distorção, mas como uma fonte, expressões de determinados aspectos culturais, evidenciando comportamentos; indicando significados atribuídos como semelhantes aos processos vividos ou imaginados. Sendo, portanto, papel do historiador indagar tais artefatos, a fim de obter as possibilidades interpretativas do passado.⁴⁹

As obras literárias centrais, a respeito dos conflitos, utilizadas na pesquisa são: *i) A metamorfose*⁵⁰, despendendo especial atenção ao personagem Gregor Samsa, suas movimentações desde o momento em que acorda — passando pelos movimentos feitos por ele, a desvelação de sua relação com os familiares e superiores no trabalho — até sua morte, ainda metamorfoseado; *ii) Na colônia penal*⁵¹, contendo os aspectos mais pertinentes para refletir acerca da prática violenta de aplicação de tortura e penas capitais em acusados de crimes cometidos por soldados e civis residentes da colônia; *iii) O castelo*⁵², visando expor a trajetória do protagonista, o agrimensor K, que tenta adentrar ao vistoso castelo para prestar seus serviços, chamando atenção para o seu contato com os moradores e a comunidade local; *iv) Um artista da fome*, trazendo uma abordagem de fundamental interesse para a análise da sociedade em que reside um artista e seus conflitos com a mudança cultural nela em voga; por fim, *v) O processo*⁵³, com a angustiante busca de Joseph K. afim de resolver seu misterioso e inacessível processo, passando por

⁴⁷ NEVES, Frederico de Castro. História e literatura: dois lados da mesma moeda. In: SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. **Literatura e Ensino: reflexões, diálogos e interdisciplinaridade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 176-177.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 177.

⁵⁰ KAFKA, Franz. A metamorfose. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 209-291.

⁵¹ *Idem*. Na colônia penal. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 59-99.

⁵² KAFKA, Franz. **O castelo**. Trad. Deborah Stafussi. 1. ed. Barueri: Novo Século, 2017.

⁵³ KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Livia Bono. 1. ed. Cotia: Pé da Letra, 2018.

situações humilhantes e traumáticas, desde o conhecimento da existência de um processo até as inúmeras tentativas de “adentrar à lei”, culminando no desfecho pessimista e anti-heróico, típico das narrativas kafkianas.

Acrescento à lista das obras, aquelas que identifico certa semelhança surrealista: *Um relatório para uma academia; Um novo advogado; Pequena fábula; Josefina, a cantora ou O povo das ratazanas*; além da já citada *A metamorfose*. Os exemplos serão abordados a fim de demonstrar uma importante característica da obra kafkiana: a capacidade de transitar entre animais e humanos, expressando conflitos e angústias da vida real, retratados em ficção.

Ressalto que não é mister para o presente estudo analisar todas as obras por inteiro, o que exigiria um trabalho mais extenso e amplo. Busco, no entanto, identificar como os protagonistas dos romances e novelas citados se relacionam com a sociedade e com o Estado, procurando assim os traços conflituosos que Franz Kafka expressou em seus enredos. Trata-se de um autor que raramente expressa otimismo através dos personagens e situações, pois seus desfechos literários caminham para uma mostra realista e perturbadora da condição humana.

O conceito de *expressão* aqui utilizado, deriva do trabalho de Luiz Costa Lima em *Vida e Mimesis*, pois traz que desde os gregos até o período moderno a expressão sempre foi a marca primeira da arte. Para o teórico, o gesto inaugural da *mimesis*, a partir de suas primeiras manifestações na dança e na música, não é modelado semanticamente. Pelo contrário, no fenômeno da *expressão* algo é *posto* para depois ser *exposto*, uma espécie de *apresentação* e não basicamente uma *representação*. Portanto, o foco da análise se dá a partir, originalmente, do evento e não da “ornamentação plástica” de uma ideia que será narrada.⁵⁴

A metodologia adotada consiste em historicizar e aplicar o conceito de *mal-estar*, de Sigmund Freud, para uma interpretação do indivíduo estudado e biografado, não como um paciente clínico, mas como sujeito histórico, para isso é importante afirmar que a obra *O mal-estar na cultura*⁵⁵ propõe uma análise a respeito

⁵⁴ Cf. LIMA, Luiz Costa. **Vida e Mimesis**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 65.

⁵⁵ Cf. FREUD, SIGMUND. *O mal-estar na cultura...* *Op. cit.*

da sociedade e da civilização. Aqui, sua aplicação possui objetivos no campo da pesquisa histórica, uma vez que será voltada para a relação entre Franz Kafka e sua obra, em uma sociedade e um contexto temporal específicos.

Embora não se trate de um historiador, as contribuições de Freud para a análise biográfica são pertinentes para este trabalho, o que François Dosse denominou de “psico-história”, buscando observar as diversas *personas* de um coletivo. Sendo assim, a partir do método biográfico descrito por Dosse, em *Desafio Biográfico: escrever uma vida*⁵⁶, mais especificamente em seu capítulo quinto: *A Iddade Hermenêutica (II): a pluralidade das identidades*, busco historicizar o conceito de *mal-estar* como um instrumento de análise, a fim de compreender as dinâmicas sociais, temporais e espaciais em que Franz Kafka estava inserido no decorrer de sua vida; abordando o *mal-estar* a partir de um escritor judeu no começo do século XX. Tal metodologia auxilia compreender as dinâmicas sociais e individuais, sem a eleição de heróis, levando em consideração a importância do distanciamento do pesquisador com o seu sujeito biografado.

Os objetivos da presente dissertação podem ser apresentados com a indicação de resposta das seguintes perguntas: *i)* como a vida e o contexto histórico de Franz Kafka podem auxiliar na interpretação de suas obras?; *ii)* como o *mal-estar* expresso em suas cartas e diários pode ser apontado como característico de um período que influencia uma narrativa histórica e literária?; *iii)* como as obras literárias a serem analisadas, permitem problematizar as relações de conflito entre o indivíduo, a sociedade e o Estado no começo do século XX? Em suma, pretendo analisar as relações de poder e força, nos aspectos políticos e sociais da modernidade nas primeiras décadas do século XX, a partir da expressão do *mal-estar* no conjunto da escrita particular (diários e cartas) e das obras literárias de Franz Kafka.

⁵⁶ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

CAPÍTULO I

DA IMPORTÂNCIA PRÉVIA: Franz Kafka, tempo e trajetória

O moderno regime de historicidade desconstrói as figuras tutelares que se prestam à identificação. Essa desconstrução abre possibilidades para as figuras plurais. O biógrafo pode então fazer o melhor dos índices mais corriqueiros para compor relatos biográficos segundo as linhas da intensidade múltipla. A linearidade postulada pela biografia clássica já não será então intocável. O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modifica a abordagem do gênero biográfico.

François Dosse

1.1 O TEMPO DE KAFKA

A monarquia dual⁵⁷ dos Habsburgos, foi composta pela Áustria e pela Hungria entre os anos de 1867 a 1918, formando um império até o final da Primeira Guerra Mundial. Foi uma das expressões políticas mais notáveis a sobreviver ao advento da modernidade liberal-capitalista do século XIX europeu.

Após a derrota militar da Áustria na Guerra Austro-Prussiana de 1866, o imperador Franz Joseph I negociou o apoio da nobreza húngara a fim de evitar uma crise em seu território. Com a aliança firmada, a Áustria pôde se manter diante do contexto imperialista. Foi a última força institucional no aspecto da unidade política promovida pelos Habsburgo desde o ano de 936.⁵⁸ A família imperial se esforçou durante um milênio, acumulando propriedades, terras e expandindo suas fronteiras. A dissolução só ocorreu com a derrota na Primeira Guerra Mundial.

Nas décadas finais do século XIX havia uma movimentação constante das grandes potências imperiais diante da necessidade de proteção de seus territórios e da aliança através da política externa, haja vista os laços firmados e renovados entre os imperadores da Áustria-Hungria; Alemanha e Rússia; a chamada Dupla Aliança Austro-Alemã de 1879 e a Tríplice Aliança entre Áustria, Alemanha e Itália, em 1882: em grande medida a fim de evitar distintas frentes de batalha em uma possível guerra⁵⁹, o que não resistiu até 1914.

O cuidado com as relações exteriores entre os monarcas era algo importante, estratégico e preservado. Uma espécie de equilíbrio na instável balança da Europa imperialista. Um importante fator de contenção de forças e perdas nesse “período de crises contínuas entre 1908-1914”⁶⁰ sobretudo a partir do agravamento dos conflitos entre Áustria e Sérvia; a revolução nacionalista turca; a anexação da Bósnia-Herzegovina e a tensão da guerra dos Bálcãs. O estopim para a eclosão da Primeira Guerra Mundial, causado pelo assassinato do arquiduque austro-húngaro Franz Ferdinand, ocorreu em 28 de junho de 1914, na cidade de Sarajevo. A

⁵⁷ “Dual monarchy”, termo comumente utilizado pelo historiador austriaco/estadunidense. Cf. KANN, Robert Adolf. **A history of the Habsburg Empire: 1526-1918**. Berkeley: University of California Press, 1980, p. 436.

⁵⁸ BERTONHA, João Fábio. **Os impérios e suas guerras: relações internacionais contemporâneas (séculos XIX e XX)**. São Paulo: Pontocom, 2017, p. 100.

⁵⁹ Cf. KANN, Robert Adolf. Chapter VIII. Decline and discord (1879-1914). In: KANN, Robert Adolf. **A history of the Habsburg Empire: 1526-1918**. *Op. cit.*

⁶⁰ “the time of continued crises from 1908-1914” (tradução livre). *Ibidem*, p. 421.

organização terrorista chamada de Mão Negra, em Belgrado, havia recrutado jovens bósnios de nacionalidade sérvia para o atentado. Após o ação as tensões se acirraram, o que culminou na declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia em julho de 1914.⁶¹

Em Viena, os assassinos foram rotulados de "bosníacos", depois foram chamados de "sérvios". Explodiram manifestações violentas contra os sérvios em todo o império. Em Sarajevo, onde ocorreu o assassinato, um hotel e uma escola — ambos de propriedade sérvia — foram destruídos. De forma quase que imediata ao ocorrido com o herdeiro do trono, a Áustria resolveu responder, invadindo a Sérvia, menos por vingança de uma perda, do que por um acerto de contas com um vizinho cujo atrito se arrastava há anos. Uma justificativa oportuna para os líderes austríacos. Foi a resposta que a monarquia dos Habsburgos precisava para defender o argumento de que não haveria possibilidade de uma solução e uma reconciliação pacífica no conflito entre eles e a Sérvia, conclusão a qual o imperador Franz Joseph I chegou e compartilhou com o kaiser Guilherme II da Alemanha.⁶²

Assim como a opção de Franz Ferdinand era evitar conflitos bélicos, havia como antítese — pois o arquiduque era seu principal opositor — o chefe do Estado-Maior austríaco, sob a patente de tenente-marechal barão, Franz Conrad von Hötzendorf, cuja predisposição para a guerra se fez notável durante a crise da Guerra dos Balcãs, entre os anos de 1913 e 1914. Conrad aconselhou 25 vezes o império a declarar guerra à Sérvia, baseando-se na premissa de que o conflito e a luta eram inevitáveis e essenciais à vida política dos Estados.⁶³

Após a guerra ter início em 1914, aumentaram as tensões, como as políticas repressivas do Estado turco contra o povo armênio, de forma deliberada e extensiva, com o fim de destruí-los. O genocídio⁶⁴ ocorreu entre os anos de 1915 e 1923, e consistiu historicamente no primeiro ocorrido no século XX. Os armênios eram vistos como expressão interna de poder europeu e cristão, o que tensionava ainda mais as relações com os turcos, sobretudo pelo fato de seu território ser dominado pelos

⁶¹ Cf. CLARK, Christopher. O império sem qualidades. In: CLARK, Christopher. **Os sonâmbulos: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial**. 1. ed. Trad. Berilo Vargas; Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁶² Cf. HASTINGS, Max. **Catástrofe: 1914: a Europa vai à Guerra**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

⁶³ *Ibidem*, p. 100.

⁶⁴ Conhecido como Genocídio Armênio.

russos, inimigos da Turquia, gerando perseguições que se arrastavam desde o final do século XIX, com destaque para os anos de 1894 a 1896, quando tropas turcas executaram cerca de oitenta a trezentos mil pessoas⁶⁵, além de sequências de ataques como o de 1909 e as políticas de restrição à cultura armênia. Entre os anos de 1915 e 1918⁶⁶ o Estado turco teve intenções diretas de exterminar os armênios, o que se alongou até 1923, por suas “diferenças étnicas, nacionais, raciais ou religiosas”⁶⁷, totalizando 1,5 milhões de mortes no referido período.

São acontecimentos beligerantes que dão identidade catastrófica ao período da primeira metade do século XX. O marco de 1914 é historicamente especial pois de maneira inédita quase todos os países da Europa se envolveram em uma guerra. Com exceção da Espanha, os Países Baixos, os escandinavos e a Suíça. Foi a inauguração da “era da catástrofe” e “era do massacre”⁶⁸. Foram décadas de tensão imperialista até a primeira investida bélica austro-húngara contra os sérvios.

O imperialismo do final do século XIX se assimilava cada vez mais ao capitalismo industrial, os impérios possuíam, portanto, razões específicas para sua expansão, além da conquista de territórios e seres humanos de outras regiões e continentes, existia a exportação de capitais que não rendiam lucros na Europa, logo, havia o interesse e a influência de poderosos monopólios de banqueiros, donos de grandes indústrias e investidores, gerando um *imperialismo financeiro*⁶⁹.

Para Lênin⁷⁰, tratava-se de um capitalismo em sua fase de desenvolvimento, no momento em que ganha corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro; em que possui relevância essencial a importação de capitais, e por fim a partilha do mundo pelos conglomerados empresariais internacionais. Para ele o que culminaria na repartição de toda a terra, dividindo-a entre os países capitalistas mais

⁶⁵ BERTONHA, João Fabio. **Os impérios e suas guerras**: relações internacionais contemporâneas (séculos XIX e XX). *Op. cit.*, p. 73.

⁶⁶ Período em que os turcos planejavam criar um grande império na Ásia Central, homogeneizando a população. Chegaram ao entendimento que os armênios eram um obstáculo, logo concluíram ser necessário exterminá-los fisicamente. Vários grupos foram recrutados a fim de aumentar o alcance do extermínio. Para mais a respeito Cf. BERTONHA, João Fábio. **Os impérios e suas guerras**: relações internacionais contemporâneas (séculos XIX e XX). *Op. cit.*

⁶⁷ *Ibidem*, p. 78.

⁶⁸ Termos utilizados pelo historiador Eric Hobsbawm para caracterizar o período abordado. Cf. HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. *Op. cit.*

⁶⁹ BRUIT, Héctor Hernán. **O imperialismo**. 23. ed. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 15.

⁷⁰ Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924). Lenine (na adaptação/transliteração para o português).

importantes.⁷¹ A exemplo da Bósnia-Herzegovina, que após pertencer ao Império Otomano, foi ocupada e administrada pelo Império Austro-Húngaro, a partir da decisão do Congresso de Berlim, em 1878; no ano de 1908 passou a pertencer formalmente a monarquia dos Habsburgo — como território da Coroa — e administrada pelo Ministério das Finanças da Áustria-Hungria.⁷²

O intervalo histórico que compreende os anos de 1875 a 1914, classificado por Hobsbawm como Era dos Impérios, e justamente por ele definido como o criador de um novo imperialismo, por ser o período da história moderna em que um número relevante de governantes se autointitularam como "imperadores", ou sob a consideração dos diplomatas ocidentais⁷³. Os Estados, cada vez mais competitivos com seus vizinhos, foram estrategicamente levados a estabelecer alianças para não ficarem isolados (ou cercados pelas frentes de batalha), como fez a Áustria e a Alemanha, em 1879, formando a primeira parceria internacional⁷⁴, o que culminou na Tríplice Aliança, em 1882.

Como afirma Hobsbawm, ao contrário dos períodos anteriores, o século XIX foi palco para um desenvolvimento do imperialismo que criou uma economia global diferente do modo anterior, pois atingiu de maneira cada vez mais efetiva as distantes regiões do mundo, uma conexão progressiva e volumosa em termos de "transações econômicas, comunicações e movimentos de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido"⁷⁵. As alianças se intensificaram nos momentos antecedentes a 1914, a partir da necessidade que a guerra impõe, sobretudo por conta de aspectos geográficos/espaciais, que a localização territorial exige, e estrategicamente na união de forças bélicas.

No decorrer da guerra os blocos foram compostos de Aliados: Rússia (até 1917); Grã-Bretanha; França; Sérvia; Bélgica; Itália; Grécia; Romênia; Japão e EUA (a partir de 1917); as Potências Centrais: Alemanha; Áustria-Hungria; Turquia e

⁷¹ LÊNIN. O imperialismo, etapa superior do capitalismo. 1916. *Apud.* BRUIT, Héctor Hernán. **O imperialismo**. *Op. cit.*, p. 16.

⁷² Para mais detalhes das políticas de anexação, incorporação e administração de territórios durante o século XIX e o XX, Cf. FERGUSON, Niall. **O horror da guerra**: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. 1. ed. Trad. Janaína Marcoantonio. São Paulo: Planeta, 2014.

⁷³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Impérios: 1875-1914**. 7. ed. Trad. Sieni Campos; Yolanda Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 87-88.

⁷⁴ BRUIT, Héctor Hernán. **O imperialismo**. *Op. cit.*, p. 18.

⁷⁵ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Impérios: 1875-1914**. *Op. cit.*, p. 95.

Bulgária. São os impérios e nações principais que compuseram as duas frentes entre 1914 e 1918. Durante quatro anos, frentes de guerra foram formadas, Orientais e Ocidentais⁷⁶, a fim de cumprir estratégias de batalha e de proteção.

Dentre os fatores que situam-se no começo da Primeira Guerra em 1914 estão: *i)* invasão austríaca à Sérvia e *ii)* o assassinato do arquiduque em Sarajevo. O atentado envolvia uma luta nacionalista, contra a expansão do Império Austro-Húngaro. O ato acendeu um conflito que se expandiu e agregou toda a Europa e muitas outras partes do mundo. O mais importante, ademais, é observar como os indivíduos reagiram à Guerra e aos efeitos dela em suas vidas. Para a maioria dos europeus uma guerra era inviável e improvável de ocorrer.⁷⁷ No entanto, houve e ficou conhecida como a Grande Guerra. Ao fim de 1918 os resultados foram catastróficos, no qual milhões de homens, soldados e civis morreram por decisões diplomáticas e geopolíticas que chefes de Estado tomaram em seus escritórios e palácios.

Não havia a possibilidade de viver fora da guerra. Tampouco alheio à suspensão das leis, pois durante o período de guerra não existem regras que se mantenham na normalidade⁷⁸. Seus horrores são evidenciados pelo resultado que dela emergiu após 1918, na vida de seus participantes — em sua maioria soldados rasos — cujo efeito marcante, no âmbito pessoal, foi o sentimento de repulsa com aqueles anos de batalhas. Quase todos eles saíram inimigos convictos da guerra, levando para a posteridade a experiência diária com a morte.⁷⁹

Ao final da Grande Guerra e dos traumas por ela causados, houve uma tentativa de negociação com os países que foram partícipes do conflito. Através do Tratado de Versalhes, elaborado no encontro de Paris, com as principais nações e potências mundiais, na data de 28 de junho de 1919. Entretanto, há contrapontos,

⁷⁶ Para mais sobre as Frentes, cf. HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991...; STEVENSON, David. **1914-1918**: a história da Primeira Guerra Mundial. Vol. 1 - A deflagração. Trad. Valter Lellis. São Paulo: Novo Século Editora, 2016.

⁷⁷ Cf. HASTINGS, Max. **Catástrofe**: 1914: a Europa vai à Guerra. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

⁷⁸ CF. AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

⁷⁹ Para mais a respeito das condições de guerra e das relações delas derivadas posteriormente, Cf. NAOUR, Jean-Yves Le. A Primeira Guerra Mundial: o batismo do século (1914-1918). In: HECHT, Emmanuel; Servent, Pierre (Orgs.). **O século de sangue**: 1914-2014 - as vinte guerras que mudaram o mundo. Trad. Ângela Correa. São Paulo: Contexto, 2015; HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. *Op. cit.*

como nos relatos do escritor e diplomata Harold Nicolson⁸⁰: "Chegamos convictos de que seria negociada uma paz de justiça e sabedoria. Partimos convictos de que os tratados impostos a nossos inimigos não foram justos e nem sábios"⁸¹. Ao contrário do que se supunha, a atmosfera naquela Conferência de Paz foi negativa.

Embora se acreditasse de início que o resultado seria a promoção da nova ordem, muitos saíram dela, após discordarem de várias decisões, presenciando uma espécie de "deterioração da consciência moral" dos homens ali presentes. Sobretudo no peso posto sobre o Tratado Alemão. Punições contra a Alemanha, a Áustria e a Hungria, tais como a proibição da autodeterminação da Áustria e a fixação das fronteiras alemãs e austro-húngaras sem levar em considerações suas próprias doutrinas e identidades nacionais presentes em seus territórios. São deliberações que em variável medida reverberaram na vida de indivíduos. Sujeitos cuja trajetória de vida, se tornaram essenciais para a historiografia. Em suma, esse é o contexto histórico vivido por Franz Kafka, uma breve cronologia para se pensar os conflitos, as rupturas e as crises inerentes ao começo do século XX e que influenciaram substancialmente a vida e a obra do escritor.

1.2 *IN MEMORIAM*

"Dr. Franz Kafka 1883 – 1924", eis o que está gravado na lápide do escritor tcheco, no Cemitério Judeu de Strasnice, em Praga. Seguida de um epitáfio em hebraico e os nomes de Hermann Kafka (1854⁸²-1931), seu pai, e Julie Kafka (1856-1934), sua mãe, sepultados no mesmo local. Embora chame atenção a data de nascimento e a data de falecimento, quando nos deparamos com uma lápide, proponho que a reflexão se dê a partir do meia-risca (–), símbolo que as separa: a trajetória de vida, aquilo que é objeto histórico; a obras literárias e autobiográficas; as cartas e os diários — utilizados para compreender as práticas culturais de uma determinada época que se quer estudar, possibilitando ressaltar elementos a fim de conhecer aspectos da vida comum e as relacionar com fatos e tempos

⁸⁰ Harold Nicolson (1886-1968) foi um escritor, político e diplomata. Nasceu no Irã e trabalhou na diplomacia britânica de 1909 a 1929. Antes do Tratado de Paris, era um admirador do presidente dos EUA, Woodrow Wilson, porém, durante a conferência e o resultado dela resultante, reviu seus conceitos a respeito do político e do país.

⁸¹ HAROLD, Nicolson. **O Tratado de Versalhes, a paz depois da Primeira Guerra Mundial**. 1. ed. Trad. Gleuber Vieira; Jorge Ribeiro. São Paulo: Globo livros, 2014, p. 91.

⁸² Utilizo a data de 1954 pois é a presente em sua lápide. Alguns biógrafos de Franz Kafka trazem a data de nascimento do pai como sendo de 1952.

contemporâneos⁸³ —, fomentando a metodologia biográfica possibilitada pela ampliação do ofício do historiador na segunda metade do século XX. Proponho, acerca de Franz Kafka, uma biografia voltada para a trajetória, não apenas de datas e acontecimentos, mas o trajeto constituinte do indivíduo.

Seu pai, Hermann Kafka, nasceu no ano de 1854, em um pequeno vilarejo tcheco de Wossek; era o segundo filho do casal de judeus Jakob Kafka⁸⁴ e Franziska Platowski, os quais viviam uma vida bem pobre, em um pequeno casebre de apenas um cômodo. Desde o nascimento de Hermann até a integração dos territórios que compunham o Império Austro-Húngaro (a partir de 1867), várias movimentações políticas ocorreram, no entanto o antissemitismo permaneceu e perdurou durante todo o império. O contexto sócio-político era pouco favorável aos judeus da Europa e, sobretudo, na Europa Central, pois não possuíam permissão para casar; fixar-se nas cidades e fazer parte do comércio ou das profissões liberais. A desconfiança existia pelo fato dos judeus — apesar da inestimável capacidade para o trabalho e para o comércio — serem essencialmente de viés supranacional, algo pouco quisto em um momento cujos movimentos de independência nacional se fortaleciam e cresciam no *império dual* formado pela Áustria e Hungria. Destaca-se, portanto, o forte antissemitismo europeu que se arrastou por muito tempo, algo já abordado de forma substancial no campo literário, como em Shakespeare⁸⁵ no século XVI.

Vivendo de forma mais isolada, Hermann e seus irmãos, mesmo ainda crianças, eram colocados para trabalhar assim que possuíssem forças suficientes para puxar uma carroça, e faziam durante todo o ano: entregando os cortes de carne para os fregueses. Tal experiência de vida, fez de Hermann um homem rígido na criação das crianças, pois estava sempre a lembrar de sua infância difícil e pesada, com privações impostas a sua condição. Era ao mesmo tempo um lamento e um orgulho.⁸⁶ Lembranças que Franz Kafka possuía, sobretudo a respeito dos julgamentos com ar de superioridade vindos do pai e de seu tratamento rigoroso com os filhos, possivelmente advindos da própria criação.

⁸³ CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 252.

⁸⁴ Açougueiro grande e rude, famoso no vilarejo por sua força.

⁸⁵ Cf. SHAKESPEARE, William. **O Mercador de Veneza**. Trad. Beatriz Viégas-Faria. São Paulo: L&PM Editora, 2007.

⁸⁶ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 4-6.

Destaco um simbólico e significativo trecho no qual o escritor lembra de sua infância em uma carta, nunca entregue,⁸⁷ a seu pai, porém publicada após sua morte, no ano de 1952. Franz Kafka relata o modo como era tratado. A título de exemplo, segue relato de uma lembrança da infância de Franz Kafka, em que demonstra como seu pai Hermann lidava com determinadas situações:

Uma noite chorei pedindo água, não, estou certo, por estar com sede, mas provavelmente em parte para irritar, em parte para me divertir. Depois de terem falhado diversas ameaças vigorosas, você me tirou da cama, levou-me para a sacada e me deixou lá sozinho por algum tempo, de camisola, do lado de fora da porta fechada. Não vou dizer que isso estivesse errado – talvez não houvesse realmente outra forma de se obter paz e quietude naquela noite – mas menciono isso como típico dos seus métodos de educar uma criança e de seu efeito sobre mim. Ouso dizer que fiquei bastante obediente depois, mas isso me causou um dano íntimo. O que para mim parecia lógico, o pedido sem sentido de água, e o extraordinário terror de ser levado para fora eram duas coisas que eu, consoante a minha natureza, jamais podia ligar apropriadamente. Mesmo anos depois sofri com a fantasia atormentadora de que o homenzarrão, meu pai, a autoridade máxima, viria quase sem qualquer razão e me tiraria da cama à noite e me levaria para a sacada, e isso significava que eu não era nada para ele.⁸⁸

Alguns casos de angústia manifestados na infância são passíveis de análise. Quando uma criança está sozinha, por exemplo, ou deixada no escuro. Em ambos os casos há uma condição em comum: a falta da pessoa amada (ansiada).⁸⁹ A figura do pai de Franz Kafka, não aparece em nenhuma das passagens como alguém próxima e capaz de suprir essa ânsia do filho, já sua mãe é descrita como uma pessoa de maior comunicação com o filho.

Sua mãe, Julie Löwy, nasceu na data de 23 de março de 1856, na cidade de Podebrady, predominantemente de população tcheca. Filha da união entre o comerciante de tecidos, posteriormente um rico dono de cervejaria, Jakob Löwy e sua esposa Esther Löwy. Seus ancestrais, ao contrário de Hermann, eram estudiosos e leitores, voltados para as questões espirituais e religiosas. A maioria da família era bastante interessada por assuntos metafísicos e nos valores milagrosos,

⁸⁷ Kafka teria entregado a sua mãe para que ela repassasse a Hermann, porém, ao achar um gesto negativo do filho, devolveu-a para o autor.

⁸⁸ KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. Trad. Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, 1966, p. 13.

⁸⁹ FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. Coleção Obras Completas, vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 78.

agitadores excêntricos; judeus convertidos ao cristianismo; talmudistas; rabinos e visionários,⁹⁰ geralmente respeitados entre judeus e cristãos.

Tais temáticas voltadas para o campo religioso receberam maior atenção de Kafka, algo presente no esboço genealógico feito por ele em seu diário, datado de 25 de dezembro de 1911, no qual apresenta com certo orgulho a ascendência materna. Algo que não somente representava a estima que nutria pelos antepassados mas também o interesse que o mesmo desenvolveu no decorrer de sua juventude por assuntos correlatos.

Meu nome em hebraico é Anshel, tal como o avô materno⁹¹ de minha mãe, de quem ela se recorda como sendo um homem muito piedoso e erudito de longa barba branca, falecido quando ela tinha seis anos de idade. Ela lembra como fizeram segurar os dedos do pé do cadáver e rogar por perdão para possíveis faltas cometidas contra o avô. Também se recorda dos muitos livros do avô que cobriam as paredes. Ele tomava banho no rio diariamente, também no inverno, quando cavava um buraco no gelo para tanto. A mãe⁹² de minha mãe morreu precocemente de tifo. A partir dessa morte, a avó⁹³ tornou-se melancólica, recusava-se a comer, não falava com ninguém; certa vez, um ano após a morte da filha, saiu para passear e não voltou mais; seu cadáver foi retirado do Elba⁹⁴. Um homem ainda mais erudito que o avô fora o bisavô de minha mãe; ele desfrutava da mesma estima entre cristãos e judeus.⁹⁵

Julie tinha três anos quando sua mãe faleceu, sua infância, assim como a de Hermann foi bastante infeliz e difícil — apesar da abundância de recursos — pela perda materna, de ter que criar os cinco irmãos e a falta de proximidade com a madrasta, embora não tivesse o hábito de se queixar de sua criação e do que passou. Julie é lembrada como uma mulher afetivamente generosa pelos familiares. Embora todos tenham seguido suas vidas, casando e/ou se mudando de cidade, os cinco irmãos mantiveram certo contato com a “mãe substituta”, sinal de afeto, reconhecimento e um sentimento de gratidão, indícios de cordial ligação com a irmã.⁹⁶

⁹⁰ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 8.

⁹¹ Adam Porias (1794-1862), cujo nome na língua iídiche era Amschel Brias.

⁹² Esther Löwy, nascida da família Porias (1830-1859).

⁹³ Sara Porias, nascida da família Levit (?-1860).

⁹⁴ Rio localizado em Prodebrady, próximo à casa da família de Julie.

⁹⁵ KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018, p. 265.

⁹⁶ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 10.

Muito embora se reconheça tais características sentimentais e maternas de Julie, seu primogênito sentia falta de sua presença em determinados momentos⁹⁷. Franz Kafka relatou o sentimento que tinha pela mãe e o que ela representava para ele, em detrimento do que sentia pelo pai, sendo ela para o filho a antítese da figura paterna.

É verdade que mamãe era ilimitadamente boa para mim, mas tudo o que se relaciona a você [Hermann Kafka], sinto dizer, não era bom. Mamãe inconscientemente desempenhava o papel de um batedor durante uma caçada. Mesmo que o seu método de educação pudesse em algum caso improvável me tivesse feito assumir uma posição causadora de desafio, desamor ou mesmo ódio, mamãe cancelava tudo isso de novo com bondade, conversando, sutilmente (no labirinto e no caos da minha infância ela era o próprio protótipo do bom-senso e da moderação), intercedendo por mim; e eu voltar de novo para a sua órbita, de que de outra maneira eu talvez pudesse me livrar, para benefício seu e meu próprio. Ou acontecia que não resultava nenhuma reconciliação verdadeira, que mamãe apenas me protegia de você em segredo, me dava alguma coisa secretamente, ou me permitia fazer algo e então, no que lhe dizia respeito, eu era novamente a criatura furtiva, o embusteiro, o culpado, que na sua inutilidade só podia seguir esse curso mesmo na procura de coisas às quais, na minha própria opinião, eu não tinha direito. É evidente, me acostumei a seguir esse curso mesmo na procura de coisas às quais, na minha própria opinião, eu não tinha direito. Isso uma vez mais aumentava a minha sensação de culpa.⁹⁸

Não fossem as distintas características de seus pais, abordadas aqui, Hermann e Julie, seria uma difícil tarefa discernir do trecho citado, o que é lembrança, o que é memória construída e o que é aleatória predileção pela mãe — o que me tencionaria a relacionar e refletir a respeito do *Complexo de Édipo* freudiano⁹⁹ —, uma vez que a proximidade e a afetividade com ela eram mais efetivas. E são exatamente essas características dos pais, reverberadas na personalidade de Franz Kafka, que interessa para essa pequena biografia que proponho traçar. O escritor expressou em uma carta, a visão que tinha da personalidade autoritária do pai, de forma crítica. Esboça em outros momentos o interesse por assuntos teológicos e culturais — assim como seus parentes maternos — cuja principal característica descrita por ele é o interesse por estudar e conhecer a respeito da cultura judaica e de temas metafísicos e espirituais.

⁹⁷ Julie ajudava seu marido Hermann no comércio de tecidos, precisando se ausentar das funções domésticas, delegando a algum empregado ou professor particular parte da educação dos filhos.

⁹⁸ KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. *Op. cit.*, p. 25.

⁹⁹ Cf. FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. Coleção Obras Completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

São abordagens prévias de suma importância para a análise biográfica que darei continuidade no presente capítulo. Sua vida pessoal; sua rotina; seu trabalho; sua família e suas companhias: anotações presentes nos diários, em que traz uma série de acontecimentos; opiniões e relatos valiosos para historiadores preocupados em se debruçar acerca de sua trajetória. Além disso, são questões determinantes para o modo como ele se relaciona com a sociedade do seu tempo e espaço. As informações elencadas são rastros e peças que podem constituir parte da vida de um indivíduo.¹⁰⁰ Portanto, faz-se importante atentar também para a biografia de seus pais.

No judaísmo, quando o homem completa treze anos de idade, alcança a vida adulta. Quando ocorre o *Bar Mitzvá*¹⁰¹. Hermann Kafka começou sua trajetória independente um ano após essa passagem, aos quatorze, seguindo um caminho longo até se consolidar como comerciante. Na segunda metade do século XIX, houve uma melhora na posição econômica dos judeus austríacos, pois a conjuntura era favorável ao aumento da produção têxtil e na criação de pontos de venda domésticos nas áreas como a Boêmia e a Morávia¹⁰², cuja demanda por produtos manufaturados deu oportunidade para judeus construir suas fortunas e se consolidarem no mercado. Atrelado a isso estava a luta desses indivíduos por empreender, tomando conta da maior parte da classe média judaica naquele momento.

A característica que mais interessa na trajetória do pai de Franz Kafka — e demais comerciantes que prosperaram — e que se coaduna com a crescente do comércio de tecidos, é justamente a preponderância de determinados aspectos de suas personalidades que os favoreceram na dinâmica competitiva do capitalismo emergente. E são justamente essas características que influenciaram as relações familiares desses homens.¹⁰³ A obstinação pelo comércio e pelo trabalho, tendo sua atenção em grande parte voltada para os negócios, reverbera na relação de Hermann com seu filho e por conseguinte na educação do mesmo. Ressalto também, a participação de sua mãe na loja, mesmo que de forma menos intensa,

¹⁰⁰ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia AME escrita da História: possibilidades, limites, tensões... *Op. cit.*, p. 160.

¹⁰¹ Bar Mitzvá é uma cerimônia que insere o jovem judeu como um membro da comunidade judaica. Ocorre quando a criança chega na idade de 13 anos, marcando uma passagem para a vida madura.

¹⁰² Dois territórios amplamente percorridos pelo, ainda jovem, Hermann Kafka, durante seis anos.

¹⁰³ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 7.

mas que culminou na contratação de empregadas e governantas para a criação dos filhos.¹⁰⁴ Significativa ausência, pois, é a mãe o lado mais afetivo reconhecido por Franz Kafka em suas cartas e diários.

O jovem percorreu durante seis anos as áreas rurais da Boêmia e da Morávia. Dentre os acontecimentos de suma importância para a consolidação da personalidade de Hermann, está a sua convocação pelo exército austríaco, aos dezoito anos de idade, em 1872, ocupação que durou dois anos, na qual encerrou a carreira militar sob a patente de sargento. Com destino a Praga, disposto a buscar uma melhor condição de vida e de comércio, fixou-se no bairro pobre de *Josephstadt*, um antigo gueto da cidade. Em 1883 casou-se com Julie Löwy, ano em que tiveram seu primeiro filho.

1.2.1 O pequeno Franz Kafka

O autor mundialmente famoso nos dias de hoje, conhecido por sua vasta e reconhecida obra, tido por alguns críticos de arte e escritores influenciados por ele, como o maior escritor do século XX, nasceu em 3 de julho de 1883; o primeiro fruto da união entre um Kafka e uma Löwy. Na cidade de Praga¹⁰⁵, na Boêmia, cujo território pertencia ao Império Austro-Húngaro. Seu nome foi dado em homenagem ao Imperador Habsburgo Franz Joseph¹⁰⁶. São informações cujo principal objetivo se dá através da minha intenção de demarcar temporal e espacialmente o referido escritor¹⁰⁷.

Franz Kafka teve sua infância marcada pela ausência do pai — na maior parte do tempo —, por conta do já citado negócio comercial (a loja de tecidos e armarinho), era um ambiente caracterizado pelo cotidiano de luta em busca do

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 14.

¹⁰⁵ Atualmente Praga é a capital da República Tcheca.

¹⁰⁶ Franz Joseph (1830-1916), imperador da Áustria e Rei da Hungria.

¹⁰⁷ Não tenho a intenção de abordar Franz Kafka de maneira isolada, atentando apenas para suas particularidades literárias e individualidades, mas relacioná-lo ao seu contexto histórico. A metodologia biográfica da qual me utilizo, como análise de caso, carrega consigo uma função mais restrita do que o estudo de uma trajetória individual. A partir dela, ambiciono estabelecer uma relação entre a vida do literato e a análise macroestrutural da sociedade, uma vez que os detalhes biográficos auxiliam na ilustração da realidade abordada de forma mais ampla, valendo-me do uso de historiografia específica a respeito do contexto em que o biografado viveu e dos acontecimentos correlatos a ele. Cf. AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Revista Dimensões**, n. 24, 2010, p. 160. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

progresso financeiro, o que levou sua esposa Julie a ter responsabilidades com o comércio da família, sendo necessário a contratação de jovens camponesas — que migravam em grande número à cidade em busca de oportunidade — para os afazeres domésticos: desde os cuidados com a casa até o serviço de babá. A distância da mãe se acentuou bastante quando se percebeu que suas qualidades e competências eram essenciais para as vendas, a tornando indispensável, pois Hermann, embora esforçado e dedicado no trabalho, não possuía cortesia e simpatia com os fregueses e os empregados. O que chamou a atenção de Franz Kafka desde a infância, como descrito em sua carta direcionada ao genitor.

Por exemplo, a maneira como você empurrava a mercadoria que você queria se misturasse com outras, para fora do balcão — só a reflexão provocada pela sua raiva valia como ligeira desculpa — e como o funcionário tinha que pegá-la. Ou o seu comentário constante sobre um empregado que tinha tuberculose: “Quanto mais cedo ele morrer melhor, o cão sarnento.” Você chamava os empregados de “inimigos pagos” e isso era o que eles eram, mas mesmo antes de se tornarem isso, você me parecia ser o ‘inimigo pagador’ deles.¹⁰⁸

Ainda na infância, aos quatro anos de idade, presenciou o nascimento e a morte prematura de seu irmão Georg, que nasceu em setembro de 1885 e faleceu devido ao sarampo, no ano de 1887, no mesmo ano em que Julie deu à luz a mais um filho, Heinrich, falecido em abril de 1888, vítima de otite¹⁰⁹. No entanto, pouco se tem escrito a respeito e o próprio Kafka não dedicou muito tempo a essa lembrança, provavelmente pouco tivesse de recordação destas fatalidades. Mas havia ciência do ocorrido, sabia que era o mais velho de seis irmãos, como relata em carta enviada a sua noiva Felice Bauer, em dezembro de 1912¹¹⁰. Anos mais tarde, nascia a irmã de Kafka chamada Gabriele, apelidada de Elli (1889-1941); depois Valerie, também conhecida por Valli (1890-1842); e por último, a mais próxima e preferida do irmão, Ottilie, chamada de Ottla (1892-1943).

Sua infância foi solitária, por muitos anos rodeado de enfermeiras, babás e empregadas da casa, o que proporcionou a constituição de seu temperamento

¹⁰⁸ KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. *Op. cit.*, p. 28-29.

¹⁰⁹ Cf. PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 15.

¹¹⁰ Como detalha o biógrafo. Cf. PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 17. Ver também a referida carta enviada entre os dias 19 e 20 de dezembro de 2012. Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: Correspondencia de la época del noviazgo (1912-1917). Trad. Pablo Sorozábal. Madrid, Nórdica Libros, 2019, p. 577-580, tradução minha.

calmo, triste, sombrio e meditativo, se tornando uma personalidade oposta ao pai.¹¹¹ São agravantes de um momento que compõem uma lembrança negativa da infância, de forma amarga e angustiante, se devendo à distância da mãe e a repressão da figura paterna.

Sua formação se deu em escola de língua alemã — primeiro idioma de Franz Kafka — além das aulas particulares de francês durante dez anos. Em 1889, aos seis anos de idade, foi matriculado na Escola Primária Nacional e Cívica Alemã¹¹², pois existia a cultura de matricular os filhos em escolas que funcionavam, por questões legais, de maneira sectária. A instituição obrigava professores e alunos a utilizarem a língua alemã, algo que o próprio Hermann passou na infância, cumprindo os seis anos compulsórios, tornando-se fluente em alemão através da formação educacional, pois os judeus, tinham a prática de falar em tcheco em casa.

Saber alemão e tcheco beneficiou Hermann desde o início, como uma pessoa do ramo das vendas, tinha que tratar com muitos clientes tchecos, além do boicote (e posteriormente ações armadas) aplicado por parte dos nacionalistas tchecos contra as empresas de propriedade de judeus “alemães”¹¹³ — os que tinham o alemão como idioma principal. Sendo o domínio dos idiomas bastante oportuno para os negócios da família e a expansão pretendida pelo patriarca.

Franz Kafka angariou substancial aversão à instituição escolar por enxergá-la como repressiva e um local de educadores severos e aterrorizantes. O que se justifica pelos métodos utilizados no final do século XIX, cujas características orbitam a intimidação e a disciplina: aspectos marcantes para os alunos. O que fez do escritor — já na vida adulta — recordar com negatividade e culpabilidade os anos escolares, legando aos professores, inspetores, além dos pais e de seus empregados, a negativa opinião a respeito da educação que recebeu na infância. Como ressalta em seu diário na seguinte anotação datada de 19 de junho de 1910:

¹¹¹ KOKIS, Sergio. **Franz Kafka e a expressão da realidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 22-23.

¹¹² *Deutsche Volks und Bürgerschule*. Uma escola com construção tida como sombria, e ameaçadora, situada em uma localidade vulgarmente chamada de Mercado das Carnes, pela sua história de ter mercados com exposições de pedaços grandes de carne, o que na época do pequeno Franz Kafka, já havia se aperfeiçoado em um comércio de peixes. Na localidade havia duas instituições de ensino essencialmente opostas, uma de língua alemã e a outra de língua tcheca.

¹¹³ Cf. PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 32.

Quando reflito a respeito, tenho de dizer que minha educação me prejudicou bastante em vários sentidos. Essa censura atinge um grande número de pessoas, a saber, meus pais, alguns parentes, algumas visitas de nossa casa, vários escritores, uma cozinheira bem específica que, por um ano, levava-me à escola, um monte de professores (que em minha memória tenho de apertar compactamente, caso contrário escapa-me um aqui e ali, mas, visto que os comprimi tanto, o todo se despedaça em alguns lugares), um inspetor escolar, passantes andando lentamente, em suma, essa censura serpenteia como um punhal pela sociedade.¹¹⁴

Embora as lembranças de Kafka sobre a escola sejam demasiadamente negativas e a imagem que tinha da instituição e dos professores fosse algo que o levasse a ter repulsa por aquele momento de sua vida, suas habilidades e aptidões escolares, presentes em suas notas, demonstram um talento e uma dedicação notáveis. Como estudante se destacou, tornando-se popular entre os colegas de classe e muito bem avaliado entre os professores. Gostava de ler e escrever e os fazia sem dificuldade alguma, o que se verifica pela sua série de referências da literatura, da filosofia e da religião judaica, em suas anotações. Destaco os religiosos como a *Talmud* judaica, a Bíblia e os livros sobre a história do judaísmo; os literários como Sherlock Holmes, Flaubert, Dostoiévski e Goethe. São características que o distinguiram da média dos alunos de sua turma nos quatro anos escolares iniciais e obrigatórios, concluindo-os como um aproveitamento academicamente positivo.

Mais tarde, ao concluir as séries iniciais, foi matriculado no Ginásio Humanista Nacional Alemão¹¹⁵, em 1893, a instituição tinha como distinção a preparação de alunos para serem futuros administradores e acadêmicos, contendo em sua grade, cursos de latim e grego. Sua localização era no terceiro andar do Palácio Kinsky, na Praça da Cidade Velha, em Praga. Foi ali que Franz Kafka estudou por oito anos, concluindo os estudos ginasiais em 1901, ou seja: dos dez aos dezoito anos de idade. Seus professores eram em sua maioria padres e monges católicos — mesmo a Igreja não tendo mais o controle da educação desde 1896 —, garantindo a influência e a presença clerical, tanto no sistema educacional quanto na administração. O clima permanecia depressivo e semelhante a um reformatório¹¹⁶, marcado pelo corpo docente ao mesmo tempo muito severo e qualificado. O público em geral — e com os quais Kafka convivia — era de judeus de classe média que

¹¹⁴ KAFKA, Franz. *Diários 1909-1912*. *Op. cit.*, p. 31-32.

¹¹⁵ *Ginásio Altstädter*.

¹¹⁶ PAWEL, Ernst. *O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka*. *Op. cit.*, p. 46.

moravam nos arredores da Cidade Velha, além de crianças advindas de famílias pobres que conseguiam ser beneficiadas por bolsas de estudos pagas pelo Estado. O currículo escolar era determinado e elaborado juntamente com diretrizes vindas de altos escalões do governo, inserindo técnicas disciplinares, regulamentos e relatórios escolares a serem preenchidos; havia interferência no tempo de cada aula ministrada, no plano de ensino e na postura do professor em sala.

Destaco que a hierarquia e o autoritarismo abusivo narrados por Franz Kafka, as leis demasiadamente rigorosas e muitas injustiças cometidas aos mais fracos, não advém — como muitos biógrafos destacam — somente da figura de seu pai Hermann Kafka, pois as instituições de ensino frequentadas pelo escritor também são passíveis de análise e estão presentes nas críticas que fez em seus diários. Não se trata de afirmar categoricamente que os romances têm ligação direta com a Escola Primária Nacional e Cívica Alemã ou o Ginásio Humanista Nacional Alemão, mas que esses são espaços de convivência e de relações que formaram boa parte da percepção de Kafka, dos seis aos dezoito anos e idade, ou seja, por doze anos consecutivos sua rotina consistiu em experienciar, e, por maior parte do tempo de seus dias, na infância e adolescência: viver sob aquela ordem estabelecida pelo sistema educacional embasado pela rigidez da Igreja e do Estado. Invariavelmente são constituintes da formação do senso crítico e da personalidade do indivíduo. Portanto, acredito ser de suma importância levar em consideração o conjunto desses anos como inerente à vida e a obra de Kafka, somando-se aos outros lugares, aos familiares e às vivências.

Franz Kafka entrou no Ginásio como uma criança tímida e solitária, ao formar-se já contava dezoito anos de idade, porém continuava retraído. Os anos seguintes a sua conclusão ginásial foram também decisivos para a composição da personalidade do jovem por trás do escritor consagrado postumamente. A formação profissional, os cursos superiores e a formação intelectual geram ainda mais fonte de debate e rastros a respeito de como o contexto e as vivências influenciam a vida e a obra de um autor.

1.2.2 O jovem Franz Kafka

Após a conclusão do ginásio e os exames finais, passou suas férias em Norderney e Helgoland, na Alemanha, viajando para Munique logo após, a fim de continuar seu curso de Germanística (literatura germânica). De volta para casa, em 1902 ingressou no curso de Direito na Universidade Alemã de Praga¹¹⁷, ocasião que conheceu Max Brod, que veio a se tornar seu amigo mais próximo, a quem Kafka entregou diversas obras inacabadas antes de sua morte, com o pedido de que as queimasse, mas isso é um desdobramento para outro debate, que proporei posteriormente. Em 1906, realizou um trabalho voluntário no campo da advocacia, mesmo ano em que se formou, em 18 de junho, recebendo o título de *Dr. juris*, que equivale à graduação em Direito, pois indica a qualificação para a área profissional do graduado, um doutor em jurisprudência — o que se diferencia do doutorado em uma pós-graduação. Realizou também um estágio no escritório de advocacia de seu tio Richard Löwy em Praga, além de uma atividade interna, chamada de *práxis*, com a duração de um ano, em dois tribunais, como o Tribunal Correccional de Praga.

Dessas experiências se pode inferir que obras como *O processo* e *A colônia penal*, escritos a partir de outubro de 1914, além do texto avulso *Diante da Lei* — posteriormente agregado ao romance *O processo* —, são de suma importância para a defesa do meu argumento de que sua literatura está intrinsecamente ligada a suas vivências e formações profissionais. Afirmo, e somente por isso, que o caráter jurídico e crítico às instituições e processos judiciais problemáticos e passíveis de reflexão, demonstrando um notório conhecimento de locais, trâmites e figuras institucionais que indica como Kafka utilizou-se do aprendizado teórico e prático para expressar sua visão a respeito das relações do indivíduo com a sociedade e o Estado de sua época.

Após se doutorar, em 1907 consegue ingressar em um emprego na Companhia de Seguros *Assicurazioni Generali* (empresa italiana com filial em Praga), e, em 1908 na Companhia de Seguros contra Acidentes de Trabalho do Reino da Boêmia, onde permaneceu até sua precoce aposentadoria em 1922.¹¹⁸ Dois trabalhos que lhe

¹¹⁷ Iniciou em 1901 no curso de Química e em seguida passou para o Direito. Na instituição também frequentou alguns seminários de História da Arte..

¹¹⁸ Como trazem as cronologias biográficas em HELLER, Erich. **Kafka**. Trad. James Amado. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 123-124; KOKIS, Sergio. **Franz Kafka e a expressão da realidade**. *Op. cit.*,

causavam cansaço físico e mental demasiados, tomando o tempo que pretendia dedicar à literatura. Como conta em um esboço de carta que deixou em seu diário, datado de 19 de fevereiro de 1911, cujo destinatário seria seu superior imediato Eugen Pfohl (1867-1919):

Quando quis levantar-me hoje da cama, simplesmente tive um colapso. A razão é muito simples, estou completamente esgotado pelo trabalho. Não devido ao escritório, mas devido ao meu outro trabalho. O escritório só tem uma participação inocente nisso, pois, se eu não precisasse ir até lá, poderia viver tranquilamente para o meu trabalho e não precisaria passar lá todo dia essas seis horas, que, em especial sexta e sábado, porque eu estava cheio das minhas coisas, me torturaram de uma maneira que o senhor é incapaz de imaginar. Por fim, sei-o realmente, isso é apenas tagarelice, a culpa é minha e o escritório tem as mais claras e mais justificadas exigências em relação a mim. Só que precisamente para mim isso é uma apavorante vida dupla, para qual é provável que só reste a saída da loucura. Escrevo isso a uma excelente luz matinal e por certo não o escreveria se não fosse tão verdadeiro e se não o amasse tanto como a um filho.

De resto, amanhã certamente minhas forças já estarão restauradas outra vez e irei ao escritório, onde a primeira coisa que ouvirei é que o senhor me quer longe de seu departamento.¹¹⁹

É inevitável a comparação com sua novela *A metamorfose*, escrita em 1913, período em que o escritor ainda trabalhava na companhia. O trecho caracterizado pela falta de ânimo e forças para iniciar a rotina que culminaria em sua ida ao escritório, se assemelha com a condição em que Gregor Samsa se encontrava — pressionado por todos os personagens adjacentes, pela obrigação de ir ao trabalho — mesmo que de forma fantasiosa, ao narrar: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”¹²⁰. Ele é retratado como alguém que mesmo metamorfoseado em um inseto, está consciente do que acontece à sua volta, possibilitando ao narrador perpassar pelo sentimento de angústia ao narrar a novela.

Destaco a possibilidade de interpretá-la como uma expressão de sua condição naquele momento, exagerando — através de uma escrita *Surrealista* ou de seu *Realismo Mágico* — e chamando atenção para a relação do indivíduo com o

p. 17, e BACKES, Marcelo. Cronologia biográfica. In: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 284-285.

¹¹⁹ KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 40.

¹²⁰ KAFKA, Franz. *A metamorfose*. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 227.

trabalho, em seu caso um trabalho indesejado.¹²¹ Trata-se de um período de muitos conflitos internos que Kafka viveu; questionamentos a respeito do mundo, das relações humanas, além de questões filosóficas, que tiveram especial lugar durante sua formação, quando teve contato com leituras de suma importância para a parte substancial e crítica na composição de suas obras.

Dentre os intelectuais lidos por Kafka estão: Baruch Spinoza, como o primeiro contato com um conteúdo mais radical, sendo uma espécie de “mentor espiritual”, algo que me chama atenção pelo fato do filósofo ter sido um estudioso da ortodoxia judaica, tecendo críticas à religião. Considerações que identifico como influência à visão de Kafka a respeito do judaísmo, sobretudo o de sua família e de conhecidos. Reflexões que possibilitaram racionalizar a religião cuja ordem e tradição estava entranhado nele desde o nascimento¹²². Acrescenta-se às contribuições do pensador holandês sobre Kafka, seus escritos que expressam sua interpretação do Estado e do direito natural, as relações entre o poder, a liberdade e lei¹²³, guardando semelhanças com os romances kafkianos.

Outros filósofos que exerceram influência sobre a obra do autor foram: Friedrich Nietzsche, em uma aproximação com o ateísmo e as questões relacionadas ao nacionalismo alemão¹²⁴ e Arthur Schopenhauer, pela problemática do indivíduo deslocado da totalidade e o drama da individualização existencial, destaque que dentre os livros possuídos por Kafka estava as *Obras Completas de Schopenhauer*¹²⁵. Em variável medida foram suas principais leituras nesse começo de século, em que debatia com amigos a respeito de textos e reflexões filosóficas. Além de ideias políticas e religiosas em grande efervescência nas duas primeiras décadas do século XX. Ressalta-se também o escritor Marquês de Sade¹²⁶, aquele que, para Kafka, pelo teor da escrita melhor representava os tempos modernos: uma espécie de “patrono de seu período”¹²⁷.

¹²¹ Para mais a respeito do surrealismo na obra de Franz Kafka ver KOKIS, Sérgio. **Franz Kafka e a expressão da realidade**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.

¹²² PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 68.

¹²³ Cf. SPINOZA, Baruch. **Tratado Político**. Trad. José Pérez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

¹²⁴ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 69.

¹²⁵ HELER, Erich. **Kafka**. *Op. cit.*, p. 34-35.

¹²⁶ Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade (1740-1814), escritor francês.

¹²⁷ HELER, Erich. **Kafka**. *Op. cit.*, p. 36..

Ainda no ano de 1897 já havia tomado conhecimento e se inteirado a respeito de debates que dentre outros assuntos políticos refletiam sobre o socialismo, posteriormente, em 1910, frequentou vários eventos socialistas¹²⁸. Período no qual se encontrava no Ginásio, cujo círculo de colegas, via no socialismo um sistema plausível, em oposição ao materialismo dos mais velhos, em que as ideias radicais faziam-se cada vez mais influentes, e, ao final da formação ginásial e ingresso no curso superior, Kafka se aproximou de forma primária de pensamentos socialistas, não como um compromisso partidário ou de movimento, mas em questões intelectuais e emocionais.¹²⁹ Atrelado a essas ideias e debates, que chegava aos adolescentes, estava uma trajetória de disputa por espaço político dentro do território há algumas décadas.

O ideário socialista de vertente marxista já havia conquistado significativa relevância no império austríaco, rapidamente angariou apoio do movimento trabalhista tcheco e posteriormente se alastrou entre os intelectuais descontentes e até mesmo a burguesia judaica, especialmente na Boêmia, sendo representados pela liderança do Partido Socialista Austríaco, depositando seu voto em deputados socialistas — menos por total identificação com as ideias econômicas — por falta de outras representações alternativas.¹³⁰

Em 3 de julho de 1924, coincidentemente a sua previsão de 9 de outubro de 1911 — “difícilmente completarei quarenta anos”¹³¹ —, Franz Kafka faleceu no sanatório Hoffmann, em Kierling, sendo enterrado em Praga, entretanto o mundo literário ainda presenciou por alguns anos as publicações inéditas de suas obras e as várias traduções e edições — além dos debates e trabalhos a respeito dos temas nelas contidos —, à revelia de sua vontade, supostamente expressa ao amigo Max Brod.

Durante sua vida o judaísmo esteve presente em sua criação, transversal e paralelamente, seja por meio familiar ou por leituras próprias. É possível encontrar, em suas cartas e diários, críticas à religião, entretanto, a cultura judaica influenciou

¹²⁸ BACKES, Marcelo. Cronologia bibliográfica. *In*: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 284-285.

¹²⁹ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 63.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 61.

¹³¹ KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 71.

sua experiência teológica.¹³² Franz Kafka, desde muito novo, teve uma convivência efetiva e exclusiva com os judeus de sua família e vizinhança, sobretudo no gueto judeu onde residiram os Kafka. Nas escolas onde estudou a maioria dos alunos era composta de judeus¹³³, criando um círculo comunitário e religioso considerável. Torna-se imprescindível, por conseguinte, atentar para a questão cultural de sua trajetória, sobretudo pela relevância de tal aspecto na Europa dos séculos XIX e XX.

1.2.3 Ser judeu em Praga no começo do século XX

A cidade de Praga era o encontro de culturas, línguas e etnias (povos), sendo o alemão falado pelas pessoas mais cultas e ligadas aos governos, logo, estava relacionado ao poder. Os tchecos possuíam um idioma eslavo, derivado de outra família linguística. O que era comum na Europa Oriental, sobretudo no Império Austro-Húngaro. Os judeus tchecos usavam a língua iídiche (uma espécie de dialeto judaico alemão), que tem como característica absorver algumas expressões do meio e utilizá-las.

No caso de Kafka, embora seu idioma escrito e falado fosse o alemão, sua nacionalidade era austríaca. De família e religião judia, de identidade sionista, era tido como “judeu de nação”. Conclui-se que mesmo sendo alfabetizado e educado em alemão, frequentando instituições de língua alemã, além de sua obra ser escrita em alemão, Franz Kafka reside em um lugar complexo, entre a nacionalidade política (territorial) e a nacionalidade linguística.¹³⁴ Em suma, um judeu nascido em Praga, falante e escritor de língua alemã. Acrescenta-se que a questão linguística não se encerrava na identidade do indivíduo, mas também na rejeição por parte do meio social. Para os nacionalistas da Juventude Tcheca, os judeus eram alemães, mas para os alemães, os judeus eram apenas judeus.

Em Praga, classificados como minoria, os falantes de língua alemã decresciam de forma vertiginosa, ao contrário da maioria tcheca. Os falantes do alemão em 1880 somavam 14,6% da população da cidade — data do primeiro levantamento linguístico — caindo para 13,4% em 1889, coincidindo com o primeiro ano escolar de Kafka. A população geral da cidade nesse ínterim era de 303.000 habitantes, dos

¹³² JORGE, Ruy Alves. *Interpretação de Kafka*. São Paulo: L. Oren, 1968, p. 202-203.

¹³³ PAWEL, Ernst. *O pesadelo da razão*: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 57.

¹³⁴ *Idem*.

quais 41.400 indicaram como língua o alemão. Consta que em 1910, esse número sofreu uma queda percentual: 32.000 falantes do alemão em um total de 442.000 habitantes, ou seja 7,3% da população.¹³⁵

Franz Kafka é de uma geração de judeus burgueses, que está situada entre o final do século XIX e começo do século XX, com ligações com o comércio e as empresas de vendas, a exemplo de seu pai, Hermann. A juventude do escritor foi marcada por um judaísmo laico, com traços de intelectualidade e crítica. Sofreu influência do movimento iluminista judaico, que foi derivado do Iluminismo europeu. O denominado de Haskalá, que possuía alguns projetos e objetivos: *i)* a emancipação dos judeus, junto a sua saída dos guetos; *ii)* inserir o povo semita em profissões “proibidas” para eles, possibilitando-os a inserção na universidade e a participação na sociedade externa; *iii)* modernizar o judaísmo e os judeus; e *iv)* manter a sua identidade étnica, permanecendo cidadãos de um determinado Estado, nação, etc. com a permanência na fé mosaica, negando o nacionalismo judaico. Em suma, se inserir na sociedade e seguir com suas crenças religiosas.¹³⁶

É um momento em que Praga é povoada por muitos judeus, logo, há um conflito inerente a essa localidade em relação a ser — ou permanecer sendo — um judeu ortodoxo ou optar pela modernização na religião. Além disso, outra problemática era a de se deveriam se inserir na sociedade não judaica. Todos os amigos que Kafka menciona, são judeus, além de suas noivas. Em suma, seu círculo de amizades. Logo, embora não houvesse ortodoxia religiosa por parte de seus pais, suas companhias eram majoritariamente pertencentes à comunidade judaica de Praga e de Berlim. Mesmo se modernizando, os fracassos nos noivados representaram uma tensão na família de Kafka, seja pelas indagações da mãe, ou pela reprovação do pai diante da vida amorosa do filho.¹³⁷

¹³⁵ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 31.

¹³⁶ Para mais a respeito do Haskalá ver NISKIER, Arnaldo. Os méritos da Haskalá. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 97-100, jan./jun. 2011. Entrevista concedida a Moacyr Scliar pelo professor e pesquisador universitário, em 2010. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/22367/13023>>. Acesso em: 04 maio. 2022.

¹³⁷ Cf. PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*

1.2.4 *In memoriam* de Elli kafka, Valli Kafka e Ottla Kafka

Todas as três irmãs de Franz Kafka foram mortas em campos de concentração nazistas durante o Terceiro Reich, liderado por Adolf Hitler entre os anos de 1933 e 1945, período que compreende a criação de guetos (para manter) judeus, de maneira ainda mais segregacionistas; campos de concentração e áreas de extermínio, descobertos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em 1941, as tropas de ocupação alemãs deram início à prisão e deportação de judeus da Tchecoslováquia. No mês de outubro do mesmo ano, as irmãs Elli, Valli e seus respectivos esposos foram encaminhados para o gueto da cidade de Lodz, na Polônia. Ambas faleceram por lá. Ottla, por ser casada com um “ariano”, foi isentada das ordens nazistas que afetaram os judeus. Inconformada com esta situação, se divorciou formalmente do marido, tornando-se novamente uma judia. Em agosto de 1942 foi presa e teve sua deportação decretada para o gueto de Terezin, um município tcheco. Em 5 de outubro de 1943, se ofereceu como voluntária para acompanhar crianças no transporte que foi para Auschwitz, onde passou os últimos dias antes de sua morte.¹³⁸

1.3 “QUEIME MEUS ESCRITOS”

Franz Kafka disse a seu amigo Max Brod em 1922, dois anos antes de falecer¹³⁹, que destruísse seus escritos.¹⁴⁰ O que não ocorreu, visto que suas obras foram publicadas, amplamente traduzidas e editadas em vários países dos mais distintos continentes, com múltiplas edições e reedições. Kafka já havia publicado alguns trabalhos antes de morrer, deixou outros inacabados, entregando-os a Max Brod. O pedido, embora carregue algum sentido, visto a incompletude das obras na data em que foi feito, é passível de apontamentos e questionamentos importantes a uma abordagem mais reflexiva.

Em vida sua primeira obra foi publicada em 1913, sob o título de *O julgamento*; na mesma data lança *O Fogueiro*, o qual lhe rendeu o Prêmio Fontana de Literatura em 1915, data em que publicou *A metamorfose*, sua mais conhecida obra e a mais

¹³⁸ PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. *Op. cit.*, p. 86.

¹³⁹ Doença que já se fazia presente há anos, sendo agosto de 1917 o início dos sintomas mais graves como escarrar sangue. Em 4 de setembro tem o diagnóstico de tuberculose, no mesmo mês em que se afasta do emprego.

¹⁴⁰ Cf. BACKES, Marcelo. Cronologia Biográfica. In: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, 257.

marcante do seu *Realismo mágico*. Em 1919, *Na Colônia Penal* e *Um Médico do Interior*¹⁴¹, mesmo ano em que escreve a carta direcionada a seu pai. Em sua última ação no intuito de publicar alguma obra, finalizou *Um Artista da Fome* em 1923, porém morreu antes de vê-la lançada. Seus últimos suspiros literários consistiram em escrever *Josefina, a Cantora* (ou *As Ratazanas*), ainda em Berlim, antes de ser levado à Praga e posteriormente sendo internado no sanatório de Kierling.

Após seu falecimento e sepultamento ocorre a publicação de *Um Artista da Fome*, em 1924. Um ano depois, em 1925, Brod se encarrega de publicar *O processo*; em 1927, *América* (ou *O desaparecido*); em 1926 *O castelo*. Essa última foi abandonada por Kafka em 1922 por motivos de saúde, algo que tornou sua vida ainda mais melancólica,¹⁴² pois a obra já contava com diversos capítulos, um volume considerável, escrita de forma dedicada de janeiro a setembro de 1922, no entanto inacabada. Já *O processo* resultava de um trabalho de anos, pois seu início consta de outubro de 1914, mesma data em que escreveu o célebre e notável texto intitulado *Diante da Lei* (ou *Perante a Lei*), posteriormente incorporado como um capítulo ao romance acima citado, dois escritos com temática evidentemente semelhante, abordando a lei e a burocracia jurídica.

As publicações aqui citadas, sejam elas finalizadas e lançadas em vida ou as inacabadas e divulgadas postumamente, formam um conjunto importante de histórias que trazem personagens singulares para a análise que proponho realizar, relacionando-as com o contexto histórico e espacial de Franz Kafka, me apoiando em diários e cartas que o autor remeteu a amigos, como Max Brod, a seu pai Hermann Kafka, a sua noiva Felice Bauer¹⁴³ e sua namorada, e tradutora de Tcheco, Milena Jesenská.

No ano de 1921, Kafka entrega todos os seus diários — chamados de *cadernos in-quarto* — a Milena, não em forma de pedir que ela os destruía, mas como uma doação. Em 15 de outubro, escreve que todos os seus cadernos haviam sido doados à moça. Algo considerável para a divulgação futura de seus

¹⁴¹ Possivelmente inspirado em seu tio, o médico Siegfried Löwy, de quem Kafka mais gostava.

¹⁴² LIMA, Luiz Costa. **Limites da Voz**: Kafka. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 129.

¹⁴³ Foi noivo de Felice Bauer por duas vezes, primeiro entre maio de 1914, em Berlim, até junho do mesmo ano. Em 1915 se reconciliaram, o segundo noivado ocorreu de julho de 1917 até dezembro do mesmo ano. Além de Bauer, noivou com Julie Wohryzek em 1919, rompendo no mesmo ano. Cf. BACKES, Marcelo. Cronologia Biográfica. In: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 257.

pensamentos e inquietações mais íntimas. Questiono: por que Kafka pediu a Milena que recebesse seus diários e os doou a ela, mas um ano depois pediu a Max Brod que fizesse o oposto com suas obras inacabadas, que as destruísse? Obviamente que há distinções entre um conjunto de textos literários inacabados e um conjunto de anotações. Max Brod era amigo de Kafka há mais tempo do que Milena e até mais qualificado a respeito de sua obra, no entanto não confiou a ele seus escritos particulares. Possivelmente lhe inquietava a possibilidade de seus romances serem preservados e tomarem desfechos indesejados, evitando a possibilidade de alguém modificá-los e concluí-los após sua morte. Já a respeito de Milena, por quem nutria considerável paixão, demonstrou tranquilidade em compartilhar essa valiosa parte de sua extensão artística¹⁴⁴.

Há cerca de uma semana, dei todos os meus diários a M[ilena]. Um pouco mais livre? Não. Serei ainda capaz de manter uma espécie de diário? Seja como for, será algo diferente, um diário que vai, antes, se esconder, nem sequer será; sobre Hardt, por exemplo, que, afinal, deu-me relativamente muito em que pensar, eu só seria capaz de anotar alguma coisa com enorme esforço. É como se já tivesse escrito tudo sobre ele há muito tempo, ou então, o que dá no mesmo, como se eu não estivesse mais vivo. Sobre M[ilena], decerto poderia escrever, mas tampouco de livre e espontânea vontade, além do que seria algo que se voltaria demasiado contra minha própria pessoa; já não preciso, como antes, tomar consciência detalhada dessas coisas; nesse aspecto, não sou tão esquecido como já fui, tornei-me uma memória viva, daí a insônia.¹⁴⁵

1.3.1 A língua de Franz Kafka

Recentemente, lendo a apresentação de um livro com o qual colaborei com um texto a respeito de Franz Kafka e sua potencialidade intelectual¹⁴⁶. Os organizadores utilizaram dois adjetivos para descrever Kafka. Segundo eles se tratava de um capítulo a respeito de um “literato alemão”¹⁴⁷. Por ora, discordei do adjetivo concernente a suposta nacionalidade do escritor, pois é sabido e o caracterizei em meu texto como um judeu nascido em Praga. É uma obviedade afirmar que Kafka

¹⁴⁴ Chamo “extensão artística” os escritos de Kafka elaborados sem o propósito de compor uma obra de arte, ou seja suas cartas e diários.

¹⁴⁵ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. 1. ed. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021, p. 507.

¹⁴⁶ Cf. PEREIRA, Luiz Fernando Soares. Franz Kafka e as possibilidades interpretativas no campo intelectual. In: SANTOS, Cleber Ferreira dos; OLIVEIRA, Ueber José (Orgs.). **Intelectuais e Ideias políticas: História, Cultura e Poder**. Vitória: Milfontes, 2020, p. 71-86.

¹⁴⁷ SANTOS, Cleber Ferreira dos; OLIVEIRA, Ueber José. Apresentação. In: SANTOS, Cleber Ferreira dos; OLIVEIRA, Ueber José (Orgs.). **Intelectuais e Ideias políticas: História, Cultura e Poder**. Op. cit., p. 8.

era tcheco, entretanto, a problemática não se reduz ao seu local geográfico de nascimento, mas agrega à questão a língua falada e a língua escrita do mesmo.¹⁴⁸

Suas obras foram escritas no idioma alemão, o que gerou, posteriormente - e ainda se faz presente nos dias de hoje - um debate a respeito do pertencimento de Franz Kafka e sua literatura. Em 1944, no Brasil, o crítico literário austríaco (naturalizado brasileiro) Otto Maria Carpeaux, escreveu um artigo no jornal carioca *O Jornal*, abordando a identidade linguística de Franz Kafka. Ressalta que anúncios desse período o traziam como um “escritor tcheco” ou “tchecoslovaco”, algo que levou muitos leitores a acreditar que tratava-se de uma tradução de uma obra cuja língua original era o tcheco. Um grande equívoco. Toda sua obra foi escrita em língua alemã, que é sua língua materna. É necessário, portanto, separar a nacionalidade política e a nacionalidade linguística: no caso de Kafka, o tcheco e o alemão, respectivamente.

Para compreender essa complexidade, pode-se exemplificar com o fato de um escritor nascido na Inglaterra escrever em inglês e um nascido em Portugal escrever sua obra em português. Já um escritor canadense, possui a opção de escrever em francês ou em inglês; um nascido na Bélgica, pode ser um escritor de língua francesa ou em língua holandesa (flamenga). Esses dois últimos casos são semelhantes ao que referi a Kafka, pois o Império Austro-húngaro se compunha de diversas nacionalidades com línguas diferentes.¹⁴⁹

Em 2013, a pesquisadora Judith Butler abordou a disputa que havia acerca do espólio do escritor.¹⁵⁰ Se trata do acervo contendo os manuscritos de Franz Kafka entregue a seu amigo Max Brod, ficando com a secretária de Brod, Esther Hoffe, após sua morte, e depois da morte desta, a discussão pela posse das anotações e obras inacabadas até então armazenadas em Zurique e em Tel Aviv, gerou um intenso debate a respeito do pertencimento de Kafka e sua obra.

¹⁴⁸ Para mais a respeito da questão linguística em Praga Cf. GUINSBURG, Jacob. **Círculo Linguístico de Praga**. (Org.) Trad. Jacob Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

¹⁴⁹ Cf. CARPEAUX, Otto Maria. A linguagem de Kafka. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 27 jan. 1944, p. 7. Disponível em: <<https://ottocarpeaux.medium.com/a-linguagem-de-kafka-8abcda4fb062>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

¹⁵⁰ Cf. BUTLER, Judith. A quem pertence Kafka?. Trad. Tomaz Amorim Izabel. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 222-260, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10767>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

A disputa envolveu a Biblioteca Nacional de Israel e o Arquivo Literário de Marbach, na Alemanha, em que um processo foi aberto em Tel Aviv a fim de decidir os responsáveis por gerir as várias caixas contendo os manuscritos. Para a primeira a obra de Kafka não deveria pertencer a pessoas físicas, como as filhas da secretária, mas sim ao “bem comum”, ou seja, o que consideram como sendo o povo judeu. O que leva em consideração a origem judaica de Kafka. Logo, propõem compreender sua vasta obra como um “ativo” desse grupo étnico, não no sentido financeiro, mas de pertencimento cultural. Uma vez que o escritor é reivindicado essencialmente como um artista judeu, ele deve ser de pertencimento primeiramente à comunidade judaica. A problemática não se esgota nesta argumentação, pelo fato de haver críticas se o Estado de Israel é o representante automático do povo judeu, mesmo aqueles que vivem e viveram ao redor do mundo, ou seja, fora do território do Estado de Israel.¹⁵¹

A segunda parte, que reivindica os manuscritos, é o Arquivo Alemão de Literatura em Marbach, que entende ser o “lar natural” e apropriado de Kafka e sua obra. Onde está localizado o manuscrito de *O processo*. O argumento agrupa alguns fatores de ordem material e de estrutura, pois alega que assim evitariam uma maior fragmentação da obra, bem como as instalações de Marbach, a fim de conservar tais materiais. Ou seja, a Alemanha teria uma maior segurança. Além disso, há outra argumentação, essa de ordem retórica, que defende o pertencimento de Kafka à literatura alemã e, mais especificamente, à língua alemã. Apesar de não afirmarem de forma categórica que ele faz parte dos cidadãos alemães, mas que seu pertencimento está no campo linguístico.¹⁵²

A resolução de tal questão é menos importante do que o debate em torno dela, a partir do necessário título do artigo de Butler (2013) *A quem pertence Kafka?*, pois se trata de uma figura complexa: nascido em Praga, no antigo Império Austro-Húngaro, atualmente pertencente à Tchecoslováquia, judeu de família e descendência, e sua primeira língua foi o alemão, nos colégios e na faculdade que cursou.

Gilles Deleuze e Félix Guattari já haviam abordado tal complexidade, no que tange à língua alemã falada na Tchecoslováquia no referido período, com efeito,

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 225-227.

¹⁵² *Ibidem*, p. 232-233.

uma língua desterritorializada.¹⁵³ Entendem a literatura de Kafka como *menor*, a caracterizando por aquela que uma minoria linguística elabora dentro de uma língua maior. Assim sendo, é inerente a ela a característica da desterritorialização, em que Kafka — segundo os autores — reside no impasse da impossibilidade do acesso à escrita aos judeus residentes em Praga, como ele próprio, de forma a fazer desse impasse um símbolo do impossível. Impossibilitado de escrever em alemão ou em outra língua (como ele mesmo reflete em carta a Max Brod). Primeiro porque o alemão significava naquele momento a desterritorialização dos judeus de Praga que não faziam parte da população alemã, mas que falavam sua língua. Segundo porque não podiam produzir em outra língua senão em alemão, pois, para os judeus daquela cidade, havia no idioma o sentimento de correlação à territorialidade primitiva tcheca.¹⁵⁴

O fato é que Franz Kafka se tornou um dos escritores mais influentes e lidos no século XX, algo expandido pelo idioma alemão e pelas traduções dele feitas. O artista figura um cenário frutífero e particular na literatura europeia, ao lado de *personas* como Marcel Proust e James Joyce, cada um a seu modo, marcando uma época.

1.4 UM ESPECTRO LITERÁRIO RONDA A EUROPA

Vários artistas podem ser relacionados ao conjunto de autores cujo momento vivido é passível de abordagem junto às respectivas obras escritas ao redor do mundo. No Brasil, por exemplo, alguns literatos são fundamentais para compreender o momento de transição do século XIX para o século XX. São de suma importância para a literatura e a história do país. Nomeio alguns como Machado de Assis (1839-1908); Euclides da Cunha (1866-1909); Aluísio Azevedo (1857-1913); Lima Barreto (1881-1922) e Monteiro Lobato (1882-1948). Na Europa, cujo clima mais se aproxima do experienciado por Franz Kafka, há também nomes notáveis para a experiência literária do continente e de seus respectivos países, como o francês Marcel Proust (1871-1922) e o irlandês James Joyce (1881-1941), os quais utilizo a

¹⁵³ DELEUZE, Gilles; FÉLIX Guattari. **Kafka**: para uma literatura menor. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p. 103.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 38-39.

fim de relacioná-los ao escritor de Praga para ampliar o olhar analítico a respeito desse “espectro” literário que circundou a Europa durante a passagem dos séculos.

James Joyce que nasceu em 2 de fevereiro de 1882 — um ano antes de Franz Kafka — na Irlanda e faleceu em 13 de janeiro de 1941, na Suíça, quase duas décadas após o escritor tcheco, foi um romancista, cronista e poeta de suma notoriedade em sua época, sendo considerado um dos maiores escritores do século XX. Dentre suas obras, há quatro que são intensamente revisitadas e debatidas, como os romances *Um retrato do artista quando jovem* (1916); *Ulisses* (1922); *Finnegans Wake* (1939) e *Dublinenses* (1914), que reúne contos escritos entre os anos de 1904 e 1914. São narrativas de suma complexidade, mas também ricas na utilização de métodos descritivos e nas inovações utilizando-se da *mímesis*, o que busco comparar com a liberdade autoral de Kafka.

No começo do século XX, Joyce lançou mão de determinados temas como o humor e o sexo, algo muito presente em sua obra¹⁵⁵. Sua escrita é dotada de artifícios reflexivos, no entanto evita que as reflexões filosóficas, morais e sociais tomem a cena e invadam a sua narrativa, de forma que a sutileza se faz cada vez mais presente, sem deixar de gerar pensamentos críticos com os enredos literários, contendo em sua subjetividade: a transgressão, a ironia, o caos e a fragmentação da consciência e dos acontecimentos,¹⁵⁶ dentro de sua narrativa, o que diversas vezes conecta o leitor a um *sentimento oceânico*¹⁵⁷. Determinada sensação encontra paralelo com o *mal-estar* presente nas questões de ordem social. Algo que em Franz Kafka emerge das relações conflituosas entre o indivíduo, a sociedade e o Estado, a partir de uma crise da modernidade presente no começo do século XX.

Determinados conflitos presentes em algumas obras, sobretudo nos contos *Dublinenses*, demonstram o aprisionamento dos personagens por meio de convenções sociais, muito embora sua narrativa permita a aparição dos desejos dos indivíduos.¹⁵⁸ Trata-se de uma série de contos escritos no intervalo de dez anos, em

¹⁵⁵ PETERSON, Michel. Ulysse, de Joyce: Une logique de la sensation. **Nuit Blanche**, n. 102, p. 56, mar./jul. 2006. Disponível em: <<https://id.erudit.org/iderudit/20076ac>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 58.

¹⁵⁷ Cf. FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 306.

¹⁵⁸ D’AGÓDIA, Marta Regina de Leão. Psicanálise e Literatura: por que ler James Joyce?. **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, n. 34, p. 112, dez. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n34/n34a16>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

que Joyce observa e narra o comportamento e as relações sociais e pessoais na cidade de Dublin, a qual conhecia desde que nasceu, em 1882. Em *Um retrato do artista quando jovem*, o tema do controle reaparece, dessa vez através da aproximação da Igreja Católica com os poderes de âmbito secular, sobretudo no que tange à vigilância dos costumes, comportamentos, sentimentos e mentes¹⁵⁹.

Ulisses, por sua vez, tida pelos críticos como sua obra prima, além da notória e marcante inovação da escrita literária, narra a trajetória do judeu irlandês Leopold Bloom, muito semelhante a um herói trágico, demasiadamente humano, sem as perfeições heroicas dos antigos. Um indivíduo que é estrangeiro e excluído, tratado muitas vezes com rejeição, com violência e desconfiança¹⁶⁰, como Joseph K.¹⁶¹ e, de forma mais semelhante, o agrimensor K.¹⁶² dos romances kafkianos. São características que se fazem presente de forma acentuada nos livros de James Joyce permitindo certos paralelos.

Assim como Kafka, sua educação também se deu de forma rigorosa, mas em seu caso por meio dos jesuítas, uma vez que era de família católica. E seu pai também estava ligado a negócios e economias, entretanto não era comerciante como Hermann, mas cobrador de impostos. Intelectualmente destacam-se seus estudos a respeito das correntes artísticas que emergiram na Europa, a fim de compreender o momento literário que passava por um processo de transformação, como aquilo que o literato argentino Jorge Luis Borges caracterizou de “evolución literaria europea”¹⁶³, em sua conferência na Universidade Nacional de La Plata, em 1960, a respeito do gênio artístico de James Joyce. Para ele é importante destacar as duas vanguardas observadas por Joyce: *Naturalismo* e *Simbolismo*. Duas linhas opostas, uma vez que os naturalistas propunham a transcrição da realidade através da arte, como é o caso do escritor francês Émile Zola (1840-1902).

Já os simbolistas defendiam diametralmente o oposto, ou seja, que nada é capaz de expressar o real, tampouco descrevê-lo, sendo assim o artista deveria sugerir através de símbolos a mensagem desejada, como exemplo o poeta irlandês

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 113.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 114.

¹⁶¹ Cf. KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Lívia Bono. 1. ed. Cotia: Pé da Letra, 2018.

¹⁶² Cf. KAFKA, Franz. **O castelo**. Trad. Deborah Stafussi. Barueri: Novo Século, 2017.

¹⁶³ BORGES, Jorge Luís. Conferencia sobre James Joyce. In: Universidad Nacional de La Plata, 1960, La Plata. Transcripción Matías Carnevale. **Variaciones Borges**, n. 45, p. 210, abr. 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/eDEG9>. Acesso em 11 fev. 2021.

William Yeats (1865-1939). Para Borges, é o movimento que mais se aproxima à tradição literária europeia, à medida que a literatura é constituída de palavras, e palavras por sua vez são símbolos, mas para que eles trabalhem e executem suas funções, é preciso que sejam compartilhados.¹⁶⁴ Embora sua comunicação se encaminhe a demonstrar sua preferência pela segunda corrente, Borges volta à imparcialidade, afirmando: “Joyce se interessava por ambos os métodos. Quase poderíamos dizer que Joyce se interessava por tudo que fosse literatura”¹⁶⁵.

De semelhante grandeza e importância para a escrita europeia, cuja proporção e alcance comparei anteriormente a Franz Kafka, cito Marcel Proust, que figura entre os principais escritores de sua época. Nascido em 10 de julho de 1871 na França, mesmo país em que faleceu na data de 18 de novembro de 1922, com alguns anos de diferença, viveu o mesmo interregno que Kafka, algo importante para os pontos que destaco a partir da minha leitura acerca da visão que a literatura europeia possuía do mundo naquele começo de século. Publicou seu primeiro livro aos 25 anos, na data de 1896, sob o título de *Prazeres e Dias*, ainda não demonstra o gênio proustiano das obras posteriores, no entanto demonstrava uma faceta biográfica, mesmo que classificado como estilisticamente amador. O que historiadores e críticos tomaram como uma narrativa inocente e uma fonte de diversão.¹⁶⁶

Mesmo na fase inicial da carreira, Proust já apresentava traços característicos de suas obras, como o sofrimento. Ainda em *Prazeres e Dias*, já emerge alguns indivíduos de consciência delicada, algo que se pode chamar de “uma psicologia do sofrimento”¹⁶⁷, ainda que o sentimento não seja propriamente o que mais se destaca, ele está presente e perpassa a narrativa. Se há alguma marca essencial aos romances escritos por Franz Kafka indico ser o sofrimento, seja através de seus personagens, de seus enredos ou da condição individual dos homens descritos por ele. São marcas que compõem de forma narrativa o cenário que fora imaginado por ele ao escrever suas histórias.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 211.

¹⁶⁵ “Joyce le interesaban ambos métodos. Casi podríamos decir que a Joyce le interesaba todo lo que fuera literatura”. *Ibidem*, p. 212 (grifo nosso).

¹⁶⁶ MARINČIČ, Katarina. Les Plaisirs et les Jours et Le Mystérieux Correspondant: quelques réflexions sur l'œuvre de jeunesse de Marcel Proust. **ACTA NEOPHILOLOGICA**, Ljubljana, v. 53, p. 208, 2020. Disponível em: <<https://revije.ff.uni-lj.si/ActaNeophilologica/article/view/9686/9158>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 212.

É mister caracterizar Proust como um escritor modernista, sendo sua grande obra intitulada *A procura do tempo perdido* (*À la recherche du temps perdu*), que é considerada um cânone literário do século XX, com efeito chama atenção o longo processo de sua feitura, iniciada em 1908 e continuada até sua morte em 1922, sendo publicada em sete volumes, no intervalo de 1913 a 1927. Chamo atenção para o fato de Proust acomodar sua obra na cultura e na sociedade, dando-lhe sentido e origem a partir dessa acomodação. É justamente por isso que se pode dar-lhe a denotação de moderno, atrelando-o à sua capacidade de compreensão e sensibilidade do mundo.¹⁶⁸

Tanto o literato francês como o escritor de Praga, pela forma de fazer transcorrer na arte, um fluxo de pensamentos (psicológico e reflexivo), que não coincidentemente darão aos dois autores o lugar na estante de diversos estudiosos de psicanálise e pesquisadores que se debruçam sobre o pensamento moderno. São literatos importantes no estudo histórico e artístico de um mesmo período.

Obras como as de Proust são de suma importância para o entendimento de questões históricas, culturais e sociais. No caso do francês, foi amplamente debatida a problemática da possível resposta que ele estaria dando àquela realidade. O que ocupa uma oportuna reflexão sobre o lugar social ocupado pela obra francesa e de seus contemporâneos, pois embora muitos enxergassem o modernismo literário como uma resposta ao que estava posto, outros o viam como parte constituinte do problema. Uma posição paradoxal a respeito do local que ocupava a arte modernista no imaginário e na vida social europeia.¹⁶⁹

O que assemelha — guardadas as devidas idiosincrasias no que tange aos aspectos espacial e temático — entre os escritores Kafka, Joyce e Proust é a relação que os três tiveram com o tempo e a sociedade de sua época, cada qual respectivo a sua localidade, e de como invariavelmente essa relação aparece em suas obras, de forma conflituosa, propositiva e reflexiva, a suas maneiras, marcando a literatura europeia do século XX de forma ímpar. São autores que possuem célebres romances e contos, cuja riqueza narrativa e literária são destacáveis em

¹⁶⁸ HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Como Proust foi moderno: entre debates literários e conflitos culturais. **História da Historiografia**. Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 91, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/729/496>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 93.

críticas e análises, pela composição estética e inovação que proporcionaram. Há também o caráter autobiográfico e pessoal de muitas de suas famosas estórias, influenciados pelo cenário conflituoso que os tencionaram a elaborar seus enredos da forma com que foram feitas.

São indivíduos, em geral, de classe média, com possibilidade de conhecer e vivenciar os acontecimentos e o espírito literário europeu, haja vista suas viagens por cidades centrais e inspiradoras para suas obras. Franz Kafka, passou por Berlim, Viena e Paris, sempre voltando à Praga, onde nasceu e viveu toda a vida. Suas viagens se deram muitas vezes com seus amigos, também ligados à literatura¹⁷⁰. James Joyce que tem bastante influência de Dublin¹⁷¹, pois nasceu em uma cidade vizinha: Terenure, mas também fez viagens a Pula (Croácia) e a Trieste (Itália), que pertenciam ao Império Austro-Húngaro; algumas vezes para Paris, e finalmente se estabeleceu em Zurique, na Suíça. Algumas delas foram locais de autoexílio do escritor. Marcel Proust, embora tenha nascido nos arredores de Paris, passou longas férias em Illiers, também na França, que o inspirou na criação da cidade de Combray¹⁷², em seu célebre romance; também fez viagens por Veneza e Holanda.

São determinadas experiências literárias e de vida que proporcionam uma leitura contextualista de suas biografias, visando a comparação entre os três escritores, levando em consideração suas particularidades estéticas e os aproximando sob o espectro literário da Europa do século XX. Um momento de particular instabilidade na história da humanidade.

1.5 A MODERNIDADE VIVIDA POR KAFKA

A expressão modernidade denota um tempo entendido como novo, seu aspecto formal passa a ganhar sentido quando posto em contraste com a época anterior, o tempo velho [*alte Zeit*] ou “quando empregado como conceito de época,

¹⁷⁰ Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.* e KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*

¹⁷¹ Cf. JOYCE, James. **Dublinenses**. 1. ed. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹⁷² Cf. PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Vol. 1. Trad. Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.

em oposição às definições do período de tempo anterior”¹⁷³. A introdução de um “novo tempo” a fim de denominar um período específico está contida em dois usos (significados) linguísticos: *i*) a que, grosso modo, de início não se destacou como um significado de período/época, e, *ii*) quando o significado específico da época só se evidenciou de maneira consciente, o que aconteceu durante o Iluminismo. Tais significados podem se resumir historiograficamente como tempo moderno, depois de um intervalo, visando enfaticamente a apresentação de algo inteiramente novo, nunca antes existido.¹⁷⁴

A modernidade inaugurou uma nova visão acerca do mundo, com ela surge sua própria doutrina política¹⁷⁵ e a utopia dos séculos XVI e XVII¹⁷⁶. Uma proposta otimista e organizada, em fosse possível ter esperanças na elaboração de uma sociedade mais justa.¹⁷⁷ Com os iluministas, fundamenta-se teoricamente as bases dessas ideias. No entanto, também é o momento da descrença, da instabilidade e da desconfiança nas instituições vigentes, um momento de crise e reformulação das ideias políticas. Se o conceito de modernidade caracteriza algo novo em relação ao período anterior, o espaço moderno que compreende o final do século XIX e começo do século XX pode ser interpretado como um momento de crise da modernidade. Como salienta Koselleck, “toda crise escapa ao planejamento, ao controle racional sustentado pela fé no progresso”¹⁷⁸, e é essa atmosfera, de pensamentos em movimento, que perpassou e influenciou substancialmente a época de Kafka.

O século XX, portanto, é um momento potencial para a crise da esperança, convivendo, entretanto, com movimentos políticos e suas promessas de progresso. A utopia, que inaugurou o processo dos tempos modernos séculos antes, como resposta ao absolutismo¹⁷⁹ já não se fazia tão presente no imaginário e nas obras

¹⁷³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Mass; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, p. 269-270.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 274.

¹⁷⁵ MARRAMAO, Giacomo. **Poder e Secularização**: as categorias do tempo. Trad. Guilherme Alberto Gomes de Andrade. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1995, p. 90.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 92.

¹⁷⁷ Cf. MORUS, Thomas. **Utopia**. Trad. Luís de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

¹⁷⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Trad. Luciana Villas-Boas Castelo Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, p. 139.

¹⁷⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. *Op. cit.*, p. 160.

dos literatos das décadas de 1910 e 1920. O momento em que Franz Kafka viveu coincide com o início da crise burguesa.¹⁸⁰

Embora já dito, valendo-me de Koselleck, que a utopia deu início à experiência da modernidade, uma transição como crítica ao modelo absolutista de poder. Importante considerar também a contribuição do processo de secularização como algo de suma importância para a classificação da modernidade,¹⁸¹ com apoio na análise que Giacomo Marramao realiza sobre a obra de Max Weber¹⁸². Os conceitos mais significativos da moderna doutrina acerca do funcionamento do Estado são derivados da secularização teológica¹⁸³. Esta secularização, que se tornou notável no século XX, sobretudo na vida e obra de Kafka, “se enquadra no mais amplo processo histórico-religioso de desencanto do mundo”¹⁸⁴, em que se pode notar uma expressiva desesperança e iniquidade com o futuro dos tempos modernos, sobretudo pelo enfraquecimento do “princípio religioso-metafísico da liberdade” em um contexto cuja ideia de progresso apresentada era cada vez mais opressora ao ser concretizada.¹⁸⁵

Se até a primeira metade do século XIX, os indivíduos possuíam uma relação com sua realidade, através de uma imediatidade ou proximidade, assegurando uma determinada estabilidade; em contrapartida, a partir da segunda metade do século XIX e começo do XX, com todos esses acontecimentos que elenquei no começo do capítulo, há a eclosão de contextos e conjunturas inéditos, mudando a forma dos homens e mulheres se comportarem diante daquela época. O resultado foi uma instabilidade substancial e uma desarticulação da compreensão de mundo entendida até então como um conjunto seguro de significados e de sentidos.¹⁸⁶

Para Benjamin — em sua fase mais melancólica de crítica da modernidade¹⁸⁷ —, ao contrário de uma perspectiva do progresso da história da modernidade, ia

¹⁸⁰ Cf. KOKIS, Sergio. **Franz Kafka e a expressão da realidade**. *Op. cit.*, p. 122.

¹⁸¹ MARRAMAIO, Giacomo. **Cielo y tierra: Genealogía de la secularización**. Trad. Pedro Miguel García Fraile. 1. ed. Barcelona: Paidós, 1998, p. 55.

¹⁸² Cf. WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁸³ SCHMITT, Carl, *apud* MARRAMAIO, Giacomo. **Poder e Secularização**. *Op. cit.*, p. 234.

¹⁸⁴ MARRAMAIO, Giacomo. **Cielo y tierra**. *Op. cit.*, p. 59.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 66.

¹⁸⁶ RANGEL, Marcelo de Mello. **Modernidade e História a partir de Walter Benjamin e Derrida**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado e Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, p. 23-24.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 76.

tomando corpo um ambiente cada vez menos propício para que os indivíduos, em geral, cultivassem esperanças. Trata-se de uma leitura nebulosa de um momento com capacidade de provocar o fim da “humanidade”.¹⁸⁸

Para Rouanet é possível identificar, neste momento, uma crise da civilização moderna, com um pano de fundo de crise da civilização. Tal projeto, a partir da ideia e da expectativa de uma moderna civilização, que vinha sendo elaborado desde a ilustração¹⁸⁹ europeia, sofre com o enfraquecimento dos ideais de *i)* universalidade; *ii)* individualidade e *iii)* autonomia. O primeiro começa a ruir a partir de uma série de particularismos: nacionais, culturais, raciais e religiosos; o segundo pelo anonimato e conformismo, somados à sociedade de consumo; o terceiro, sofre em três diferentes quesitos: a autonomia intelectual, embasada pela visão secular, perdia espaço para o reencantamento do mundo; a autonomia política fragilizava-se através de ditaduras e governos autoritários; e a autonomia econômica já havia nascido como farsa para os que sempre viveram em condições de extrema pobreza.¹⁹⁰

No que tange às relações sociais, o universalismo revelou-se repleto de fragilidades, uma vez que no princípio do século XX o racismo, que há muitos séculos se fazia presente no Ocidente, ganhou certa legitimação científica a partir das teorias elaboradas pelo francês Arthur de Gobineau no século anterior. O eco dessas ideias foram utilizadas pelos alemães Alfred Rosenberg e Adolf Hitler, a partir da década de 1930. Ou seja, o pacifismo proposto no período da ilustração, vinha perdendo espaço para a guerra desde o século XIX como algo necessário para a conquista e o procedimento de expansão imperialista.¹⁹¹

Aliado aos acontecimentos descritos no começo deste capítulo, o espaço que compreende o final do século XIX e o começo do século XX, possibilita pensar o pessimismo nesse momento como fruto da quebra de expectativas e dos fracassos de projetos que apontavam para o progresso. Tanto Franz Kafka, quanto seus contemporâneos foram, inevitavelmente, influenciados por essa atmosfera. Incluindo os teóricos preocupados com a questão da temporalidade.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 79.

¹⁸⁹ Para o autor, a ilustração é um momento na história do Ocidente. Diferente do Iluminismo que para ele é o desenvolvimento teórico da corrente de ideias que surgiram no século XVIII, com filósofos como Voltaire e Diderot. Cf. ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 13-14.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 9-10.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 20.

Contemporânea a esse momento de crise da modernidade, está a crise do tempo moderno atrelado a ideia de progresso. Como traz Thiago Vieira de Brito, no texto *Temporalidades distópicas ou distopias temporais? Um problema para os historiadores*, que abre a sequência de capítulos da obra *Distopia, Literatura e História*¹⁹², organizada por ele em parceria com Julio Benvivoglio e Marcelo Durão R. da Cunha em 2017. O autor começa o tópico intitulado *O tempo e o pessimismo herdados da fenomenologia* expondo a centralidade do pessimismo de Heidegger, que deriva da decadência do *ser-para-a-morte* e como sua explicação a respeito da fundamentação do tempo humano indica também as consequências inevitáveis da *decadência do ser*. Há nestas reflexões heideggerianas a expressão do “ruir da confiança no tempo *otimista e moderno*”¹⁹³.

A partir desse marco, os historiadores franceses, como Marc Bloch, despenderam notável esforço em abordar problemas de pesquisa relativos às questões contemporâneas, uma vez que o presente tomou o lugar do futuro na primazia das reflexões fenomenológicas.¹⁹⁴ Intelectuais como Hannah Arendt, com suas reflexões a respeito da ideia de *revolução* e o historiador Reinhart Koselleck, dedicado em estudar as causas da aceleração da *temporalidade moderna e a utopia negativa* (que se opunham às clássicas utopias modernas) foram substancialmente influenciados pelo *pessimismo* advindo da *temporalidade heideggeriana*.¹⁹⁵

Seria mera especulação supor que Kafka é uma expressão desse indivíduo sem horizonte esperançoso e sem utopias, não fossem seus diários e cartas¹⁹⁶, que corroboram para a minha interpretação a seu respeito. Tomando a sentença de que o futuro é gestado pelo presente¹⁹⁷, posso afirmar que o escritor não demonstrou, em sua vida — nos relatos que temos conhecimento — maiores expectativas a respeito de redenção ou progresso. Sob o pano de fundo do *mal-estar*, o período vivido por Kafka intensificou o estado angustiante e aprisionante daqueles indivíduos em relação à sociedade e a cultura da qual faziam parte.

¹⁹² BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão R. da; BRITO, Thiago Vieira de. **Distopia, Literatura e História**. 1. ed. Serra: Milfontes, 2017.

¹⁹³ BRITO, Thiago Vieira de. *Temporalidades distópicas ou distopias temporais? Um problema para os historiadores*. In: BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão R. da; BRITO, Thiago Vieira de. **Distopia, Literatura e História**. *Op. cit.*, p. 17.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 17-18.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 18-19.

¹⁹⁶ Cf. Capítulo 1 desta dissertação.

¹⁹⁷ MARRAMAO, Giacomo. **Poder e Secularização**. *Op. cit.*, p. 112.

CAPÍTULO II

DO *MAL-ESTAR* EM FRANZ KAFKA: entre cartas e diários

A vida humana em comum só se tornará possível caso se encontre reunida uma maioria que seja mais forte do que cada um dos indivíduos. O poder dessa comunidade opõe-se então como “direito” ao poder do indivíduo, poder esse que vai ser condenado como “violência bruta” [*rohe Gewalt*].

Sigmund Freud

O principal aspecto que busco identificar na obra de Franz Kafka é o *mal-estar*, mais especificamente como ele se expressa no começo do século XX, pois o escritor tcheco teve sua produção literária entre 1907¹⁹⁸ até a década de 1920¹⁹⁹. Antes de adentrar na análise de alguns personagens e enredos dos romances e novelas kafkianos, me debruço, neste presente capítulo a respeito dos diários, aforismos e cartas de sua autoria, para indicar em seus pensamentos mais íntimos e suas ideias particulares — embora eu admita a performance literária até mesmo na escrita dos diários e cartas — expressões de angústia, pessimismo, melancolia e (auto)depreciação: aspectos inerentes a minha proposta anterior de elencar pontos entre a escrita pessoal e a narrativa artística. São expressões de um ser humano que viveu em um contexto de grande ebulição política e social na Europa. Se trata de um momento no qual os judeus se viram diante de uma intensificação do antissemitismo por parte da sociedade e do Estado, tanto na Áustria-Hungria, quanto nos demais Estados da Europa Central.

Entender o contexto vivido pode auxiliar na compreensão das expressões de indivíduos, que hoje temos acesso, mesmo que a pesquisa historiográfica não permita refazer todas as tramas e sentimentos daqueles sujeitos que relataram suas vidas através de diários e anotações. A felicidade e, portanto, a infelicidade também, são inteiramente subjetivas. Embora o historiador ache um horror certos temas históricos estudados — sejam eles escravização, perseguição a judeus, vítimas da Primeira e da Segunda Guerra, alvos de genocídios, etc —, é impossível que possa se colocar no lugar dos personagens analisados e mensurar as alterações que foram causadas a partir da recepção dessas sensações de prazer e desprazer as quais os mesmos foram submetidos.²⁰⁰

Para abordar as passagens presentes nos diários e nas cartas de Franz Kafka, contextualizando-o nesse período conflituoso das primeiras décadas do século XX, na Europa, proponho a aplicação do conceito de *mal-estar* e a valorização dos escritos pessoais, tomando-os como fontes documentais.

¹⁹⁸ Data em que escreveu *Descrição de um Combate e Preparativos para um Casamento no Campo*.

¹⁹⁹ Franz Kafka manteve-se ativo, escrevendo e revisando seus textos até a sua internação e morte no ano de 1924.

²⁰⁰ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade**: o mal-estar na cultura e outros escritos. 1. ed. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 336-337.

2.1 O MAL-ESTAR

Utilizo-me da relação pertinente entre a História e a Psicanálise a partir das contribuições dos trabalhos a respeito das obras de Sigmund Freud, sobretudo as expostas por Peter Gay, no livro *Freud para historiadores*, em que se dedica a respeito das críticas aos usos das ideias do psicanalista no campo historiográfico.²⁰¹ Apesar das discordâncias existentes a respeito da utilização dos textos freudianos, não se trata de psicanalisar os mortos ou colocá-los em um divã décadas após sua morte, mas o reconhecimento de que a psicanálise tem potencial para explicar e auxiliar no entendimento a respeito do comportamento em sociedade (grupal) e a interação entre o mundo e a mente, sendo pertinente incorporá-la nos métodos de investigação do passado.²⁰²

É pertinente o uso do conceito freudiano para esta análise, pois identifico em Franz Kafka um profundo ressentimento com a sociedade burguesa do século XX. É possível perceber em suas anotações que a fricção entre os desejos individuais e a cultura da qual fazia parte moviam seu estado de ânimo e de felicidade para baixo. Kafka foi um judeu advindo de uma família de comerciantes (pai e mãe), ou seja, filho da pequena burguesia austro-húngara. Possuía responsabilidades com os estudos e com o trabalho, algo que o ocupava, impedindo que seu tempo fosse dedicado a seus desejos e prazeres.

Para Freud, a ideia de que o ser humano possuiria o conhecimento a respeito de sua ligação com o mundo em que habita, através de um sentimento imediato que, desde o princípio, teria sido orientado em tal direção, não faz sentido, pois ajusta-se muito mal ao funcionamento da psicologia. O autor propõe então, uma abordagem psicanalítica, ou seja, genética, de um sentimento como esse. Naturalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento que possuímos de nós mesmos, sobre nosso próprio Eu.

Esse Eu aparece para nós como autônomo, unitário, bem posicionado em relação a todo o resto. Que essa aparência seja um engodo, que o Eu, pelo contrário, sem fronteira nítida, tenha continuidade para dentro em uma entidade anímica inconsciente que chamamos de Isso, ao qual, por assim dizer, serve de fachada, isso foi o que somente nos foi ensinado pela investigação psicanalítica, que nos deve muitas informações sobre a relação

²⁰¹ Cf. GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 75-82.

²⁰² Cf. *Ibidem*, p. 22-23.

do Eu com o Isso. Mas ao menos para fora o Eu parece manter linhas de fronteira claras e nítidas.²⁰³

A literatura, a qual Kafka dedicou considerável atenção, precisou ser posta em segundo plano muitas vezes para que pudesse cumprir com sua função nos trabalhos que lhe geravam renda, e, nas obrigações sociais, como seus noivados (inconclusos). Portanto, o *mal-estar* que identifiquei em Kafka, se expressa como um sentimento de incompletude diante do meio em que viveu, fazendo com que ele se colocasse em antítese àquela cultura e aquela sociedade do começo do século XX em Praga.

O *mal-estar* ao qual Sigmund Freud se dedicou a elaborar e escrever é o principal conceito na minha interpretação a respeito da obra de Franz Kafka. Trata-se de uma reflexão que traz uma complexa contribuição sobre as dificuldades que existem nos relacionamentos entre os seres humanos na nossa cultura. Nela, Freud discute as questões relacionadas à busca pela felicidade e pelo prazer diante das ambiguidades da satisfação. Vale ressaltar também o antagonismo posto entre as exigências da pulsão e as restrições sociais e culturais impostas pela sociedade em que o sujeito está inserido, neste ponto há apontamentos correlatos à satisfação como fonte do desprazer e do sofrimento.²⁰⁴

O que chamamos de felicidade, no sentido mais rigoroso, provém antes da repentina satisfação de necessidades altamente represadas e, de acordo com a sua natureza, só é possível enquanto fenômeno episódico. Cada continuação de uma satisfação almejada pelo princípio de prazer só resulta em um sentimento de tépido bem-estar; somos dotados de dispositivos tais que só podemos gozar muito pouco do estado. Com isso, nossas possibilidades de felicidade já estão limitadas pela nossa constituição. Há dificuldades muito menores para experimentar a infelicidade.²⁰⁵

O que é contínuo para Freud, não é a felicidade, mas sim um permanente estado de incompletude, inerente ao indivíduo. Aspecto que identifiquei através das leituras biográficas e dos diários de Franz Kafka. O bem-estar, como todo sentimento momentâneo, esteve presente na vida de Kafka em momentos de isolamento, sem os ruídos que o incomodavam e sem os familiares por perto, só o

²⁰³ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade: o mal-estar na cultura e outros escritos**. *Op. cit.*, 307-308.

²⁰⁴ FALBO, Giselle. **Considerações sobre o Mal-estar na civilização**. 2020. Disponível em: <http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2020/01/Texto_Gizelle_Falbo_selecao2020.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021, p. 1.

²⁰⁵ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930)... *Op. cit.*, p. 320-321.

escritor com suas cartas e livros. Para Freud um método eficaz através de procedimentos, extremos e moderados, que podem auxiliar o indivíduo a evitar o desprazer, sobretudo aqueles causados pelo conflito entre o ser humano e a sociedade da qual faz parte, sendo um deles o isolamento voluntário, em que, grosso modo, uma pessoa evita o contato direto com outrem, preservando-se das diversas situações negativas e desvantajosas do mundo exterior:

Isolamento voluntário, distanciamento dos outros, eis a proteção mais imediata contra o sofrimento que pode advir para qualquer um a partir de relações humanas. Compreendemos que a felicidade que podemos alcançar através dessa via é a da quietude. Contra o temeroso mundo exterior não podemos fazer outra coisa a não ser defender-nos com um tipo de afastamento, se quisermos resolver essa tarefa por nós mesmos.²⁰⁶

Em cartão postal de Dobřichovice²⁰⁷ enviado a Felice Bauer no dia 3 de maio de 1915, há traços de um indivíduo cuja vontade de estar só — com suas correspondências e alimentando o hábito de ler livros de História — longe de turbulências e conflitos, mesmo sabendo que tal medida não o livraria de maneira integral dos desprazeres do mundo exterior, pois como o próprio Kafka admite, estar sozinho lhe permite apenas um bem-estar momentâneo e relativo.

As cartas demoram muito, a que você me mandou em Freienwalde chegou com muito atraso, justamente depois de eu ter saído de lá, tua segunda carta chegou com bastante pontualidade, e o livro chegou ontem, o qual estive lendo no meio da tarde, lendo cheio de gratidão. Desde esta manhã estou em campo sem companhia, apenas com uma biografia de Bismarck, que quase não li. Em Praga, apenas estar sozinho me dá um bem-estar relativo.²⁰⁸

Derivados da relação entre o indivíduo com os objetos e as pessoas do mundo exterior, identifico em Kafka e em seus personagens, duas tópicas freudianas importantes: *i*) a angústia, como um sentimento de reação à situação de perigo²⁰⁹, ela pode ser entendida também como um estado desprazeroso²¹⁰ e *ii*) a melancolia,

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 322.

²⁰⁷ Cidade localizada na Boêmia Central.

²⁰⁸ KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondencia de la época del noivazgo (1912-1917)... *Op. cit.*, p. 2316-2317, tradução minha.

²⁰⁹ FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. in: FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. *Op. cit.*, p. 68.

²¹⁰ *Ibidem*, p.. 73

caracterizada por um desânimo profundamente doloroso, uma inércia, é a falta de interesse pelo mundo externo.²¹¹

2.2 DIÁRIOS, AFORISMOS E CARTAS

O que distingo entre os diários, aforismos e cartas, das obras literárias, não é meramente a realidade da ficção, mas a escrita particular, que mesmo contendo fortes traços performáticos, não seguem uma estética roteirizada e romanceada. É, pois, algo mais próximo dos pensamentos cotidianos que o autor gostaria de expressar para si mesmo e para suas interlocutoras: Milena Jesenská e Felice Bauer.

Seus diários foram escritos entre 1909 e 1923 — até um ano antes de sua morte. A partir destes escritos é possível ter um contato com o que Kafka produziu para si. Constam nestes cadernos: rascunhos de partes dos romances e novelas que escreveu; pensamentos e ideias que tinha a respeito de assuntos variados, como a religião e a literatura; anotações sobre as pessoas a sua volta; seu trabalho na Companhia de Seguros; sua preocupação com seus livros em andamento; dúvidas com seus noivados inconclusos; apontamentos ao seu estado de saúde e, sobretudo, seu sentimento de angústia diante da vida real. O que se pode identificar, a partir das palavras e linhas presentes nesses cadernos, são pistas delicadas e sensíveis para conhecer um pouco mais a respeito das aspirações do literato.

Utilizo os diários como uma rica fonte de pesquisa. Invariavelmente são documentos ordinários, que podem revelar uma rotina, uma emoção, sensibilidades, intimidades, enfim: o cotidiano datado, com ou sem pretensão de serem lidos por outrem. Ou seja, são antes de tudo, fontes de subjetividade.²¹² Nos diários, aqui utilizados para fazer uma leitura mais íntima acerca do escritor, com todas as ressalvas e cuidados, é possível ter contato com pensamentos que possivelmente guardava para si, de maneira angustiante e reflexiva, como a respeito de sua

²¹¹ FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilena Carone. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 47.

²¹² Cf. CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 252-253.

educação e a interferência da mesma em sua vida²¹³; a infelicidade de se ocupar tanto com seu trabalho formal na Companhia de Seguros, que não lhe sobrava espaço para se dedicar a suas obras literárias²¹⁴ ou aos estudos sobre o judaísmo.²¹⁵

Ao tomar conhecimento dos diários e aprofundar-me na leitura das anotações e passagens pude perceber que não estão contidos ali apenas rastros de uma *escrita de si*, mas há também uma gama de sentimentos e expressões as quais o literato não quis ou não pôde ocultar. Embora eu admita os aspectos performáticos, valorizo seus escritos como possibilidade de um olhar mais intimista, com informações variadas de um sujeito comum, com uma redação pessoal, em que é possível observar alguns testemunhos de uma determinada época e o modo de vida do autor em questão.²¹⁶ Especificamente a respeito de Franz Kafka, que morreu aos 40 anos, toda sua família — pai, mãe e as três irmãs — faleceram antes de poder escrever uma biografia (familiar) do escritor tcheco. O que oportunizaria aos pesquisadores tomar conhecimento da árvore genealógica e o mapeamento dos locais que os antepassados moravam e de onde vieram. No caso de Kafka, seus cadernos pessoais possibilitam que uma linha parental seja traçada, e organizada de acordo com as informações contidas nas anotações, a exemplo do que escreveu em 25 de dezembro de 1911, explicando a origem de seu nome em hebraico e a importância de seus avós maternos.²¹⁷

Outra fonte material disponível para os estudos mais individuais da pessoa de Franz Kafka, são as cartas, mais especificamente as enviadas a Milena Jesenská (sua tradutora do tcheco) e a Felice Bauer (sua noiva à época), neste caso há uma escrita que visa diretamente a leitura de uma outra (única) pessoa, a destinatária. São também pensamentos compartilhados, declarações, pedidos, ideias, brigas e, também, temas de pouca importância para a problematização da sociedade de sua época, como assuntos pueris e desprezíveis, a exemplo dos comentários que Kafka faz a respeito do serviço dos correios e os problemas em decifrar os

²¹³ Pensamento que Franz Kafka escreve várias vezes em sequência, como se quisesse melhorar o texto, a redação e as informações, provavelmente como uma forma de treinar a escrita ou um rascunho de carta para alguém. Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. Trad. Renato Zwick. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 31-32.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 47.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 262-264.

²¹⁶ CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História... *Op. cit.*, p. 256.

²¹⁷ Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 265.

endereços escritos nas correspondências entre ele e Milena²¹⁸. Os vestígios selecionados devem ser direcionados para uma abordagem específica, uma linha de pesquisa que vise refletir a respeito de uma determinada característica do escritor, de sua obra e de seu tempo.

Tais correspondências podem demonstrar, portanto: troca de ideias e projetos de livros, uma vez que Milena era sua tradutora. Também seus pensamentos a respeito de sua condição física, de sua saúde e de seus sentimentos, ou questões familiares²¹⁹, já que Felice foi sua noiva por duas vezes. Tem-se então a necessidade de mapear os destinatários e traçar suas relações com o remetente; apontar o que as cartas têm a dizer à pesquisa; por fim escolher questões com o objetivo de analisar o documento epistolar²²⁰. O contato com as cartas selecionadas e publicadas trouxe uma dimensão das ideias compartilhadas, uma outra leitura acerca da expressão kafkiana, cujos traços de *mal-estar*, preocupação, angústia e melancolia estão presentes no pessimismo e na falta de esperança em si e no mundo futuro. Como se trata de um notável interlocutor, tais correspondências auxiliam na interpretação que farei no capítulo próximo, a respeito de seus romances, contos e novelas, no que concerne tais semelhanças entre os personagens, as situações, os enredos, as problemáticas e os conflitos colocados em sua literatura, a partir de sua vida.

Tais documentos demonstram como Franz Kafka possuía traços melancólicos, transferindo-os para o estado de ânimo de seus personagens literários. Como afirma Freud: “O complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta, atraindo para si, de toda parte, energias de investimento [contra-investimentos] e esvaziando o ego até o empobrecimento total”²²¹, o que está relacionado com a economia da libido. A melancolia é ocasionada por situações de perda derivada da morte, e abarcam as diversas ocasiões de ofensa, desprezo e decepção, a partir das quais se possibilita a relação (oposição) de amor e ódio ou outra dualidade já existente.²²² Tanto em Kafka como em seus personagens, características melancólicas são

²¹⁸ Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. Trad. Torrieri Guimarães. Coleção Obras de Franz Kafka, vol. 6. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p. 53.

²¹⁹ Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: Correspondencia de la época del noviazgo (1912-1917). *Op. cit.*, p. 22. Tradução minha.

²²⁰ MALATIAN, Teresa. **Cartas**: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 203-204.

²²¹ FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. *Op. cit.*, p. 71.

²²² *Ibidem*, p. 67.

perceptíveis. O autor se expõe como uma pessoa com comportamentos variados, como a autorrecriação (não de maneira integral e a todo o momento) e a vontade de se comunicar²²³ com suas interlocutoras Milena e Felice. Os personagens Gregor Samsa, Joseph K., o jejuador (artista da fome) e o agrimensor K., são apresentados como expressão desse esvaziamento do próprio ego²²⁴ (autorreconhecimento).

O quadro desse delírio de inferioridade — predominantemente moral — se completa com insônia, recusa de alimento e uma superação — extremamente notável do ponto de vista psicológico — da pulsão que compele todo ser vivo a se apegar à vida.²²⁵

2.2.1 Os escritos e a guerra

Para cumprir os objetivos do presente trabalho, elenco sua relação entre a própria condição de judeu e uma Europa conflituosa no começo do século XX. A experiência de Franz Kafka, em relação aos territórios da Europa Central — pertencentes às potências envolvidas na guerra — transcendeu o Império Austro-Húngaro, seja por motivo de suas visitas decorrentes dos noivados em Berlim ou em razão das viagens junto com sua irmã, feitas a seu cunhado que servia no exército posicionado nos *fronts* que protegiam o território do império.²²⁶

A guerra que se iniciou em 1914 já vinha provocando receio anos antes, pois os movimentos que as potências realizavam, deixavam em suspenso a estabilidade diplomática e de segurança, cujos ecos refletiam na vida dos povos que faziam parte das nações envolvidas, ativa ou passivamente, nas ameaças de invasão. Em dezembro de 1912 — dois anos antes da primeira batalha — a insegurança já predominava em alguns setores da sociedade, como relata Franz Kafka em carta enviada a Felice Bauer entre 20 e 21 do referido mês:

Com isso já são três, meu amor, as tardes que não escrevi nada, mal começou o Natal. O Natal já se tornou incerto em si, o casamento da minha irmã — acho que ainda não te disse — foi adiado por medo da guerra, mas é muito improvável que consiga tirar os dois dias de férias em que confiava. Não deixo de ter muito o que fazer, e quanto mais tarefas recaem sobre mim, menos quero realizá-las, ou melhor, maior é o meu nojo.²²⁷

²²³ Cf. *Ibidem*, p. 55.

²²⁴ Cf. *Ibidem*, p. 53.

²²⁵ *Ibidem*.

²²⁶ Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondencia de la época del noivazgo (1912-1917). Trad. Pablo Sorozábal. Madrid: Nórdica Libros, 2019, p. 2313, tradução minha.

²²⁷ KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondencia de la época del noivazgo (1912-1917). *Op.cit.*, p. 587, tradução minha.

Assim, quando teve início a Primeira Guerra Mundial, em 28 de julho de 1914, os maridos de suas irmãs, Elli e Valli, foram convocados, a saber Karl Hermann e Josef Pollak, apelidado de Pepa. A Companhia de Seguros da qual Kafka era funcionário, solicitou, junto às autoridades militares e de governo, que ele permanecesse trabalhando, alegando que era indispensável para a empresa. Portanto, Kafka ficou impossibilitado de ser recrutado para o serviço armado, permanecendo, assim, em Praga.

Com a ausência de seu cunhado (Karl), de quem era sócio na fábrica de amianto, Kafka precisou se dedicar ainda mais na administração da mesma, um fardo para ele e para sua noiva Felice Bauer.²²⁸ Entretanto, pouco tempo depois os irmãos (Rudolf e Paul) do cunhado assumiram a frente dos negócios. A guerra alterou a organização da vida dos familiares de Kafka, uma vez que os maridos de suas irmãs foram convocados a servir ao exército. Sua irmã Elli precisou mudar-se, com seus filhos Felix e Gerti, para a casa de seus pais, mesmo período em que o escritor foi morar na residência da outra irmã, Valli, em Bilekgasse, que depois da convocação do marido, teve que ir para a casa dos sogros em Böhmisches-Brod, na Boêmia Central. Parte dessas movimentações foram anotadas em seus diários, datando de 31 de julho de 1914 — apenas três dias após o início da Guerra:

Não tenho tempo. A mobilização é geral. K[arl]. e P[epa]. foram convocados. Agora, recebo a recompensa da solidão. Mas não é bem uma recompensa, a solidão só castiga. Ainda assim, toda essa miséria me comove pouco, estou mais decidido do que nunca. À tarde, vou precisar ficar na fábrica; não vou morar em casa, porque E[lli]. vai se mudar para cá com as duas crianças. Mas, apesar disso tudo, escrever eu vou, sem a menor dúvida; é minha luta pela autopreservação.²²⁹

Com a guerra houve uma intensificação da instabilidade econômica e de segurança: no primeiro caso pelo fato de muitos trabalhadores e administradores de empresas serem convocados a servir ao exército; no segundo caso porque os conflitos territoriais aumentaram o perigo sobre as áreas das potências envolvidas com as batalhas. São questões que perpassaram a vida de Kafka e de seus familiares. Houve mudança de planos; aumento das incertezas e falta de segurança com relação ao futuro. Kafka expõe como este conflito mundial interferiu no cotidiano

²²⁸ *Ibidem*, p. 2236-2237, tradução minha.

²²⁹ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. 1. ed. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021, p. 386.

de seus parentes mais próximos, sobretudo no aspecto econômico da fábrica de amianto. A carta data de 5 de abril de 1915:

E se a guerra me fizer sofrer? Em essência, é impossível saber como isso afeta a própria guerra. Exteriormente me faz sofrer porque nossa fábrica está afundando, o que, ao invés de levantá-la, eu suspeito, já que não estou lá há um mês inteiro. O marido da minha irmã mais velha está nos Cárpatos, no contramestre, e sem dúvida, ele não está em perigo imediato, o irmão do meu cunhado está fazendo o treinamento aqui e portanto no momento ele tem motivo para estar um pouco preocupado, o marido de minha outra irmã se machucou, como você sabe, depois ela passou alguns dias no front, voltou com ciática e agora está se curando em Teplitz. Além disso, o que mais me faz sofrer com a guerra é que não estou nela. Claro, escrito assim tão claro e simples, este parece um caso simples e estúpido. Por outro lado, não se pode excluir que ainda é minha vez. Uma série de coisas decisivas me impedem de ser voluntário, também, em parte, o que me atrapalha em todos os lugares.²³⁰

2.3 FRANZ KAFKA E O JUDAÍSMO

No campo literário e na área das ciências humanas são abundantes os trabalhos a respeito da forte influência que a religião exerceu sobre a vida de Franz Kafka. Embora não tenha sido um judeu praticante e rígido nos costumes, a cultura judaica sempre esteve presente em suas relações pessoais e sociais — desde o nascimento até o período escolar e as amizades —, por conseguinte, minha intenção é elencar algumas características desse judaísmo sem fé que Kafka expressava. Tradicionalmente o judeu passa por cerimônias e eventos religiosos desde a sua infância, com Kafka não foi diferente, sobretudo na realização do seu Bar Mitzvá, lembrado, de maneira detalhada, em carta enviada a sua interlocutora Milena Jesenská:

Sabe, de passagem, que me foste dada como presente de confirmação, já que também existe uma espécie de confirmação judia? Eu nasci no ano oitenta e três, de modo que tinha treze anos, quando tu nasceste. O décimo-terceiro aniversário é uma festa muito especial, tive de recitar no templo um fragmento laboriosamente aprendido de cor, em cima, junto ao altar, e depois pronunciar em casa um pequeno discurso (também aprendido de memória).²³¹

O que identifico por meio dos diários e relatos de pessoas próximas é que existiu em Kafka um grande ressentimento com a religião, ou particularmente o judaísmo, pelo rigor e pelas contradições de seu pai — em quem via um

²³⁰ *Ibidem*, p. 2298-2300, tradução minha.

²³¹ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 147-148.

representante, mais próximo, da religião — ou pela simples ausência de crença em uma divindade criadora e ordenadora do mundo. Dentre as características mais notáveis de Franz Kafka está seu profundo conhecimento dos textos bíblicos, dos livros da tradição judaica, da história do judaísmo e da cultura que engloba o seu povo. São traços de um judeu cuja religião ocupa um lugar muito *sui generis* em sua vida.

Embora não tenha se valido das crenças e dos preceitos religiosos como valores a serem seguidos e praticados, adquiriu conhecimentos através das leituras a respeito, como a Bíblia e a história do Judaísmo e do povo judeu. Kafka utilizou-se de parábolas e citações desses documentos para enriquecer sua visão acerca da vida, contribuindo também para a composição de alguns aforismos. Ressalto, previamente, que Kafka possuía a irreverência anti-dogmática típica dos grandes escritores e poetas²³², em que, mesmo que porventura tivessem alguma crença, não se prendiam a ela caso isso influísse na limitação de suas obras.

Em seus cadernos são vários os pensamentos expostos a respeito do papel do judaísmo em sua vida; em seus aforismos, são diversas as referências que faz ao campo teológico, através de reflexões acerca da condição moderna do homem e de sua relação com o texto bíblico — se não por crença, talvez por exercício da retórica e da imaginação de um judeu irônico e melancólico — a partir da cisão entre o ser humano e Deus. Não atribuo aos romances, certas teorias e interpretações que visam buscar em Kafka uma expressão metafórica dos textos bíblicos, que poderiam estar contidos em suas obras. Busco, de maneira oposta, abordar a relação do autor com o judaísmo através do que ele disse de forma explícita em seus diários e reflexões, cabendo interpretações e paralelos dentro do escopo biográfico.

Sendo o *mal-estar* inerente a toda cultura, em todas as temporalidades, a cada período histórico de um determinado estado específico, no caso de Franz Kafka me cabe indagar a respeito de quais fatores desse *mal-estar* estão relacionados com o escritor e seu círculo sócio-cultural. É um recorte temporal que compreende as três primeiras décadas do século XX, sendo o marco espacial a Europa, mais

²³² A título de exemplo cito o poeta português, contemporâneo a Franz Kafka, Fernando Pessoa (1888-1935) e seus heterônimos. Para melhor ilustrar sugiro a leitura do poema número VIII, popularmente conhecido como *Poema do Menino Jesus*, de Alberto Caeiro. Cf. CAEIRO, Alberto. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Organização Carlos Felipe Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013, p. 42-47.

especificamente o Império Austro-Húngaro e os países que Kafka teve certo contato, como a Alemanha. A minha busca será pela influência desse cenário do entreguerras na expressão da angústia presente em Kafka.

2.3.1 O antissemitismo no contexto de Kafka

A visão que se tinha das guerras até o século XIX, era tida por muitos como uma atitude heroica, em que os homens que serviam ao exército eram vistos como valentes por se exporem a lutas abertas, encarando o inimigo de frente. Com o desenvolvimento de novas tecnologias de armas de longo alcance, as estratégias bélicas são também modificadas e aprimoradas.²³³ Após o ano de 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, os sentimentos de perda, pessimismo e desesperança se intensificaram, seja por combatentes que sobreviveram; por familiares ou funcionários de hospitais e companhias de seguros, no caso de Kafka. Agravando ainda mais tal situação, ocorreu a dissolução do império, proporcionando uma série de incertezas aos “herdeiros da Grande Guerra”, sobretudo para os judeus da Europa Oriental, dentre os quais, Franz Kafka e Sigmund Freud.

Antes da dissolução havia, por parte do imperador Franz Joseph, uma determinada tolerância que transcendia o particular, visando incorporar os demais grupos religiosos (não católicos), como os judeus²³⁴. No entanto, dentre os monarcas habsburgos havia aqueles que nutriam, em relação aos judeus, uma gama de preconceitos de ordem religiosa. Ainda no século XIX as condições jurídicas para os indivíduos de origem judaica eram instáveis, variando de acordo com a província, onde a legislação poderia ter um caráter dúbio consistindo em “erradicar os particularismos no interior do império” ao mesmo tempo que buscava “promover o princípio da emancipação e da igualdade dos cidadãos”.²³⁵

A respeito da aversão aos “particularismos”, destaco que não foi um acontecimento episódico e circunscrito à Áustria-Hungria do fim do século XIX, pois

²³³ JAECKEL, Volker. O impacto da Primeira Guerra Mundial sobre a Europa e a literatura de guerra. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Belo Horizonte, v. 1, n. 17, p.11, nov. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/25168/14523>>. Acesso em: 19 set. 2021.

²³⁴ KRAUSZ, Luis Sérgio. Capítulos de uma história de amor não correspondido: a memória da monarquia Austro-húngara e seus escritores judeus. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 24, n. 44, p. 31, set./dez. 2021.

²³⁵ *Ibidem*, p. 33.

com o fim da Primeira Guerra Mundial, vários Estados da Europa nutriam visões ainda mais negativas com relação aos seus habitantes judeus, uma forma de direcionar o ódio e a raiva pela derrota na guerra e/ou um movimento oportunista a fim de continuar alimentando certa intolerância. Ressalta-se o caso de Adolf Hitler, cuja experiência na Grande Guerra e na prisão lhe fez refletir acerca de várias questões inerentes ao fracasso alemão, os planos futuros para o Partido Nazista e o Terceiro *Reich*.

Em *Mein Kampf*²³⁶, no capítulo 11, intitulado *Povo e Raça*, Adolf Hitler expõe uma série de motivos que provariam que os judeus eram um povo que nunca possuiu uma cultura própria, vivendo de imitações, sendo assim os que apresentam o maior contraste com os arianos.²³⁷ Partiu da premissa de que o judaísmo não era uma religião mas sempre um povo com características raciais muito bem definidas²³⁸, portanto, diferenciando-se dos arianos. Defendia, assim, que os judeus não estavam na “primeira classe”²³⁹ e afirmava que “tudo que no mundo não é raça boa é joio”²⁴⁰. Com isso buscava justificar que eles deveriam ser subjugados.

É possível evidenciar através da história, os desfechos de tais pensamentos, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, a título de exemplo, vale ressaltar que antes e durante a Segunda Guerra Mundial, embora Franz Kafka já tivesse falecido, suas irmãs foram levadas para campos de concentração e de lá nunca voltaram. Acrescento o caso de Sigmund Freud, que precisou fugir para Londres, devido a ascensão nazista na Europa Central. São exemplos que demonstram como o determinado período (os três primeiros decênios do século XX) foram fundamentais para o processo de intensificação da situação que o mundo vivenciou nos anos posteriores. O antissemitismo não nasceu com a Alemanha na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), há uma genealogia anterior à modernidade e uma forte intensificação nos séculos XIX e XX.

Hannah Arendt, em seu estudo histórico-filosófico a respeito do antissemitismo, ressalta que no espaço entre os séculos XV e o início do XVII, quando as relações

²³⁶ *Minha Luta*, livro escrito no período em que Hitler esteve detido no Presídio Militar Landsberg am Lech, após a sentença do Tribunal de Munique, no dia 1/4/1924, o livro foi editado em 1925, totalizando dois volumes.

²³⁷ HITLER, Adolf. **Minha Luta**. [S.l.] Editora Discovery, 2016, p. 219.

²³⁸ *Ibidem*, p. 223.

²³⁹ *Ibidem*, p. 212.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 216.

dos judeus com os gentios²⁴¹ se encontravam mais fragilizadas e a indiferença judaica aos eventos do mundo fora da esfera do seu povo e de sua religião, o judaísmo tornou-se uma organização fechada de pensamento. Nessa determinada época, passaram a pensar que a distinção entre o seu povo e as nações era, fundamentalmente — não de credo — de ordem interior, e na qual a anterior dicotomia entre eles e os gentios era derivada mais propriamente de origem étnica do que de caráter religioso. Para Arendt a virada de determinado pensamento, só surgiu entre os não judeus tempos depois, mais especificamente na Era Iluminista. Isso fomentou a condição essencial para o nascimento do antissemitismo (moderno), de certo modo tal fator de autointerpretação judaica foi, juntamente com a fragmentação da cristandade europeia, determinante para a formação dos Estado-nações, a partir do surgimento dos grupos étnicos e suas lutas por autonomia política.²⁴²

Embora os judeus vivessem nesses territórios há anos, tanto os alemães quanto os austro-húngaros direcionaram suas raivas através do antissemitismo, o que não os exime de uma análise sob o prisma do *mal-estar*, destacando que o ônus da cultura se manifesta invariavelmente nas relações entre os indivíduos semelhantes e distintos em uma sociedade tensionada por invasões, conquistas, batalhas, guerras, como no caso da Primeira Guerra e seus horrores, sobretudo no conflito entre dois povos. Isso porque o cidadão europeu, seja ele comandante, chefe de Estado, soldado raso ou civil, não está livre de sua natureza, e é justamente essa que não é pacata e amorosa, mas fortemente inclinada para a agressão.

A existência dessa inclinação para a agressão, que podemos perceber em nós mesmos, e com razão pressupor nos outros, é o fator que perturba a nossa relação com o próximo e obriga a cultura a arcar com seus custos. Em consequência dessa hostilidade primária dos seres humanos entre si, a sociedade de cultura está constantemente ameaçada de se desintegrar.²⁴³

Algumas comunidades compostas por judeus, sobretudo em Viena, integraram-se à vida imperial, muitos passaram a enxergar o judaísmo não mais

²⁴¹ Termo utilizado comumente para nomear os grupos e comunidades não judeus.

²⁴² Cf. ARENDT, Hannah. Parte I: Anti-semitismo. In: ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 17-18.

²⁴³ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura... *Op. cit.*, p. 364.

como uma definição integral de sua identidade, mas sim como apenas um dos aspectos dela, circunscrito ao âmbito religioso e de fé. Sendo assim, os judeus se tornaram “austríacos com uma fé israelita”, que diferia da condição anterior, pois o termo “judeu” faz referência a uma “identidade étnica, religiosa, nacional e cultural” enquanto a “fé israelita” busca evidenciar apenas uma “confissão religiosa”, sem qualquer outra referência.²⁴⁴ O que não diminui o antissemitismo, haja vista que a visão cristalizada contra os judeus transcendia aos esforços desses últimos em conviver em um mesmo território que outras denominações religiosas e nacionais. A esse respeito, em carta enviada a Sigmund Freud em 1932, Albert Einstein dialoga a respeito da agressividade humana manifestada através de suas várias formas, como a busca pelo poder e a aversão dos dominantes aos grupos minoritários da sociedade.

Tenho consciência de que a agressividade humana também opera sob outras formas e em outras condições (por exemplo, a guerra civil, que antigamente se devia a causas religiosas, e hoje, a causas sociais; e a perseguição a minorias nacionais).²⁴⁵

Em carta a Milena, Kafka relatou que havia acabado de presenciar uma multidão perseguindo judeus pela rua.²⁴⁶ Evidencia-se a materialização do sentimento de repulsa que vinha sendo nutrido pelos antissemitas, seja através da verbalização ou pela ação física e violenta de grupos ou pessoas que não se esforçaram em conter o ódio aos judeus. Situação que anos mais tarde ficará insustentável com a instrumentalização do antissemitismo através de uma política genocida provocada pelo regime nazista do Terceiro Reich alemão. No período em que Kafka esteve afastado do emprego para dar entrada em sua internação no sanatório a fim de cuidar de sua tuberculose, já na década de 1920, também foi alvo de intolerância racial, como descreve em carta enviada a Milena:

Milena, perdoa-me, talvez te escrevi muito pouco nos últimos tempos, agitado pela tarefa de reservar um quarto no sanatório [...]
Passei a tarde na rua, banhando-me no antissemitismo popular. Há pouco ouvi dizer que os judeus eram uma ‘turba imunda’. Não é natural que a gente se vá de onde é tão odiada? (Não faz falta para isso nem o sionismo

²⁴⁴ KRAUSZ, Luis Sérgio. Capítulos de uma história de amor não correspondido: a memória da monarquia Austro-húngara e seus escritores judeus... *Op. cit.*, p. 40.

²⁴⁵ EINSTEIN, Albert, 1932, apud FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1933). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 425.

²⁴⁶ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte, 2000, p. 190.

nem o sentimento nacional.) O heroísmo dos que apesar de tudo permanecem é o das baratas, que tampouco podem extirpar-se do quarto de banho.

Faz um momento olhei pela janela: polícia montada, soldados preparados para a carga de baioneta, multidões que gritam e se dispersam; e aqui em cima, junto à janela, a imunda vergonha de viver constantemente protegido.²⁴⁷

Franz Kafka se queixa da humilhação de precisar viver protegido pelas autoridades, da violência e da ameaça provocada pelos antissemitas austríacos, uma declaração que permite ao leitor captar a angústia que sentia o escritor em sua condição étnica no período entreguerras. Hannah Arendt afirma que os semitas, independente da região em que viveram, sempre tiveram sua existência física sob a proteção de autoridades não judaicas²⁴⁸. O antissemitismo, como força ideológica em concorrência com outras ideologias, alcançou forma mais eloquente na Áustria²⁴⁹, o que suscita variadas reflexões, uma vez que em nenhum outro lugar os judeus prestaram tão numerosos serviços ao regime, evidenciando uma forte ligação entre eles, de tal forma que quando uma classe entrava em conflito aberto com o governo, adquiria aversão aos judeus, de maneira que os movimentos nacionais iniciados na região austríaca, cujo objetivo era se opor à monarquia, iniciava o combate atacando os indivíduos de origem judaica.²⁵⁰ Enquanto as instituições de Estado precisavam dar proteção aos indivíduos perseguidos por sua origem, movimentos e órgãos partidários antissemitas se organizavam, a exemplo de O *Venkov*, criado como um órgão do Partido Agrário, citado por Kafka em carta a Milena:

O *Venkov*, que agora publica muitos artigos contra judeus, assinala recentemente em um editorial que os judeus corrompem e decompõem tudo, que até corrompem a flagelação da Idade Média. Por infelicidade não trazia maiores detalhes sobre o tema, apenas citava uma obra inglesa.²⁵¹

Hitler defendia que mesmo os judeus falando diversas línguas conservavam sempre o “ser judeu”²⁵², pois esta condição não dependia da escolha, mas da origem e parentesco. Para ele, mesmo a hipótese de casamento entre cristão e judeus seria

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 184.

²⁴⁸ Cf. ARENDT, Hannah. Parte I: Anti-semitismo... *Op. cit.*, p. 19.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 76.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 77-78.

²⁵¹ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 187.

²⁵² HITLER, Adolf. **Minha Luta**. *Op. cit.*, p. 227.

negativa, pois via como uma artimanha judaica para envenenar o sangue alheio.²⁵³ Ressalto que trazer a voz de Adolf Hitler para este debate, não aponta somente à visão e expressão do mesmo a respeito dos judeus, acredito, porém, que o político verbaliza e teoriza um sentimento já há muito tempo apregoado na sociedade europeia. Em carta enviada a Milena Jesenská, Kafka diz a sua interlocutora como foi a recepção de uma familiar de seu cunhado ao receber a notícia de que ele, um cristão, se casaria com uma judia (sua irmã Ottla Kafka), o que exemplifica de forma explícita o pensamento em voga na Europa Central e teorizado pelo líder nazista.

Minha irmã menor ia casar-se com um checo, um cristão; este mencionou certa vez sua intenção de casar-se com uma judia diante de uma parenta sua, que lhe disse: 'Não, isso não, por favor, qualquer coisa menos misturar-se com judeus!²⁵⁴

Tais relações conflituosas tornaram cada vez mais difícil para os judeus, de Praga ou de Viena, manter uma vida pacífica e laboriosa, ainda que longe de decisões e conflitos políticos, pois até o pacifismo era visto como negativo, bobo e ingênuo.²⁵⁵ Os assimilados de outrora, também padeceram da raiva e da materialização da agressividade. Acreditavam que ao construírem uma estrutura de valores humanistas e a contemplação do mundo fora de sua realidade judaica os tornaria próximos ao convívio normalizado pelo Estado e pela sociedade. Possuíam convicção de que não eram mais simples judeus e que tudo que se aplicava aos não assimilados, não se aplicaria a eles, uma espécie de ilusão²⁵⁶, uma vez que o sentimento de repulsa e culpabilização foi impulsionado com a derrota na Primeira Guerra Mundial e as perdas materiais e humanas. São expressões de ódio que chamam a atenção de intelectuais contemporâneos e observadores do cenário conflituoso de sua época, como a reflexão feita em 1932 por Albert Einstein, em carta destinada a Sigmund Freud:

[...] no ser humano habita uma necessidade de odiar e aniquilar. Essa predisposição, em épocas normais, está presente de forma latente e então vem à tona apenas na forma do que é anormal; mas ela pode ser despertada com uma relativa facilidade e intensificar-se em psicose de

²⁵³ *Ibidem*, p. 230.

²⁵⁴ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 41.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 215.

²⁵⁶ ROTH, Joseph, 2008, *apud* KRAUSZ, Luis Sérgio. Capítulos de uma história de amor não correspondido: a memória da monarquia Austro-húngara e seus escritores judeus... *Op. cit.*, p. 48.

massa. Aqui parece situar-se o problema mais profundo do inteiramente fatal complexo de efeitos.²⁵⁷

Agregado ao cenário bélico e político, mantêm-se os aspectos inatos à cultura humana, seus tensionamentos para a agressão e a manifestação dessas inclinações. Trata-se de uma pulsão além daquela responsável por “conservar a substância vivente e de aglomerá-la em unidades cada vez maiores”, se trata de uma outra, uma “pulsão de morte”, em que se supõe que esta “trabalhava em silêncio, no interior do ser vivente, pela sua dissolução”.²⁵⁸ O alvo mais perseguido e apontado neste período de conflitos internacionais e internos, são os judeus, no momento em que a visão de serem intrusos e responsáveis pela derrota, sobretudo da Alemanha e da dissolução do império, crescia. Tudo isso agregado à depreciação, apontando-os como sem nação e sem pátria.

O que nos levou mais longe foi a ideia de que uma parte da pulsão se voltaria contra o mundo exterior e daí viria à luz como pulsão para a agressão e para a destruição. Assim, a pulsão seria a mesma compelida a se colocar a serviço do Eros, visto que o ser vivo aniquilava qualquer outra coisa, fosse ela animada ou inanimada, em vez de a si mesmo. Inversamente, a restrição dessa agressão voltada para fora iria intensificar a autodestruição, que, de qualquer forma, está acontecendo.²⁵⁹

Franz Kafka foi um judeu em razão da família na qual nasceu, como que por herança²⁶⁰, ressalta-se que não era um sionista e tampouco um religioso, no entanto um leitor da Bíblia²⁶¹, da Talmude²⁶² e um estudioso da história do judaísmo²⁶³, além de frequentar junto a seus amigos, algumas palestras e eventos²⁶⁴. Kafka lia a

²⁵⁷ EINSTEIN, Albert, 1932, apud FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1933)... *Op. cit.*, p. 424.

²⁵⁸ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura... *Op. cit.*, p. 371-372.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 372.

²⁶⁰ Os judeus possuem uma ligação além da fé e da crença religiosa, há uma ligação de origem e de família, uma característica típica de um povo, mesmo que em diáspora.

²⁶¹ Cf. KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 438, 460-461 e 528.

²⁶² Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 219, 221-222 e 231-232.

²⁶³ *Ibidem*, p. 179-180, 182 (com a nota sobre sua leitura do livro *História dos judeus: dos tempo mais antigos até o presente*, de Heinrich Graetz), 219, 262-264 (na qual descreve o processo de circuncisão na Rússia e o ambiente da casa durante esse evento); KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 197 (indicando as leituras que vinha fazendo à época: *Histoire de la littérature judéo-allemande*, de Meyer Isser Pinès, e, *Des Organismus des Judentumus*, de Jakob Fromer), 199, 437.

²⁶⁴ Cf. KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 197-198 (a respeito de seu contato com a Associação Sionista e sobre o possível interesse em promover as apresentações da trupe de teatro); p. 209-211 (a respeito de palestra e demais apresentações na Câmara Municipal Judaica e menção a Kurt Blumenfeld, secretário-geral da Organização Sionista Mundial e sua palestra em Praga, na Assembleia sionista. A palestra tratou sobre “Os judeus na vida acadêmica”). Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 259 (cuja anotação traz uma interessante descrição a respeito do dia

respeito dos mais variados temas sobre a origem e os fundamentos da crença judaica, sobretudo o *Antigo Testamento*²⁶⁵. Encontrando interlocução na forte amizade com Max Brod e Jizchak Löwy, conhecedores do tema e envolvidos com palestras e grupos de leituras e estudos judaicos. Com um forte potencial de se tornar, através de seu conhecimento e leituras, um entusiasta do sionismo e um judeu inveterado, não o foi. Ainda que por vezes relatou ter sido “tocado pelo judaísmo de maneira incomparavelmente mais forte na Sinagoga Pinkas”²⁶⁶, em anotação de 30 de setembro de 1911, continuou crítico e pouco afeito a ortodoxias religiosas. Como afirma Sigmund Freud, a coação é essencial para manter a influência das instituições culturais, religiosas ou laborais.

[...] duas propriedades muito comuns nos seres humanos são responsáveis pelo fato de que as instituições culturais só podem ser mantidas com uma certa dose de coação, a saber, que espontaneamente os seres humanos não têm vontade de trabalhar e que argumentos nada podem contra as suas paixões.²⁶⁷

2.3.2 Um judeu sem Deus

Assim como Sigmund Freud, Franz Kafka era de família judia, no entanto pouco apegado a práticas e costumes religiosos e ritualísticos. Quando afirmo, portanto, que o escritor aqui analisado é um judeu, trata-se de seu nascimento, ou seja, ele nasceu judeu, dentro da cultura e do povo, por isso é chamado de judeu — mesmo que sem Deus e sem fé.

É preciso demarcar uma particularidade do judaísmo, antes de adentrar a questão específica de Kafka. Não se trata apenas de uma religião, com suas crenças, livros sagrados, profissões de fé, costumes e práticas. Trata-se, antes de tudo, de uma Cultura Judaica. Quando se afirma que Franz Kafka e Sigmund Freud eram judeus, não se afirma que professavam a fé judaica, mas que nasceram e foram criados dentro de uma comunidade étnica, que embora à época não

da circuncisão do sobrinho Felix Hermann, realizada pelo rabino Lev Austerlitz, da Comunidade Judaica de Praga, na data de 24 de dezembro de 1911).

²⁶⁵ Cf. KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 460 (na qual cita passagens do livro de Gênesis, da Bíblia e da Torá. Também diz “Só o Velho Testamento vê — nada dizer ainda a esse respeito”, indicando um período de reflexão em torno dos livros em questão), p. 462.

²⁶⁶ Cf. KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 55.

²⁶⁷ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 237.

possuísse um Estado próprio, mas vivendo espalhados pelo mundo, sobretudo na Europa, se identificavam e eram identificados como um povo. Algo diferente ocorre no cristianismo, pois quando um brasileiro, argentino, italiano ou japonês, de crença católica ou protestante é identificado em outro país, é tratado de acordo com a sua nacionalidade e com o seu lugar de origem, portanto como um brasileiro, ou um argentino, etc. E não como um cristão.

Kafka teve a oportunidade de participar do movimento sionista organizado nas proximidades de Praga, sobretudo por sua amizade com Max Brod, que era um entusiasta da ideia. Porém sempre se demonstrou contrário. Oportunidades não faltaram entre as décadas de 1910 e 1920, para que ele — já em idade adulta — pudesse fazer parte, de maneira mais ativa, das reuniões e encontros sobre a questão judaica. Entretanto, é possível afirmar que Kafka se permitia refletir a respeito da relação entre a fé e sua interferência na vida humana, haja vista as inúmeras anotações a respeito do pecado original, de Deus, da morte, do bem e do mal²⁶⁸.

Tais anotações evidenciam a influência e permanência da cultura judaica em sua vida. Em um de seus aforismos, afirma: “uma fé como uma guilhotina, tão pesada e tão leve”²⁶⁹, em outro reflete a respeito da necessidade que o indivíduo possui na crença de um Deus que seja pessoal e próprio:

O homem não consegue viver sem uma confiança duradoura em algo indestrutível nele mesmo, muito embora tanto o indestrutível como a confiança possam permanecer-lhe ocultos de maneira contínua. Uma das possibilidades dessa ocultação permanente é a crença em um Deus pessoal.²⁷⁰

Assim como afirmou Peter Gay (1992) que a teologia filosófica não combinava com a personalidade de Sigmund Freud,²⁷¹ destaco que a ortodoxia e o dogmatismo judaicos não combinavam com a personalidade de Franz Kafka, com base em seus diários e cartas, cujos traços pessoais vêm à lume a cada opinião expressada pelo

²⁶⁸ Cf. Aforismo de número 50. Cf. KAFKA, Franz. Aforismos. *In*: KAFKA, Franz. **Essencial**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 186-208.

²⁶⁹ Aforismo de número 87. *Ibidem*, p. 203.

²⁷⁰ Aforismo de número 50. *Ibidem*, p. 196.

²⁷¹ GAY, Peter. **Um judeu sem Deus**. Trad. Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992, p. 51-52.

escritor tcheco. Com a diferença que o psicanalista era um ateu militante²⁷², já o literato, um crítico sutil e um judeu cuja fé pessoal não era alardeada, nem possui espaço significativo nos diários, tampouco em sua obra literária, embora possa haver relação entre uma lenda talmúdica e seu romance *O castelo* (1926), como aponta Walter Benjamin.²⁷³ Kafka era antes de tudo um estudioso. Destaco, dentre as inúmeras leituras relatadas por ele, a obra do teólogo Nathan Söderblom (1866-1931), publicada em Leipzig, no ano de 1916, cujo objetivo, como explica Kafka, é abordar de maneira científica — possivelmente voltado para o campo da Antropologia — o surgimento da fé em um deus primordial.

De *Das Weder Gottesglaubens* [O surgimento da fé em Deus], de N. Söderblom, arcebispo de Upsala, livro inteiramente científico, sem nenhum envolvimento pessoal ou religioso.

O deus primordial dos masai: como ele faz descer do céu para o primeiro kraal a primeira rês, presa a uma correia de couro.

O deus primordial de algumas tribos australianas: ele veio do Ocidente sob a forma de um poderoso curandeiro, criou homens, animais, árvores, rios, montanhas, instituiu as cerimônias sagradas e determinou de que clã um membro de outro clã deveria escolher sua mulher. Quando terminou, foi-se embora. Os curandeiros podem subir até ele por intermédio de uma árvore ou corda e, assim, cobrar forças

Em outras tribos: durante suas jornadas de criação, executavam aqui e ali, pela primeira vez, as danças e os rituais sagrados.

Em outras ainda: em tempos primordiais, os próprios homens criaram seus animais totêmicos mediante a prática das cerimônias. Ou seja, os próprios ritos sagrados deram origem ao objeto para o qual se voltam.²⁷⁴

Como bem destaca Leandro Konder (1968), na casa onde Franz Kafka nasceu e viveu com sua família, a religião era adotada sem profunda convicção, com aspectos de comodidade e frivolidade, o que só mudou — do ponto de vista do interesse — quando o escritor tinha 27 anos de idade e conheceu Jizchak²⁷⁵ Löwy: diretor da companhia de teatro, composta por judeus da Europa Oriental. Nesse mesmo período passou a ter contato com leituras sobre o judaísmo; participação em eventos e conferências a respeito da língua ídiche; tomou conhecimento, através do amigo, das festividades, tradições judaicas e histórias das figuras mais importantes do judaísmo, como os rabinos mais famosos.²⁷⁶

²⁷² *Ibidem*, p. 51.

²⁷³ BENJAMIN, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. Coleção Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

²⁷⁴ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 459-460.

²⁷⁵ Jizchak: o nome também pode ser encontrado, em algumas biografias sobre Franz Kafka ou nas edições de seus diários, traduzido como Isac.

²⁷⁶ KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Alvaro, 1968, p. 46.

Quando vi as primeiras peças, ainda pensei ter deparado com um judaísmo no qual se assentariam os primeiros passos do meu, que evoluiriam então em minha direção e, desse modo, me esclareceriam e levariam adiante em meu judaísmo trôpego, mas, em vez disso, quanto mais eu ouço, mas elas se afastam de mim. Permanecem, claro, as pessoas, e é a elas que me aferro.²⁷⁷

O judaísmo de Kafka esteve mais ligado ao seu círculo familiar, de amigos e conhecidos. Ou seja, derivado de uma forte influência do meio social (escola, cidade, bairro, comércios e convívios afins) e menos por uma busca por redenção espiritual e religiosa. Aqui abro espaço para divergir de Konder e de sua afirmação a respeito da ligação entre Kafka e a religião. Para o biógrafo a “falta de confiança em qualquer solução prática” e a “insatisfação com a situação a que chegara o mundo”, levava o escritor a uma busca “ardente” por uma solução religiosa.²⁷⁸ Acredito se tratar de uma simplificação do aspecto judaico de Kafka, sendo abordado como uma espécie de ilusão. Sobre isso Freud afirma que “inumeráveis seres humanos encontram nas doutrinas da religião seu único consolo, só podem tolerar a vida com a sua ajuda”²⁷⁹. Embora eu não ignore a máxima psicanalítica — quando estudada no contexto das massas — não aplico tal observação a Franz Kafka. Me distanciando, portanto, do que Leandro Konder conclui em seu trabalho biográfico.

Ao pensar o papel da religião na vida dos indivíduos, há que se pensar também na busca por uma proteção diante do mundo. Como técnica de defesa contra o sofrimento, há o deslocamento da libido, que consiste na autorização do aparelho anímico, através do qual sua função ganha, substancialmente, em flexibilização. A tarefa a ser cumprida, portanto, é deslocar as metas pulsionais de tal maneira que não possam ser atingidas pelo impedimento do mundo exterior.²⁸⁰ É possível que um número grande de pessoas empreenda conjuntamente a tentativa de formar para elas uma garantia de felicidade e uma barreira contra o sofrimento a partir do que Freud chama de “configuração delirante da realidade”. Para o psicanalista pode-se caracterizar as religiões da humanidade como um delírio de massa envolto nessa ordem.²⁸¹ Todo ser que vive em sociedade tende a se adaptar às relações conflituosas e limitadoras, que geram desprazer.

²⁷⁷ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 191.

²⁷⁸ KONDER, Leandro. **Kafka: vida e obra**. *Op. cit.*, p. 46-47.

²⁷⁹ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927)... *Op. cit.*, 268.

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 325.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 327-328.

A religião prejudica esse jogo de escolha e de adaptação, na medida em que impõe a todos, de igual maneira, o seu caminho para a obtenção da felicidade e para a proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e em desfigurar de maneira delirante a imagem do mundo real, o que tem como pressuposto a intimidação da inteligência.²⁸²

A minha leitura a respeito do escritor tcheco e de sua crença religiosa (desde que expressa em cartas e diários) caminha no sentido de apontar grande interesse intelectual e teológico do judaísmo, como um povo dotado de uma notável cultura e tradição, e menos de uma busca teleológica por salvação pessoal. Além de seu forte ceticismo, esse destacado pelo próprio Konder, que o denomina como um “ceticismo rebelde”²⁸³. Em seu diário, o literato se questiona: “Que passado ou futuro me sustenta?” e conclui que em sua visão “o presente é fantasmagórico”.²⁸⁴ Para Freud, o desejo utiliza uma oportunidade no presente com o fim de projetar, a partir de um modelo do passado, uma imagem do futuro,²⁸⁵ algo raramente verificável nas obras kafkianas. Existe em Kafka um profundo sentimento pessimista com relação ao futuro, em carta enviada a Felice Bauer no dia 9 de agosto de 1915, o escritor demonstra completa falta de esperança ou crença em um porvir redentor:

Enfim: às vezes acho que esse tormento que vem de todos os lados vai acabar me esmagando. Mas a dor desses momentos não é a pior. O pior é que o tempo passa, o sofrimento me mergulha na miséria e na incapacidade cada vez maiores e as perspectivas de futuro se tornam cada vez mais sombrias, sem trégua.²⁸⁶

Um ano antes de morrer Sigmund Freud afirmou, a respeito de sua absoluta falta de fé, que nunca escondeu tal fato, acrescentando que jamais deu espaço para o florescimento de crenças religiosas: “nem em minha vida privada nem em meus escritos”²⁸⁷, para ele seria uma ilusão acreditar que se pode encontrar em outro lugar o que a ciência não nos pode fornecer.²⁸⁸ Já Kafka não coloca de forma direta e explícita a possibilidade de um ateísmo. Seu anti-dogmatismo aparece nas anotações particulares, como cartas e diários, porém em seus trabalhos literários o

²⁸² *Ibidem*, p. 332.

²⁸³ *Ibidem*, p. 47.

²⁸⁴ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 432.

²⁸⁵ FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os Artistas**. Trad. Ernani Chaves. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 3, Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 59.

²⁸⁶ KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondência de la época del noivazgo (1912-1917). *Op. cit.*, p. 2337, tradução minha.

²⁸⁷ FREUD, Sigmund, 1938, *Apud* GAY, Peter. **Um judeus sem Deus**. *Op. cit.*, p. 52.

²⁸⁸ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927)... *Op. cit.*, p. 293.

tema não tem sequer menção. Dentre suas anotações e apontamentos críticos em seus diários, destaco o de 25 de dezembro de 1912 em que expõe um desacordo com o judaísmo, a partir de suas observações e estudos.

Entre os judeus – e, é claro, especialmente os da Rússia – não parece ser muito comum e característico ter uma estrita vida familiar, pois vida familiar também se encontra, afinal, entre os cristãos, sem falar que o fato de a mulher ser excluída do estudo do Talmude é algo que atrapalha a vida familiar dos judeus, de modo que as mulheres, quando o marido quer conversar com visitas sobre assuntos talmúdicos eruditos, ou seja, sobre o centro de sua vida, retiram-se para o quarto ao lado, quando não são forçadas a tanto, e de modo que é ainda mais peculiar deles o fato de se encontrarem com tanta frequência, em qualquer ocasião possível, seja para orar ou estudar ou discutir assuntos divinos ou para banquetes, na maioria das vezes com motivação religiosa, em que se bebe álcool apenas muito moderadamente. É como se se refugiassem uns junto aos outros.²⁸⁹

Evidentemente que a afirmação de Freud e a anotação de Kafka são distintas, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto do teor. A primeira demonstra que o psicanalista era um ateu convicto e expressava tal ateísmo; a segunda indica críticas pontuais do literato a determinados aspectos de uma religião específica, apontando sua evidente ausência de dogmatismo religioso. Em suma, se para Peter Gay “Freud tornou-se psicanalista em grande parte *pelo fato* de ser ateu”, na minha leitura se Franz Kafka tornou-se o escritor que foi, deve-se em grande parte por não ser um judeu dogmático e ortodoxo. Poderia o literato tcheco deixar a crença interferir em sua escrita, entretanto, nesse caso, seria uma outra literatura e um outro Franz Kafka, diferente do que conhecemos: irreverente e crítico na vida privada (apesar da timidez); experimental e criativo na expressão artística/literária.

Em última comparação, tomo a afirmativa de Peter Gay, ao dizer que para Freud, “a ciência bastava”²⁹⁰, pois para ele “os enigmas do mundo só se desvelam lentamente à nossa investigação” e que embora a ciência pode não ter resposta, hoje, para muitas perguntas, “o trabalho científico é o único caminho que pode nos levar ao conhecimento da realidade exterior a nós”.²⁹¹ No caso de Kafka, traço um paralelo, trazendo uma anotação de 21 de agosto de 1913: “Tudo que não é literatura me entendia e eu detesto”²⁹². A literatura aparece como uma fuga do tédio e das adversidades do mundo externo. Ela é o refúgio de Kafka.

²⁸⁹ KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. Op. cit., p. 264.

²⁹⁰ FREUD, Sigmund, 1938, *Apud* GAY, Peter. **Um judeus sem Deus**. Op. cit., p. 73.

²⁹¹ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927)... Op. cit., p. 265.

²⁹² KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. Op. cit., p. 307.

A felicidade, no sentido moderado em que é reconhecida como possível, é um problema de economia libidinal do indivíduo. Aqui não há nenhum conselho que sirva para todos; cada um precisa tentar por si mesmo a maneira particular para se tornar feliz. Os fatores mais variados atuarão para indicar os caminhos de sua escolha. Tudo irá depender de quanta satisfação real ele pode esperar do mundo exterior e até que ponto ele age para se tornar independente dele; e também, por fim, de quanta força ele acredita dispor, para modificá-lo de acordo com seus desejos. Já nesse caso, além das circunstâncias externas, a constituição psíquica do indivíduo será decisiva.²⁹³

Embora várias vezes apareça em suas cartas e diários o interesse pela religião e temas relacionados ao judaísmo, somente a literatura lhe tomava de tal maneira a querer isolar-se do resto da família²⁹⁴ e dos demais assuntos. É uma constatação importante do ponto de vista da temporalidade da qual Franz Kafka faz parte, pois em épocas passadas — escreveu Freud no ano de 1927 — “as ideias religiosas exerceram a mais forte influência sobre a humanidade, apesar de sua indiscutível falta de comprovação”²⁹⁵. O que o psicanalista chamou de ilusão.

Na ideia delirante destacamos como fundamental a contradição com a realidade; a ilusão não precisa ser necessariamente falsa, isto é, ser irrealizável, ou estar em contradição com a realidade. [...] Chamamos então uma crença de ilusão quando, em sua motivação, a realização de desejo passa para o primeiro plano, e assim fazendo, desistimos de sua relação com a realidade, da mesma forma como a própria ilusão renuncia às suas comprovações.²⁹⁶

Além do contato pessoal com o judaísmo como religião, Kafka também foi um observador da situação judaica pelo mundo, sobretudo na Europa Central. Em Praga não era diferente das demais cidades que abrigavam grupos judeus, de forma temporária ou definitiva, seja através dos bairros e comunidades semitas, ou pelos locais de alojamento (uma espécie de albergue) nos quais os migrantes permaneciam por algumas noites até conseguirem uma oportunidade de viagem. De maneira mais descritiva e detalhada, Kafka compartilhou com Milena um pouco do que via da janela de seu quarto, que dava para um desses alojamentos:

Se ontem à noite (quando por volta das oito horas olhei da rua para o interior do salão de festas da Municipalidade Judia, onde se encontram

²⁹³ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930)... *Op. cit.*, p. 330.

²⁹⁴ Como consta a anotação do mesmo dia.

²⁹⁵ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927)... *Op. cit.*, p. 262.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 264.

alojados mais de cem emigrados judeus russos — que esperam visa²⁹⁷ para irem à América —, a sala está cheia como em uma assembleia pública; e depois às doze e meia, quando os vi a todos adormecidos, um junto ao outro, alguns dormiam estendidos sobre cadeiras, de vez em quando algum tossia ou se voltava de costas ou passava cuidadosamente por entre as fileiras de adormecidos, sob a luz acesa toda a noite) [...] ²⁹⁸

2.4 OS RELACIONAMENTOS PENDULARES

Os relacionamentos de Franz Kafka foram sem dúvida marcas de um indivíduo inconstante e oprimido pela própria insegurança. Seus noivados nunca lograram êxito, logo, nunca se casou, mesmo demonstrando, por diversas vezes, muitos sentimentos para com suas eventuais noivas, seja na troca de cartas ou nos pensamentos escritos em seus diários. Durante sua vida adulta, Kafka noivou três vezes: duas vezes com Felice Bauer e uma vez com Julie Wohryzek. Houve também uma tentativa com Dora Diamant. Os pais de Julie e Dora não aprovaram os respectivos noivados.

Seu primeiro noivado ocorreu em Berlim, a 2 de junho de 1914, com Felice Bauer, a quem conheceu em 1912 e passou a trocar cartas constantemente, além de fazer visitas a ela na Alemanha e recebê-la em Praga. Em julho de 1917 noivou pela segunda vez com Felice e após intermináveis medos e conflitos internos, decide terminar definitivamente com a moça em dezembro. Término que se deu após vários alertas feitos à noiva e a seus pais através de correspondências, pois já existia em Kafka o desejo de se afastar. No ano de 1919 conheceu Julie Wohryzek, em uma pensão, na província de Schelesen. Os dois noivaram, apesar de Kafka não obter aprovação de seu pai Hermann. Nesse período escreve *Carta ao Pai*, descrevendo seus problemas de relação com seu genitor. Os planos duraram até 1920, quando terminou o noivado com Julie.²⁹⁹

Além das pendulações nos noivados que teve durante os anos de 1914 a 1920, Franz Kafka também se envolveu em relacionamentos amorosos e paixões com pessoas que merecem destaque. A mais conhecida é Milena Jesenská, com quem passou a trocar correspondências de maneira intensa a partir de 1920 e para quem,

²⁹⁷ Visa se refere a uma norma entre os países que permite a entrada e a estadia de estrangeiros. Nota minha.

²⁹⁸ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 169-170.

²⁹⁹ BACKES, Marcelo. Cronologia bibliográfica. *In*: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. *Op. cit.*, p. 285-287.

em 1921, entrega todos os seus cadernos (de diários) que vinha escrevendo desde 1909. Com ela passou quatro dias juntos em Viena, após viajar à cidade para encontrá-la. A respeito desse relacionamento, o escritor expressou sua paixão em uma carta — que revela como foi seu Bar Mitzvá — declarando seu sentimento, ao dizer que além dos presentes que seus familiares lhes fizeram, havia um especial, que foi “recebido” um tempo depois: “faltava-me ainda certo presente, e eu pedi-o ao céu; o céu hesitou até o dia dez de agosto”³⁰⁰, fazendo referência ao nascimento de Milena em 1896.

Outra moça conhecida como amante de Kafka é Dora Diamant, a quem conheceu em 1923, mesmo ano em que se mudaram para Berlim, onde passaram a viver juntos, a contragosto do pai de Dora. No último ano de sua vida, 1924, passa a viver com seu amigo Robert Klopstock — que conheceu em 1921 — e com Dora, dessa vez no sanatório Hoffman, em Kierling, até sua morte, em 3 de junho.³⁰¹ Seus relacionamentos foram pendulares, não somente pelas idas e vindas, mas pelas indefinições e medos que impedia a permanência entre Kafka e seus amores.

Embora a vida amorosa de Franz Kafka não seja o objetivo principal deste trabalho, alguns aspectos dos relacionamentos que teve, tanto os de ocasião, quanto os recorrentes, que iam e voltavam como um pêndulo, são de intrínseco interesse para uma análise que diz respeito a seus pensamentos sobre a ideia de família, de ter filhos, do futuro, e, portanto das perspectivas para sua vida, ainda do ponto de vista da biografia psicanalítica e da psico-história³⁰²: levando em consideração suas experiências familiares, amorosas e a influência destes para o destino do indivíduo. O “fracasso” de Kafka em suas tentativas de se casar está diretamente relacionado ao seu receio com o que o casamento poderia lhe proporcionar, seja como a obrigação econômica de um chefe de família ou as limitações de sua cultura.

O amor genital leva a novas formações de família, o amor inibido quanto à meta leva a ‘amizades’ que se tornam culturalmente importantes, porque elas escapam a muitas das limitações do amor genital, por exemplo, à exclusividade. Mas a relação do amor com a cultura perde, no curso do desenvolvimento, seu caráter inequívoco. De um lado, o amor opõe-se aos

³⁰⁰ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 148.

³⁰¹ *Ibidem*, p. 287.

³⁰² DOSSE, François. A identidade hermenêutica (II): A pluralidade das identidades. *In*: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma Vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015, p. 297-359.

interesses da cultura, e de outro, a cultura ameaça o amor com sensíveis restrições.³⁰³

O ponto em que concordo com Konder (1968) a respeito dos envolvimento amorosos de Franz Kafka, reside na afirmação de que foram tentativas do escritor de superar a solidão³⁰⁴, uma vez que a observação se fundamenta nos próprios diários, seja se situando na maioria das vezes em uma espécie de “fronteira entre solidão e comunidade”³⁰⁵ ou na grande quantidade de cartas trocadas com Milena, a pedindo para sair de Viena e ir à Boêmia morar com ele³⁰⁶. Além da insegurança consigo mesmo, era também com relação a seus relacionamentos e possíveis casamentos, sobretudo pela hesitação em romper seus noivados, dois deles com Felice Bauer³⁰⁷, a exemplo das inúmeras anotações particulares e em cartas a Milena.

As três histórias de noivados tiveram uma trilha em comum: que fui total e indubitavelmente culpado de tudo, as duas jovens sofreram por minha culpa, e em verdade — falo aqui somente da primeira [Felice], da segunda [Julie Wohryzek] não posso dizer nada, é muito sensível, e uma só palavra, ainda a mais afetuosa, seria para ela a mais tremenda ofensa, compreendendo-o bem — e em verdade apenas por ela [...] eu não podia sentir-me definitivamente contente, tranquilo, decidido, capaz de enfrentar o casamento, embora lho promettesse sem cessar, pela minha própria, absolutamente vontade, embora não me supusesse nada mais digno de meus esforços que o casamento em si. Torturei-a durante quase cinco anos (ou se você quiser, me torturei), mas por sorte era irrompível, de cruzamento judeu-prussiano, uma mescla vigorosa e incrível. Eu não era tão forte quanto ela, de qualquer modo ela unicamente sofria, em troca eu feria e sofria.³⁰⁸

Ao mesmo tempo que a solidão era ambicionada muitas vezes por Franz Kafka, no sentido de lhe proporcionar momentos de tranquilidade, espaço e tempo para realizar suas leituras e sua escrita, também era capaz de causar determinada melancolia durante os períodos de viagens que fazia sozinho. Sentimento compartilhado com Felice Bauer em carta enviada no dia 14 de maio de 1916.

Querida Felice, aqui estou eu, em viagem profissional, Karlsbad e Marienbad, desta vez ninguém está me acompanhando. Há fantasmas de companhia e fantasmas de solidão, agora é a vez deste último, principalmente quando chove, faz frio e os motoristas conversam no pátio. No entanto, ficaria feliz em ficar aqui alguns meses, sozinho, para ver como

³⁰³ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura... *Op. cit.*, p. 353.

³⁰⁴ KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. *Op. cit.*, p. 73.

³⁰⁵ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 512.

³⁰⁶ Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 31.

³⁰⁷ KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. *Op. cit.*, p. 75.

³⁰⁸ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 44.

me sinto. O tempo passa e também passamos inutilmente com ele. É francamente melancólico, não há razão para ter um estado de espírito especial para perceber essas coisas sem parar.³⁰⁹

Apesar das declarações de amor e de profundo sentimento para com suas noivas, a falta de durabilidade dos relacionamentos de Kafka e a não realização de nenhum dos casamentos planejados, deveu-se a suas ponderações a respeito do matrimônio, da família e tudo que o conjunto poderia lhe exigir, uma vez que há diversas reclamações a respeito da sua falta de tempo e do tanto que seu trabalho na companhia de seguros e na fábrica lhe tomavam a ocupação que gostaria de destinar a sua escrita. Para ele a situação se agravaria caso fosse casado. Como tudo que é pendular consiste em um movimento oscilatório: Kafka possuía vontades de casar-se mas também motivos para impedir tal feito, vide anotação minuciosa com os prós e contras a respeito da ideia de ter uma vida de casado:

Compilação de tudo aquilo que depõe a favor do meu casamento ou contra:

- 1) Incapacidade de suportar a vida sozinho; não se trata de incapacidade de viver, ao contrário, é mesmo improvável que eu saiba viver com alguém, mas sou incapaz de suportar as investidas de minha própria vida, as exigências que me imponho, as ofensivas do tempo e da idade, o vago afluxo da vontade de escrever, a insônia, a proximidade da loucura — sou incapaz de suportar tudo isso sozinho. Talvez, devo naturalmente acrescentar. A união com F[elice]. vai dar a minha vida maior poder de resistência.
- 2) Tudo logo me dá o que pensar. Cada chiste no jornal satírico, a lembrança de Flaubert e Grillparzer, a visão dos camisolões de dormir sobre a cama arrumada de meus pais à noite, o casamento de Max. Ontem, minha irmã disse: “Todos os casados (que conhecemos) são felizes, eu não compreendo”. Também essa manifestação me deu o que pensar, e de novo senti medo.
- 3) Preciso passar muito tempo sozinho. Tudo que consegui foi mérito tão somente dessa solidão.
- 4) Odeio tudo que não tenha a ver com literatura, entedia-me conversar (mesmo que a conversa seja sobre literatura), entedia-me fazer visitas, os sofrimentos e as alegrias de meus parentes entediam-me até o fundo da alma. Conversas subtraem a importância, a seriedade e a verdade de tudo aquilo que penso.
- 5) O medo da união, do escoar-me para outra pessoa. Aí, nunca mais estarei sozinho.
- 6) Com minhas irmãs, sempre fui bem diferente do que sou com outras pessoas, sobretudo no passado assim foi muitas vezes. Destemido, aberto, poderoso, surpreendente, emotivo, como só consigo ser ao escrever. Se,

³⁰⁹ KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondencia de la época del noivazgo (1912-1917)... *Op. cit.*, p. 2388-2389, tradução minha.

com a mediação de minha mulher, pudesse ser assim com todos! Mas isso não viria em prejuízo da escrita? Isso não, isso é que não!

7) Sozinho, um dia eu talvez possa de fato deixar meu emprego. Casado, isso jamais será possível.³¹⁰

Franz Kafka, como noivo ou como amante, parecia ser incapaz de acreditar em si próprio, impedido a todo momento de valorizar sua capacidade de estruturar seus relacionamentos, por consequência foram pendulares e inconclusos. O escritor, em sua experiência amorosa, demonstrou ser, pelo que se nota nas cartas e nos diários, um anti-narcisista, alguém com sérias dificuldades de *amar a si mesmo*. A insegurança, caracterizada por um forte retraimento e uma profunda angústia, faz parte de um grupo de fraquezas que acompanharam o literato em toda sua vida particular.³¹¹ Se Kafka possuía a atividade pulsional de amar a si mesmo, foi expressamente pessimista em relação às consequências do “amar-ser amado”.

O amor admite não apenas uma, mas três formas de oposição. Além da oposição amar-odiar há também outras: amar-ser amado e o amar e o odiar tomados em conjunto, em oposição ao estado de indiferença ou desinteresse. Dentre essas três oposições, a segunda, amar-ser amado, corresponde à conversão da atividade em passividade e pode igualmente remontar a uma situação fundamental, como a pulsão de olhar. Tal situação seria: *amar a si mesmo*, o que para nós caracteriza o narcisismo. Conforme o objeto ou o sujeito sejam trocados por outro, manifesta-se a aspiração da meta ativa do amor ou meta passiva do ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo.³¹²

2.5 O DESEJO DE MORTE

A guerra (1914-1918) levou ainda mais atividade e dinâmica para a vida dos cidadãos e dos soldados, mesmo em pequenas cidades do interior da Áustria, movimentando combatentes, locomotivas que apitavam durante todo o dia, trens carregados, animais para consumo (gado), carregamentos de munição que chegavam a todo momento, fazendo com que os moradores aprendessem a lidar com as passagens de pelotões de batalha e com o silêncio das guardas noturnas, como bem traz o escritor austro-húngaro Andreas Latzko (1876-1943), no conto *A*

³¹⁰ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 300-301.

³¹¹ *Ibidem*, p. 532.

³¹² FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 49.

partida, de 1917.³¹³ A Primeira Guerra Mundial foi um dos maiores eventos de sua época, não somente pelos acontecimentos durante as datas de 28 de julho de 1914 a 11 de novembro de 1918, mas também pelo impacto posterior que ela gerou, com repercussões que se estenderam até os anos de 1945 e sendo fonte de estudos até os dias de hoje, ao passo que a história referente ao seu legado não trata apenas da destruição e suas repercussões que atormentaram o ocidente e suas sociedades nos anos subsequentes a ela, mas, sobretudo, os processos fundamentais para que suas feridas fossem curadas e a dor suavizada.³¹⁴

Com base nos relatos e na historiografia a respeito, parece-me que o desejo que Kafka tinha de ser soldado, possivelmente se confunde com o desejo de morte, uma vez que já havia tido contato com os perigos e os resultados de alguns conflitos em que seus cunhados estiveram presentes junto ao exército. Possuía uma provável inclinação expressa diversas vezes em seus diários e que volta a aparecer em carta enviada a Felice Bauer, no começo da Primeira Guerra Mundial, no dia 6 de maio de 1915.

Por que você não sabe se representaria felicidade para mim (além da nossa felicidade, talvez não o nosso sofrimento, mas sim, em qualquer caso, nossa felicidade deve ser comum e compartilhada, apesar de Salambó, contra quem sempre nutri suspeitas [...]), repito, por que você não sabe se representaria uma felicidade para mim ser soldado, assumindo, certamente, que meu estado de saúde o permite, e espero que faz? No final deste mês ou início do próximo, vou a uma perícia médica. Você deve querer que seja admitido, assim como eu quero.³¹⁵

A vontade incontida de participar das batalhas no *front*, não estão circunscritas a uma coragem heróica, autoconfiança ou, sobretudo, por desconhecimento do que se passava nas frentes de guerra, uma vez que presenciou por algumas vezes a dinâmica militar, quando das visitas que realizou a seu cunhado na Hungria, junto a sua irmã Elli. Em anotação posterior à viagem disse ter ficado “embotado, absorto e angustiado”³¹⁶. Há uma notável preocupação dos familiares com seus parentes convocados. Em um esboço de carta, presente em seu diário, datado de 25 de

³¹³ Cf. LATZKO, Andreas. *A partida*. In: LATZKO, Andreas. **Homens em guerra**. Trad. Claudia Abeling. 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2019, p. 13.

³¹⁴ STEVENSON, David. **O legado**. Trad. Valter Lellis. 1. ed. Coleção 1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial, vol. 4. Barueri:Novo Século Editora, 2016, p. 3-4.

³¹⁵ KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondência de la época del noivazgo (1912-1917). *Op. cit.*, p. 2321-2322, tradução minha.

³¹⁶ Cf. KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 428.

novembro de 1914, Kafka escreve a seu cunhado Paul Herman (o Pepa): “[...] você a deixou [Elli] muito agitada, e a agitação dela é habitualmente grande nestes tempos de guerra”³¹⁷. Acrescento a tal situação, o relato detalhado de uma experiência traumática vivida pelo parente, quando voltou para casa machucado. A memória se encontra em uma anotação do dia 4 de novembro do mesmo ano:

Pepa voltou. Gritando, agitado, descontrolado. A história da toupeira que escavava o chão da trincheira abaixo dele, o que ele entendeu como um sinal divino para sair dali. Nem bem saiu, um tiro atingiu um soldado que rastejava atrás dele e jazia agora sobre a toupeira. — Seu capitão. Viram-no claramente ser levado como prisioneiro. No dia seguinte, encontraram-no na floresta, nu, atravessado por baionetas. Provavelmente levava dinheiro consigo, devem ter querido revistá-lo e roubá-lo, mas, “assim são os oficiais”, ele não permitiu que lhe encostassem a mão. — P[epa]. quase chorou de raiva e irritação quando, proveniente da estação ferroviária, encontrou seu chefe (a quem, antes, venerara desmedida e ridiculamente), que, em traje elegante, perfumado e com um binóculo a tiracolo, ia ao teatro. Um mês depois, fez o mesmo com um ingresso que o chefe lhe deu de presente. Foi ver uma comédia, *Der ungetreue Eckehart* [O infiel Eckehart]. — Dormiu certa feita no palácio do príncipe Sapieha; em outra ocasião, na reserva, bem junto das baterias austríacas em ação e, em outra ainda, numa casa camponesa na qual, em cada uma das duas camas encostadas às paredes, uma à esquerda e outra à direita, dormiam duas mulheres, com uma moça deitada atrás da estufa e oito soldados dormindo no chão. — Punição para os soldados. Permanecer em pé, amarrado a uma árvore, até ficar roxo. Por ter ele, por exemplo, contrariando as regras, entregado o cartão da minha irmã em alguma parte, onde este efetivamente acabou por se perder.³¹⁸

Abordo como desejo de morte, pelas circunstâncias e perigos reais, dentro de um contexto de guerra. Franz Kafka indica ter uma vontade de estar longe de seu cotidiano, bem como do trabalho e das obrigações da vida adulta. A aversão ao serviço, talvez pela falta de identificação, pelo cansaço físico e mental, e, sobretudo, pela interferência em sua criação literária, são razões pelas quais, não podendo tirar férias, desejava estar no *front*, como uma oportunidade de se afastar de sua realidade. Quando diz: “quero ir ao exército, ceder a esse desejo reprimido há dois anos; por considerações diversas e que não dizem respeito a mim, pessoalmente, preferia as longas férias, caso pudesse conseguí-las”³¹⁹. O que se pode observar e argumentar é que Franz Kafka — não podendo tirar férias — caso tivesse a oportunidade de escolher, preferiria se arriscar na frente de batalha do que continuar

³¹⁷ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 405.

³¹⁸ *Ibidem*, p. 403.

³¹⁹ *Ibidem*, p. 458.

com sua rotina integralmente voltada para um trabalho que não lhe desse satisfação e felicidade.

A atividade profissional proporciona uma satisfação especial quando é escolhida livremente, portanto, quando ela permite que se tornem utilizáveis, por meio de sublimação, inclinações que estejam presentes, moções pulsionais continuadas ou reforçadas constitucionalmente. E, no entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho é pouco apreciado pelas pessoas. Não se ocorre a ele como a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria dos seres humanos só trabalha obrigada pela necessidade, e dessa aversão natural dos seres humanos ao trabalho derivam os mais graves problemas sociais.³²⁰

Dentre os riscos, tomo o próprio diário para citar dois, como o dia em que Kafka observou uma enfermeira relatando as histórias de feridos e especulando para onde iriam mandá-la³²¹ e o soldado de um braço só, exibindo-se após uma batalha vencida³²². Por fim, destaco que o ímpeto de ser convocado pelas forças armadas austro-húngaras, não residia no sentimento patriótico inflado pelas campanhas militares típicas desses tempos de guerra, mas pelo contrário, pois o escritor expressou repulsa pelo espírito empolgante que tomava os comerciantes nos desfiles de exibição das tropas de artilharia. Como confere passagem dos diários do dia 6 de agosto de 1914:

Desfile patriótico. Discurso do prefeito. Depois, desaparece e reaparece, e a exortação em alemão: “Longa vida a nosso amado monarca!”. Estou ali com meu olhar maldoso. Esses desfiles são um dos efeitos colaterais mais repugnantes da guerra. A iniciativa é dos comerciantes judeus, que são ora alemães ora tchecos, reconhecem isso, mas nunca podem gritá-lo tão alto como o fazem agora. É claro que arrastam muitos consigo. Foi tudo bem organizado. E deve se repetir todo fim de tarde; amanhã, domingo, duas vezes.³²³

A guerra traz consigo uma dualidade muito grande: *i)* de um lado a necessidade dos civis de ter que levar suas rotinas normalmente, longe dos *fronts*, enquanto as tropas se movimentam para algum lugar próximo das fronteiras, seja para atacar ou para se defender de exércitos inimigos, além das várias declarações e movimentações das nações que podem iniciar um conflito a qualquer momento, deixando os cidadãos aflitos, enquanto tentam continuar suas rotinas, como anotou

³²⁰ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927)... *Op. cit.*, p. 326.

³²¹ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 430.

³²² *Ibidem*, p. 432.

³²³ *Ibidem*, p. 389.

Kafka, ironicamente, em 3 de agosto de 1914, pouco depois do início da Primeira Guerra Mundial: “A Alemanha declarou guerra à Rússia. — À tarde, aula de natação”³²⁴; *ii*) por outro lado as preocupações e temores do seu possível desfecho, a possibilidade de perda de pessoas próximas ou até mesmo da própria vida (no caso de soldados em batalha), também de invasões, da instabilidade permanente do território e da imaginação angustiante dos não convocados, muitas vezes sem informações dos rumos que o conflito está tomando, a exemplo da anotação de 13 de setembro de 1914: “Os pensamentos ligados à guerra, em sua maneira torturante de me consumir por todos os lados”³²⁵.

2.6 O AUTOR PRECEDE A OBRA

No capítulo anterior tratei de forma introdutória de alguns aspectos da literatura de Franz Kafka, relacionando-a com os trabalhos de James Joyce e Marcel Proust, os quais localizam-se temporalmente no mesmo período que o escritor tcheco, objeto desta pesquisa. Como abordei até aqui alguns aspectos do *mal-estar* nos diários e nas cartas de Kafka, me caberá abordar alguns personagens marcantes em suas obras literárias, ou seja, ficcionais, como romances e novelas. Antes dessa imersão na obra do literato aqui estudado — a qual realizarei na terceira e última parte desta dissertação —, me cabe ressaltar que o autor e suas aspirações, sua vida e suas vivências antecedem sua criação.

O estado de espírito de Franz Kafka era expressado, por diversas vezes, em cujo sentimento predominante era de ser um incômodo para as pessoas, para si mesmo e para o mundo. Era sobretudo uma pessoa cuja vontade de existir não parecia maior que o fardo de ser quem era e como era (sua condição). Destaco a breve anotação do dia 3 de maio de 1913, em que o literato expressa: “A insegurança terrível de minha existência interior”³²⁶. A única forma de sair desse abismo em que se encontrava parecia ser através de sua escrita — tanto pela via da literatura, com seus romances e novelas, pois há nessa relação “a alegria do artista com a criação, com a encarnação da figura de sua fantasia”³²⁷; ou por meio dos seus

³²⁴ *Ibidem*, p. 387.

³²⁵ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 399.

³²⁶ *Ibidem*, p. 294.

³²⁷ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930)... *Op. cit.*, p. 325.

escritos particulares, como diários e cartas. Além disso, a leitura o levava de volta para um conforto que ele não possuía normalmente. Destaca-se, pois, um deslocamento do indivíduo perante a realidade vivida.

Voltei para casa muito cansado da caminhada, me sentia tão solto dentro da minha pele que se alguém tivesse me sacudido, isso significaria minha queda total. Eu estava lendo para minha irmã (meus pais passaram o dia em Kolin, na casa de alguns parentes, eles acabaram de chegar e cumprimentá-los também me roubou um tempo) algumas coisas do meu bom tempo, talvez o melhor que já fiz, ela ainda não os conhecia, acho que datam da época em que eu esperava sua segunda carta. A leitura me empolgou, e se não fosse a tarde andando pelas estradas, quem sabe, talvez eu tivesse começado a escrever e algo saísse direito, algo que, de repente, poderia me arrancar do abismo no qual, como é evidente, estou afundando. Porém, não farei nada disso, e irei dormir sendo quem sou, e — com certeza — ficarei muito mais tempo sem escrever nada e continuarei sendo uma praga para você e para o mundo.³²⁸

Acrescenta-se ao estado permanente de inquietação de Kafka, a sua ansiedade em se comunicar com suas interlocutoras, tanto no caso de Milena quanto no de Felice. Em relação à primeira, Kafka se queixa da visita do tio que chegava de Madrid, pois a atenção que teria que despender ao parente, o atrapalharia a escrever as cartas e enviá-las. Embora seja o irmão de sua mãe com quem mais mantinha afeto, mas a ocasião tiraria muito tempo do escritor, e como o mesmo expressou: “[...] eu necessito de todo o meu tempo e mil vezes mais do que todo o meu tempo e se é possível todo o tempo que existe para dedicá-lo a ti, para pensar em ti, para respirar em ti”³²⁹. São particularidades que demonstram um pouco da personalidade do autor. Também demonstrada em carta a Felice:

Está melhor, claro, F., hoje só esperei 4 horas pela chegada da sua carta, embora sejam sempre quatro horas. Claro, é muito natural que cada um busque o seu benefício, que eu queira receber uma resposta por carta, que você só queira dar em voz alta, porque assim você não é obrigada a dar.³³⁰

Além da ocupação prazerosa que tinha no tempo dedicado à escrita e leitura dessas cartas, a literatura também lhe foi um potencial condutor em direção a uma vida mais distante dos problemas do cotidiano. Determinadas áreas e criações

³²⁸ Trecho de carta enviada a Felice entre as datas de 9 a 10 de fevereiro de 1913. Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondência de la época del noivazgo (1912-1917). *Op. cit.*, p. 958-960, tradução minha.

³²⁹ KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. *Op. cit.*, p. 71-72.

³³⁰ Trecho de carta enviada a Felice Bauer no dia 9 de abril de 1914. Cf. KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondência de la época del noivazgo (1912-1917). *Op. cit.*, p. 1957, tradução minha.

podem amenizar (momentaneamente) o sofrimento e o sentimento de angústia presentes constantemente no interior do indivíduo, destaca-se a apreciação da obra de arte, como uma fuga da realidade, que é enxergada como um inimigo, uma verdadeira fonte de sofrimento. São traços que identifico e aponto em Franz Kafka.

O campo de onde provêm essas ilusões é o da vida de fantasia; ele foi, naquela época, quando se consumou o desenvolvimento do senso de realidade [*Realitätssinnes*], expressamente dispensado das exigências da prova de realidade e permaneceu destinado ao cumprimento de desejos de difícil realização. Acima de tudo, entre as satisfações dessas fantasias, está o gozo de obras de arte, que, por intermédio do artista, torna-se acessível também àquele que não é ele mesmo o criador. Aquele que é receptivo à influência da arte não sabe como avaliar suficientemente a importância dessa influência como fonte de prazer e como consolo para a vida. E, no entanto, a suave narcose à qual a arte nos transporta não faz mais do que produzir uma libertação passageira das necessidades da vida e não é forte o suficiente para fazer esquecer a miséria real.³³¹

A obra literária de Franz Kafka pode ser analisada como uma fonte de pesquisa a fim de entender a respeito de sua modernidade — e é como a leio — pois além das aspirações e questões pessoais, existe um pano de fundo em que o autor está situado ao escrever. Uma análise crítica e reflexiva de sua literatura pode abordar perguntas muito pertinentes a respeito do que o incomodava naquele momento, o que o inspirava e não somente a fonte do espanto mas uma realidade que junto com o escritor, precede a narrativa de seus romances e novelas. Não significa afirmar que Kafka criava com a intenção de que aquilo revelasse ou denunciasse um acontecimento vivido ou presenciado por ele, mas que ao criar seus enredos e tramas, externaliza o que sentia, mesmo que de forma fragmentada, pois todo artista está presente em sua obra, trata-se de uma condição artística e criativa entre criatura e criador.

Sua escrita evolui sempre para uma narrativa cuja característica mais marcante é a falta de esperança para os personagens principais, são em sua maioria indivíduos que retratam um fracasso, uma injustiça, uma condição de impotência diante das adversidades da vida e, mesmo quando desejam percorrer o caminho assertivo e ambicionar a solução dos conflitos, são envolvidos pela própria narrativa kafkiana que não permite a eles o sucesso. Não é difícil encontrar em suas anotações e reflexões, semelhanças entre seus pensamentos e a ordem natural que

³³¹ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930)... *Op. cit.*, p. 326-327.

rege seus romances e novelas, como destacado no aforismo em que diz: “O verdadeiro caminho passa por uma corda que não está esticada no alto, mas logo acima do chão. Parece mais destinada a fazer tropeçar do que a ser trilhada”³³².

A capacidade do ser humano de pensar é a fonte mais próxima da obra de arte, um atributo do indivíduo e não basicamente da espécie. E é essa capacidade de pensar que está diretamente ligada com o sentimento, em que o artista transforma sua dor (inarticulada e muda) em algo expressivo e comunicativo. O autor transfere ao mundo exterior algo muito intenso e sensível, outrora aprisionado em seu interior.³³³ Essa transferência dinâmica interno-externo acontece de maneira constante e necessária para a criação artística, porém nem sempre descrita de forma positiva e denotando algo fácil e realizador para o poeta [*Dichter*]³³⁴, mas como uma tentativa de se livrar daquilo que só existe no âmago e no íntimo do escritor, seja por meio de uma obra ficcional ou uma anotação reflexiva ou descritiva do seu estado presente. Kafka, em um de seus diários, relatou a respeito desse processo, em uma das notas do dia 18 de dezembro de 1911:

Tenho agora, como sentia à tarde, um grande desejo de, pela escrita, arrancar de mim todo esse meu estado angustiante e de, da mesma forma como ele vem de minhas profundezas, registrá-los nas profundezas do papel, ou de registrá-lo de uma maneira que eu possa abarcar em mim todo o escrito. Não se trata de um desejo artístico.³³⁵

Especificamente a respeito do escritor tcheco, tomando o filósofo Walter Benjamin (1987) como leitor e crítico, a partir da afirmativa de que “a beleza só aparece no mundo de Kafka nos lugares mais obscuros”³³⁶, proponho pensar não somente partindo do “mundo de Kafka” em sua obra literária — como afirma Benjamin —, mas da realidade que o escritor viveu, a partir, é claro, daquilo que ele presenciou e assimilou em sua vida. Não como um espaço próprio, mas alargar o campo interpretativo, de tal modo que possamos apontar lugares e situações

³³² Aforismo de número 1. Cf. KAFKA, Franz. *Aforismos*. *Op. cit.*, p. 189.

³³³ Cf. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 181-182.

³³⁴ O termo em alemão *Dichter* é utilizado para dar um sentido mais amplo, no seu sentido geral de poeta como “criador”, contemplando o escritor, o romancista, o novelista, o contista, etc. Comumente aquele que “faz versos”. Artistas voltados para a escrita. Cf. FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Trad. Ernani Chaves. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 3, Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 65.

³³⁵ KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. *Op. cit.*, p. 155.

³³⁶ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura... *Op. cit.*, p. 141.

absurdas vivenciadas por Kafka, como ter presenciado todos os acontecimentos históricos delicados e bélicos envolvendo a Europa, mais propriamente o Império Austro-Húngaro — como os já explanados no capítulo anterior. Soma-se as condições dos judeus na Europa do século XX e as experiências singulares com a guerra a partir de seu contato com soldados feridos.

Existiu um mundo em torno do escritor tcheco para que esses “lugares absurdos”, presentes em suas obras, pudessem ganhar vida e assimilação. E aqui concordo com Benjamin quando afirma que “Kafka é como um rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo”³³⁷, acrescentando, porém, que isso se dá através do contato dele com o real, com o trabalho, em sua relação com a sociedade, com o Estado, na cultura na qual está inserido, além de uma gama de processos e experiências que lhes proporcionaram tal medo, referido por Benjamin a partir de sua leitura de Kafka.

Sua literatura, como toda obra de arte, possui importâncias de naturezas distintas, tanto para a análise literária, visando a relevância crítica, ligada à validade artística; quanto para o estudo relacionado ao escritor e a sua realidade social. Ou seja, *i)* há um momento analítico, esse de caráter científico, cuja metodologia se volta para os romances e novelas como verdadeiros objetos de conhecimento, deixando suspensos os problemas relativos ao autor e às pistas psíquicas e sociais inerentes a sua vida e *ii)* o outro momento, chamado de crítico, se incumbe de indagar a respeito da validade da narrativa e sua função na dinâmica da experiência humana³³⁸, e é esta última que mais me auxilia no objetivo do presente trabalho, pois busco no referido autor e em sua escrita, características que possam auxiliar no entendimento de sua relação com a sociedade e o Estado de sua época.

A literatura que me dedicarei a abordar, servirá como fonte de estudos para verificação de momentos (imagens) da experiência humana, vividos por um determinado autor, de uma determinada cultura, de uma determinada religião e de uma determinada época, agregando suas experiências de vida, sua visão de mundo e suas leituras. São vestígios (rastros) que serão analisados em conjunto. São,

³³⁷ *Ibidem*, p. 144.

³³⁸ CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, Número especial, p. 82, 2012.

portanto, objetos valiosos no campo das possibilidades interpretativas acerca do autor, do tempo e da obra.

Um artista, assim como qualquer outro indivíduo, pode rejeitar a sua época, pode estar insatisfeito e odiar o momento em que está vivendo, mas sabe — sendo inteligente — que em todo caso pertence de forma irrevogável ao seu período, sabe que não pode fugir de seu tempo.³³⁹ Trajetória e literatura, tornam-se portanto duas partes de uma abordagem acerca de um determinado escritor, mas que não podem ser consideradas como separadas a partir de uma divisão ortodoxa, o que seria um equívoco. A pesquisa precisa do contexto da enunciação do pensamento ou expressão criativa, doravante tornando-se um imperativo no mínimo precioso para compreender as inflexões ou percursos de um determinado conjunto de ideias.³⁴⁰ Seja qual for o caso de análise de um objeto, é necessário que se pense as tópicas vida e obra juntas, tensionando-as, porém sem reduzi-las ou generalizá-las.³⁴¹

O autor precede sua obra porque antes de ser um escritor, ele é um indivíduo, circunscrito a um determinado tempo histórico, a um determinado lugar, possui suas particularidades e questões individuais, da mesma forma que está sujeito a relações e influências externas, desde as regras de Estado (leis e códigos); as normas de convivência social (trabalho e escola); regras e tradições familiares (religião, comportamentos e casamento). Esses são alguns dos cenários nos quais o escritor está, no momento em que escreve e tem sua inspiração artística e criativa para tal.

A inspiração leva à criação literária, que por sua vez permite que se reconheçam elementos variados, tanto de ordem recente na vida do autor, quanto de lembranças antigas, muitas vezes de sua época de infância ou adolescência.³⁴² No primeiro capítulo o que busquei expor foi a trajetória de Franz Kafka, que é de suma importância para conhecermos essas lembranças potenciais, além do cenário que os biógrafos do escritor descreveram com base em documentos que dispunham. A leitura que faço a partir das biografias e das obras do literato tcheco circunda sua formação acadêmica como forte fator de conhecimento jurídico e contato (já atuando

³³⁹ AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: ARGOS, 2009, p. 59.

³⁴⁰ DOSSE, François. **O desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. *Op. cit.*, p. 386.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 388.

³⁴² Cf. FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar... *Op. cit.*, p. 62.

e trabalhando) com realidades variadas de indivíduos que por vezes necessitavam de auxílio advocatício.

A título de exemplo, cito o *O processo* (1925), em que se pode perceber a descrição perspicaz do cenário do romance. Kafka, possivelmente utilizou-se de tal conhecimento da ordem judiciária e da burocracia da área, para expressar em suas obras os contornos judiciais, presentes nos diálogos, na trama, na vida de Joseph K. e de seus amigos e familiares. Tomando conhecimento de tais informações biográficas há uma maior compreensão desses detalhes, assim como os locais utilizados como fundo; os agentes, postos como peças de uma estrutura; os trâmites e as situações que vão se impondo ao alvo das acusações desconhecidas. São, portanto, pontes que permitem conexões entre os enredos, os clímaxes e os personagens, a partir das experiências vividas por quem as escreveu e descreveu de forma tão detalhada.

2.6.1 Kafka e *mimesis*

Para trabalhar a literatura de Kafka como uma expressão, se faz necessário uma curta explanação acerca do conceito de *mimesis*, cujo emprego esteve primeiramente ligado a duas categorias da arte: a dança e a música (ritmo). Nelas a noção de *imitatio*, ou, grosso modo imitação, é posteriormente vista como uma ligação terapêutica entre o corpo físico e o psíquico.³⁴³

Além dessa visão dos antigos acerca do conceito de *mimesis* existem as considerações dos filósofos Platão e Aristóteles, em que ambos consideram a poesia épica a partir desta concepção; ressaltando que: *i)* Platão enxerga o processo de imitação, *mimesis*, como algo depreciativo na narrativa, pois o filósofo valoriza o verdadeiro, e defende que o “imitador”, o artista, o poeta e o escritor, em contrapartida, buscam consistência para suas obras na mentira, derivando-se de uma simulação das aparências sensíveis, que já são manifestações secundárias, tendo ele a intenção principal de enganar os seus leitores; *ii)* já Aristóteles, via o mesmo conceito, relacionado à poesia, como algo que possui base possível no verossímil, podendo imitar os fatos reais e apresentá-los como universais, dando um caráter mais rico e apreciativo ao acontecimento narrado. Assim, diferentemente da

³⁴³ LIMA, Luiz Costa. **Vida e Mimesis**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 63-64.

história acontecida que trata somente do ocorrido, a narrativa literária delega ao leitor a possibilidade de imaginar aquilo que poderia ser, tomando a criatividade como um aspecto de suma importância na leitura de um determinado enredo literário.³⁴⁴

Em Kafka — escritor que me interessa justificar — aponto uma forte relação com a *mimesis* e com a *expressão*, pois elas trazem aspectos de *verossimilhança* que permitem ao leitor imaginar realidades possíveis às que são narradas em seus romances e novelas. Há também aspectos contemporâneos, sejam eles identificáveis com o tempo do autor (abordagem feita pelo biógrafo e pesquisador) ou as situações que se assemelham às vivenciadas pelo leitor. O que pode ocorrer após décadas ou séculos à escrita de determinada história ficcional.

O que é importante para a análise que realizarei em sequência é a leitura contextualizada de suas obras, pois parto do pressuposto de que Franz Kafka trouxe à tona tópicos pertinentes ao *mal-estar* de sua época e do seu contexto espacial, em que conflitos são trazidos para o centro do debate. Há em sua narrativa o desvelamento da vida, ora através do medíocre e do absurdo, ora por meio de figuras e locais que permitem traçar comparações entre sua criação e a experiência do século XX.

³⁴⁴ VOIGT, Andressa Cristina; et al. O conceito de mimesis segundo Platão e Aristóteles: breves considerações. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 2, p. 234. 2015.

CAPÍTULO III
DA LITERATURA KAFKIANA: entre animais, conflitos e
sentimentos

A escrita de Kafka é fina e flexível como aço e consegue perfurar a barreira da alienação para mostrar a face verdadeira do real.

Modesto Carone

Há na literatura de Franz Kafka muitas marcas e diversas possibilidades interpretativas, a que proponho no presente capítulo é a que relaciona sua narrativa com o conflito, utilizando para isso conhecimentos debatidos nos capítulos anteriores, ou seja, valendo-me da biografia e de seu tempo a fim de aumentar as zonas de conhecimento a respeito do contexto ao qual o escritor pertenceu, seja por sua trajetória até os espaços transitados e ocupados por ele; há também o importante embasamento correlato ao que o autor pode ter pretendido dizer com um ou outro personagem e enredo, através das anotações contidas em suas cartas e diários, expostos e analisados no segundo capítulo desta pesquisa.

Para a utilização da literatura como fonte, faz-se necessário atentar para como a obra literária fornece uma expectativa de algo que poderia acontecer, um vir-a-ser. Trabalhando uma análise do escritor como um indivíduo atraído pelas possibilidades. Além disso, cabe verificar através do trabalho historiográfico, as estruturas periféricas e os agrupamentos humanos alheios aos fatos históricos exitosos. Portanto, buscar os locais profundos de dor, abandono e prostração de que se alimentou determinada literatura.³⁴⁵ São caminhos indicados por Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão*, em que analisa o caso brasileiro durante a Primeira República, elencando escritores, suas obras e os debates em voga. Outra contribuição no campo da historiografia a respeito do uso da literatura como fonte, utilizada nesta pesquisa de mestrado, é o texto *História & literatura: uma velha-nova história*, de Sandra Jatahy Pesavento³⁴⁶.

O uso da ficção literária não consiste em demonstrar a existência de personagens e situações narrados na vida real, mas dar a possibilidade de ler as questões que estavam em jogo em uma determinada temporalidade. Para o historiador que utiliza-se da literatura, não deve fazer por seu valor documental, como um testemunho de verdade ou comprovação do fato, mas enxergar na obra seu valor de problema. Além disso, o texto literário deve ser lido como uma expressão ou sintoma de determinadas formas de pensar e agir. São possibilidades dotadas de credibilidade e significância. Um testemunho do seu tempo.³⁴⁷

³⁴⁵ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 20-22.

³⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 28 jan. 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 7.

A literatura é, portanto, fonte enquanto escrita de uma sensibilidade, registro, marca de um tempo e expressão de sensibilidades de indivíduos em um determinado momento da história: “Dos seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regra e da contravenção, da ordem e da contramão da vida.”³⁴⁸ Tal premissa é, no meu estudo a respeito da obra de Franz Kafka, de suma importância, uma vez que busco as expressões e sentimentos do escritor como fatores pertinentes para a minha análise.

Tomando o artefato literário como uma expressão dos tempos passados. A literatura é tomada como um discurso que possibilita acesso ao imaginário de diferentes épocas; como uma possibilidade; algo que poderia acontecer, a partir de um autor e um momento.³⁴⁹ Tanto as obras realistas como as narrativas que projetam um passado remoto ou um futuro ficcional, podem ser utilizadas como um testemunho do seu tempo.³⁵⁰

A literatura de Franz Kafka é um campo frutífero em fornecer objetos para historiadores e críticos literários apontarem referências e particularidades que fazem de sua obra um marco para o século XX. Há uma gama de personagens incomuns, *i)* seja metamorfoseado em inseto; *ii)* animais com aspectos humanos, tendo a faculdade de pensar e refletir a respeito da vida, permitindo que o leitor faça analogias entre a ficção e a realidade identificando essa *mimesis*³⁵¹; *iii)* outros tantos personagens e situações capazes de expressar sentimentos: pessimismo, angústia e melancolia — não facultando ao leitor ter esperanças no decorrer da trama, mesmo que em momentos de humor (incompreendido) bem ao modo kafkiano; *iv)* ou deslocando a realidade do seu centro de normalidade e a deslucando³⁵² do seu estado de sanidade comum e corrente da sociedade contemporânea que se afirma racionalista e moderna.

Com todas essas características peculiares em sua obra, sobressai o *mal-estar* fruto de todo o conflito inerente ao indivíduo que vive em sociedade. Aponto

³⁴⁸ *Ibidem*.

³⁴⁹ *Ibidem*, p. 2-3.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 8.

³⁵¹ Cf. LIMA, Luiz Costa. **Mimesis: desafio ao pensamento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Orgs.). **Mimesis e expressão**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

³⁵² Termo ligado à loucura. Tirar da sanidade comum; interferir na consciência pré-estabelecida das coisas do mundo vivido e organizado.

pertinência de análise na obra kafkiana, tanto na capacidade literária de mesclar animais e humanos, expondo situações desconfortáveis, sentimentos de inconformidade com o meio; quanto nas histórias em que apresenta a realidade conflitante que vivem seus personagens diante da sociedade e do Estado. Ambas derivam da expressão do *mal-estar* em Franz Kafka.

3.1 ENTRE ANIMAIS E HUMANOS

Há no conjunto da obra de Franz Kafka, uma série de novelas e pequenos contos que narram histórias, não a partir da vida de indivíduos (humanos) mas de animais, alguns metamorfoseados corporalmente, como é o caso de Gregor Samsa, em *A metamorfose*, que narra o drama de um jovem caixeiro viajante que acorda certo dia e se vê transformado em um inseto monstruoso. Há também as mudanças de pensamento de um símio que se humaniza ao decorrer da narrativa, na novela *Um relatório para uma academia*, quando Rotpeter conta como saiu da condição de um selvagem ao posto de um notável palestrante ou conferencista em uma universidade. Cito também os contos em que Kafka se utiliza de personagens do mundo animal que não sofreram nenhuma intervenção externa ou ação sobrenatural, apenas possuem pensamentos e reflexões — através dos quais o autor se expressa a seus leitores — expressando o caráter racional dos mesmos. São três: *Um novo advogado*; *Pequena fábula* e *Josefina, a cantora ou O povo das ratazanas*.

Os exemplos serão abordados brevemente aqui a fim de demonstrar uma importante característica da obra kafkiana: a capacidade de transitar entre animais e humanos, expressando conflitos e angústias da vida real, retratados em ficção.

Certamente obra mais famosa de Franz Kafka seja *A metamorfose*³⁵³ (1915), escrita quando tinha 29 anos de idade, no outono do ano de 1912, possuindo uma singularidade de onde deriva uma atração e também certa repulsa pelo objeto narrado, como afirma Modesto Carone: “O fascínio se deve antes ao efeito de

³⁵³ Edição/tradução utilizada: KAFKA, Franz. **A metamorfose**. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 209-291.

choque, que desde a primeira frase a novela provoca na mente do leitor³⁵⁴, aqui se referindo à célebre passagem: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”³⁵⁵, fazendo com que o curso narrativo seja balizado pela situação corpórea do protagonista e sua relação com os indivíduos de sua família e emprego. Ao mesmo tempo que proporciona uma experiência literária surrealista, demonstra uma realidade flagrante nas relações de conflito entre os personagens, marca do *realismo fantástico*. Pontos a serem destacados no decorrer do presente capítulo.

Outra obra que reservarei um espaço mais específico para abordá-la, mais ao final do capítulo, é a intitulada *Um relatório para uma academia*³⁵⁶ (1919), presente na coletânea *Médico Rural*, iniciada em 1916 e publicada três anos mais tarde na Editora Kurt Wolff, como assinala a edição portuguesa da biografia escrita por seu amigo Max Brod.³⁵⁷ Aqui sobressai o caráter *mimético* do macaco chamado de Rotpeter, capturado na selva e que a partir da observação dos caçadores passa a agir de maneira semelhante aos humanos: nos gestos, nos hábitos e até mesmo no gosto pela bebida alcoólica, no momento destacado em que bebe aguardente na própria garrafa de seus captadores. Ou seja, um processo de hominização de um símio selvagem, narrado em primeira pessoa. Acentua-se o caráter angustiante do processo civilizatório, com suas regras sociais, imposições culturais e comportamentais.³⁵⁸ É uma alegoria da condição do *mal-estar*, conceito que posteriormente foi teorizado por Freud. Embora Rotpeter assuma para si a forma de andar sobre duas patas ao invés de quatro, sua forma anátomo-fisiológica permanece a mesma, portanto, não há neste caso uma metamorfose corpórea como em G. Samsa, mas uma mudança na estrutura intelectual e social daquele animal.

Algo semelhante ocorre com Bucéfalo, o antigo cavalo de Alexandre, o Grande, que no texto kafkiano intitulado *Um novo advogado*, se tornou um profissional do

³⁵⁴ CARONE, Modesto. A metamorfose. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Op. cit., p. 212. Conferência pronunciada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 1983, por ocasião do centenário de nascimento de Franz Kafka.

³⁵⁵ KAFKA, Franz. A metamorfose. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Op. cit., p. 227.

³⁵⁶ Edição/tradução utilizada: KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. In: CARONE, Modesto (Org.). **Franz Kafka Essencial**. Op. cit., p. 108-123.

³⁵⁷ Cf. Tábua cronológica da vida e obra de Franz Kafka, p. VIII-IV. In: BROD, Max. **Franz Kafka**. Trad. Susana Schnitzer da Silva. Coleção Documentos do Tempo Presente, vol. 38. Lisboa: Editora Ulisseia, [19--].

³⁵⁸ LIMA, Luiz Costa. **Melancolia**: literatura. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2017, p. 187.

Direito. A breve estória narra como o animal se humanizou através dos estudos das leis, na ausência de cavalheiros que lhe montassem como nos tempos antigos de guerra. Mais um traço surrealista/fantástico que Franz Kafka traz para sua obra.

Temos um novo advogado, o doutor Bucéfalo. Pouco existe em seu aspecto que lembre a época em que era o cavalo de batalha de Alexandre da Macedônia. Contudo, quem está a par dessa circunstância, nota algo. E há pouco pude ver na entrada há um simples profissional do carreirista habitual, enquanto o doutor Bucéfalo, erguendo galhardamente os músculos e fazendo ressoar o mármore com seus passos, subia degrau por degrau a escadinha.³⁵⁹

A capacidade que Franz Kafka possui de, a partir de narrativas curtas, expressar sentimentos, reflexões e ideias aparece de forma repetida em seus textos. Seguindo o mesmo objetivo de expor algumas estórias cujos personagens principais são animais humanizados ou humanos animalizados, trago de maneira integral o texto nomeado como *Pequena fábula*:

‘Ah’, Disse o rato, ‘o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.’ — ‘Você só precisa mudar de direção’, disse o gato e devorou-o.³⁶⁰

Embora não haja, ao final do texto, uma conclusão com fundo moral — típico das fábulas — seu título diz o que ela é, apesar de ser vista por certos intérpretes como semelhante às parábolas que permitem analogias. Ressalto que, como afirma Carone, uma história contendo animais falando (e não meramente pensando através do narrador) e se comunicando com outro animal, caracteriza-se como uma fábula.³⁶¹ Em suma, o certo é que o escritor sintetizou em poucas linhas o pensamento pessimista que carregou consigo durante sua vida, como ressalta Walter Benjamin, em uma conversa entre Kafka e seu amigo Max Brod a respeito da Europa Contemporânea (início do século XX) e o momento que chamaram de decadência da humanidade: Brod diz que Kafka afirmou certa vez que o mundo era

³⁵⁹ KAFKA, Franz. Um novo advogado. In: KAFKA, Franz. **A colônia penal**. *Op. cit.*, p. 57.

³⁶⁰ KAFKA, Franz. Pequena fábula. In: CARONE, Modesto (Org.). **Franz Kafka Essencial**. *Op. cit.*, p. 167-171.

³⁶¹ CARONE, Modesto. “Pequena fábula”: anotações breves sobre um texto curto de Kafka. In: CARONE, Modesto (Org.). **Franz Kafka Essencial**. *Op. cit.*, p. 169.

apenas um mau humor de Deus, além disso teria dito que existiria então esperança, uma esperança infinita, mas não para eles.³⁶²

Destaco que interpreto a referida conversa como uma demonstração do pensamento do escritor diante do mundo e da vida, uma visão pessimista, na qual a existência do ser humano está condicionada a tentar escapar da “ratoeira” e ser apanhado pelo “rato”, metáforas das adversidades do porvir. Através da literatura compreende-se um sentimento de aprisionamento do ser em sua própria realidade. São leituras do caráter pessimista e finito das possibilidades de destino para um indivíduo. Marca evidente dos enredos de Franz Kafka. Em suas próprias palavras: “Existem possibilidades para mim, é certo, mas sob qual pedra se escondem?”³⁶³.

Em seu último movimento criativo antes de sua morte, Kafka escreveu *Josefine, a cantora* ou *O povo das ratazanas* (1924), na tradução de Costa Lima, do título original de *Josefine, die Sängerin oder das Volk der Mäuse*.³⁶⁴ O narrador não é meramente observador, fala a partir da voz de um roedor que presencia as apresentações de Josefine; mais um rato que vive a dinâmica cotidiana.

Destaco duas possibilidades de interpretar o escrito: *i*) de maneira biográfica, uma vez que é narrada a indisposição de Josefine com a vida corrida e laboriosa dos seus iguais, preferindo se dedicar ao canto (arte), tomando para si como uma missão e uma identificação com a performance executada; ela argumenta que “o esforço do trabalho prejudica sua voz, que na realidade o esforço do trabalho não é nada ao lado do esforço de cantar, mas que lhe impede descansar”³⁶⁵ e sendo assim “se vê obrigada a descansar suficientemente, e nessas condições não pode alcançar nunca o cume de suas possibilidades”³⁶⁶. Estas passagens guardam semelhanças com as queixas de Kafka em seus diários, na direção de que o trabalho exercido por ele o atrapalhara demasiadamente na dedicação pretendida à literatura:

³⁶² Cf. BENJAMIN, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. Coleção Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 141-142.

³⁶³ Anotação datada de 12 de janeiro de 1914 em seu diário. Cf. KAFKA, Franz. **Diários: 1909-1923**. Trad. Sergio Tellaroli. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021, p. 334.

³⁶⁴ Cf. LIMA, Luiz Costa. **Melancolia: literatura**. *Op. cit.*, p. 214.

³⁶⁵ KAFKA, Franz. Josefine, a cantora ou A cidade dos ratos. In: KAFKA, Franz. **A colônia penal**. *Op. cit.*, p. 225.

³⁶⁶ *Ibidem*.

20/08/11

Abrigo a crença infeliz de que não tenho tempo para fazer um trabalho sequer minimamente bom, porque de fato não tenho tempo para uma história, para me espriar em todas as direções, como precisaria fazer. Depois, porém, torno a acreditar que minha viagem será melhor, que vou compreender melhor depois de escrever um pouco e de a escrita me relaxar, e então tento de novo.³⁶⁷

9/7/12

Até agora não escrevi nada. Começo amanhã. Do contrário, mergulho de novo numa insatisfação incontível, sempre a se expandir; na verdade, já mergulhei nela. O nervosismo começa a se manifestar. Mas, se sou capaz de alguma coisa, sou-o sem recorrer a precauções supersticiosas.³⁶⁸

21/8/13

[...] Tudo que não é literatura me entedia e eu detesto, porque me incomoda ou me detém, ainda que apenas supostamente. Falta-me, portanto, todo e qualquer talento para a vida em família, a não ser, na melhor das hipóteses, o de observador. Sentimento familiar não possuo; vejo em visitas literalmente uma maldade dirigida contra mim.³⁶⁹

São citações que corroboram para a minha primeira possibilidade interpretativa entre as vidas da cantora Josefina e do escritor Franz Kafka, cuja luta diária se dá a partir de diversas tentativas de desviar dos impeditivos cotidianos e sociais que podem barrar a expressão artística e criativa de ambos. Embora Josefina seja retratada com certo desdém e humor, não há como afirmar que Kafka enxergava sua literatura com maior nobreza.

Há, finalmente, a possibilidade de interpretar sob o prisma da *ii*) analogia, cujo segundo título (*O povo das ratazanas*) possui mais adequação. Trata-se agora da vida individual misturada na massa, no coletivo; do cotidiano dos ratos, semelhante a muitas metrópoles e centros movimentados das principais cidades do mundo, da qual se movimentam através do trabalho dos indivíduos, estes, por sua vez, sem tempo para outras ocupações, sejam elas culturais, de lazer ou de descanso.

É evidente que no início do século XX, o capitalismo já dava o tom laborioso e apressado à vida dos operários e trabalhadores em geral da sociedade europeia, em que opera a lógica individualista (e hiperindividualista) em cuja manifestação se dá “num egocentrismo radical, num frenesi de hedonismo, num delírio consumista, na busca exclusiva da própria vantagem, na apatia mais completa com relação às

³⁶⁷ KAFKA, Franz. **Diários**: 1909-1923. *Op. cit.*, p. 58.

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 238.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 306-307. Verifica-se também nas anotações datadas de 24/1/1912; 1/9/1914 e 13/9/1914.

grandes questões de interesse comum”³⁷⁰. O que o narrador argumenta é que a voz de Josefina não possuía nada que a diferenciasse dos outros ruídos produzidos pelos demais animais, logo não chamaria a atenção e admiração genuínas que uma cantora de carreira merecia. Com o decorrer da narrativa pode-se perceber que os motivos vão além de sua voz, envolvem a completa falta de tempo e interesse dos roedores para com a cultura, a educação e o entretenimento.

Nós não temos escolas, mas de nosso povo surgem com brevíssimos intervalos inumeráveis multidões de pequenos, alegremente balbuciando ou pipilando, porque ainda não sabem chiar, rodando ou brincando impedidos pelo ímpeto geral, porque ainda não sabem correr, levando tudo estupidamente pela frente, porque ainda não podem ver, nossos pequenos! [...] mal aparece um pequeno, já deixa de ser pequeno, porque se apinham atrás dele novos rostos de pequenos, impossíveis de serem diferenciados por causa da quantidade e sua pressa [...] não podemos de modo algum proporcionar a nossos pequenos uma verdadeira infância. E isto traz consequências. Uma espécie de inesgotável e inarrigada infância caracteriza nosso povo [...]

Mas nosso povo não é somente pueril, em certo sentido também é prematuramente senil, a meninice e a velhice não são em nós como nos outros. Não temos juventude, somos imediatamente adultos, e depois somos adultos muito tempo, e certo cansaço e certa desesperança originais por essa circunstância nos marcam com sinais visíveis, apesar da resistência e a capacidade de esperança que nos caracterizam. Isso também se relaciona certamente com a nossa amusicalidade, somos muito velhos para a música, suas emoções, seus êxtases não concordam com nossa insensibilidade; cansados, desdenhamo-la; conformamo-nos com nosso chiado; de vez em quando basta-nos. Quem sabe se não haverá talentos musicais entre nós; mas se existissem, o caráter de nossa gente os anularia antes que começassem a se desenvolver.³⁷¹

Franz Kafka produziu uma literatura capaz de gerar incômodo em quem lê, sobretudo pela sua particularidade em descrever situações problemáticas de maneira surrealista, tais como descrevi acima, transitando entre o humano e o animal, em metamorfoses ou colocando pensamentos críticos e existencialistas em gatos e ratos, como se fossem indivíduos cientes de suas condições. Além disso, chama atenção por sua característica de expor conflitos entre indivíduos, sociedade e Estado, fazendo com que repensemos a forma como vivemos, nos relacionamos e seguimos costumes e leis; propicia também uma discussão a respeito da modernidade que construímos como seres de cultura.

³⁷⁰ ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade**: ensaios. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 22.

³⁷¹ KAFKA, Franz. Josefina, a cantora ou A cidade dos ratos. In: KAFKA, Franz. **A colônia penal**. Op. cit., p. 222.

Existem três fontes de onde provém o sofrimento humano: *i)* o poder superior da natureza; *ii)* a fragilidade do próprio corpo; e *iii)* a inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos indivíduos entre si na família, na sociedade e no Estado.³⁷²

Os conflitos em Kafka são abordados aqui a partir de três ordens: *i)* quando personagens entram em embates com indivíduos do seu convívio familiar e social; *ii)* quando existem situações em que há impasses entre alguém e as ordens e costumes impostos e cobrados pela sociedade que o cerca e da qual faz parte e *iii)* quando pessoas são postas em situações adversas contra as estruturas do Estado, sejam elas jurídicas ou militares, além da exposição em tom crítico da burocracia excessiva de determinados órgãos. São nesses aspectos que focarei minha análise nas linhas que se seguem.

3.2 INDIVÍDUOS *VERSUS* INDIVÍDUOS

Em uma sociedade é normal que haja pessoas diferentes, com hábitos e pensamentos diversos e contrários uns dos outros, até mesmo os integrantes de uma família se veem envoltos em situações conflitantes, revelando o mais particular de cada um, e na narrativa literária de Franz Kafka seus personagens vivem enredos e momentos de embates capazes de alterar o ambiente acolhedor e torná-lo um palco onde as relações se modificam.

Dentre as obras a serem analisadas sob o referido prisma, destaco a conhecida *A metamorfose*, com sua abordagem familiar e socioeconômica ímpar, capaz de colocar em suspenso a sacralização existente em torno da instituição conhecida como família; *O processo*, que como uma obra completa possui conflitos das três ordens que abordarei, neste caso valendo-me das pessoas que cercam Joseph K., e, por fim, *O castelo*, que mesmo parecendo um sonho, expressa a desconfiança humana da vida real.

Meu objetivo consiste em abordar tais obras, a fim de lançar luz sobre os conflitos entre personagens que contenham ligação, ou seja, da mesma família, círculo de trabalho, amizade, ou até mesmo os que não possuem nenhuma proximidade anterior: desconhecidos. Franz Kafka expressa, portanto, que o ser

³⁷² Cf. FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura... *Op. cit.*, p. 332-333.

humano é um ser de permanente conflito, demonstrando em sua obra facetas relevantes à leitura da condição humana. Por vezes são estórias que miram no egocentrismo; no interesse material e econômico; na falta de empatia, compreensão e sensibilidade com a dor alheia. São narrativas que mostram como o literato soube descrever uma sociedade de homens e mulheres com pensamentos e atitudes individualistas.

3.2.1 Gregor Samsa *versus* seus familiares

Muitas vezes identificada como uma obra autobiográfica, uma vez que os personagens são muito semelhantes aos que rodeiam a vida de Franz Kafka, tal qual os sobrenomes conterem a mesma quantidade de letras e entonação (S.a.m.s.a / K.a.f.k.a), pode ser analisada sob o prisma do conflito flagrante entre os indivíduos que habitam o mesmo espaço. Gregor Samsa se encontra primeiramente em desorientação consigo mesmo e sua nova forma corpórea: era impensável aceitar o que tinha se tornado. Ao perceber o inseto monstruoso (*ungeheures ungeziefer*) que seu filho havia se transformado, os pais de Samsa passam a tratá-lo como um problema, tanto pela forma quanto pela sua impossibilidade de trabalhar e manter as finanças da casa.

A visão que se pode ter com a experiência da leitura é a partir da pessoa de Gregor, portanto é possível enxergar como o protagonista era ligado de maneira distinta com cada membro, uma vez que os acontecimentos se dão no seio da família Samsa, através dos movimentos envolvendo o “inseto monstruoso”, logo, se apresenta por um ponto de vista rigorosamente pessoal e somente quando ele está morto é que o foco pode ser direcionado a seus familiares e à vida daquele conjunto de pessoas após a morte do indesejado.³⁷³ A metamorfose de G. Samsa é sucedida pela metamorfose de seus parentes, uma vez que o tratamento que lhe davam era distinto daquele revelado na novela após perceberem o que passara a residir no quarto e como a criatura era infamiliar.

Como bem destaca Modesto Carone, pesquisador e tradutor de Franz Kafka, a novela *A metamorfose*, possibilita a análise sob a metáfora de uma expressão chamada de “homem aéreo” (*Luftmensch*), podendo ser relacionada a um indivíduo

³⁷³ Cf. CARONE, Modesto. *A metamorfose*. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 214-215.

sem ocupação definida ou alheio ao processo material da produção: se tornando um ser paralelo ao contexto social.³⁷⁴ A própria expressão *ungeheures Ungeziefer* (inseto monstruoso), foi utilizada de forma muito bem pensada por Kafka, uma vez que o adjetivo *ungeheures* (monstruoso) possui um significado etimológico: aquilo que não é mais familiar, que está alheio à família; especialmente pelo prefixo *un*, se opondo, portanto, a *geheur*, que pode ser entendido como algo manso, amigável, familiar e conhecido. Já o substantivo *Ungeziefer* (inseto), denota, grosso modo, o animal inadequado ou que não possui valor para o sacrifício, no entanto posteriormente se estreitou e convencionou-se designá-lo como: animais nocivos, sobretudo os insetos, logo o prefixo *un*, mais uma vez funciona como negação, se contraponto aos animais domésticos (*Geziefer*), como as cabras, carneiros, vacas, que servem ao seus donos.³⁷⁵

Tudo seria mera especulação sintático-morfológica, não fosse o fato de Franz Kafka ter sido um etimologista amador, o que o fez conhecer — a partir de seus estudos — os segredos e as possibilidades conceituais das palavras do idioma alemão.³⁷⁶

Para Sigmund Freud, o termo infamiliar (*Unheimliche*) pode ser característico, sem dúvidas, daquilo que é aterrorizante, que causa angústia e horror.³⁷⁷ Por conseguinte, acredito ser de suma importância fazer o exercício etimológico para compreendê-la melhor, seguindo a investigação do próprio teórico a esse respeito. Dentre os caminhos possíveis de análise, Freud aponta dois: *i*) averiguar os significados da palavra durante o desenvolvimento da língua e *ii*) agrupar o que as pessoas, objetos, impressões sensíveis, vivências e determinadas situações, podem provocar em nós o sentimento de infamiliar, possibilitando assim desvendar o que há de comum nos casos.

Ainda que de maneira prévia ao desenvolvimento de seu texto, Freud assegura que ambos os caminhos levarão a um mesmo resultado: o infamiliar (*Unheimliche*) é semelhante ao aterrorizante, que lembra algo já conhecido e que um dia foi íntimo. Etimologicamente a palavra alemã *unheimlich* (infamiliar), é obviamente o oposto de

³⁷⁴ *Ibidem*, p. 222-223.

³⁷⁵ *Ibidem*, p. 223.

³⁷⁶ *Ibidem*, p. 223.

³⁷⁷ FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Trad. Ernani Chaves; Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 53.

heimlich (familiar), que por sua vez pode ser explicado como doméstico, íntimo, direcionando a conclusão para o sentido da afirmação de que algo seria apavorante por não ser conhecido e familiar, embora nem tudo que se apresenta exclusivamente, ou seja, que é novo e que não nos é familiar será assustador; posso dizer, portanto, apoiado em Freud, que o que é inovador pode tornar-se, algo aterrorizante e infamiliar, mesmo não sendo regra que a novidade será sempre assustadora.³⁷⁸

E é justamente a definição de Freud que melhor se encaixa no que acontece com Gregor Samsa na novela kafkiana, uma vez que aquilo que um dia foi (um) familiar, se torna infamiliar, um monstro que por motivos de inutilidade e economia, deveria ser descartado. E o motivo de tal descarte se dá unicamente pela condição atual, uma vez que “até então Gregor tinha sido arrimo de família, sustentando os seus membros com o sacrifício pessoal do seu trabalho e saldando as dívidas deixadas cinco anos antes pelo pai falido”³⁷⁹. O pai é a figura maior na qual a obra expressa a exploração, já que durante anos o filho se dedicou exaustivamente ao emprego enquanto o patriarca, sem se esforçar, em casa, “nesses cinco anos, que foram as primeiras férias da sua vida estafante e no entanto malograda, ele havia engordado muito e com isso se tornado bastante moroso”³⁸⁰. Trata-se de um personagem cujo dinheiro que possuía guardado³⁸¹ em segredo, poderia possibilitar a Gregor um trabalho mais tranquilo e menos exaustivo³⁸².

Quando enfim é narrada a morte de Gregor Samsa, completa-se uma outra metamorfose, a da família Samsa,³⁸³ que havia passado de sustentada para responsável pelas finanças da casa e encarregada de dar um fim àquele inseto, como a irmã Grete concluiu em conversa com o pai³⁸⁴. Só após a morte do *infamiliar*, é que a família pode se ver livre³⁸⁵, alegorizando tal liberdade através de um passeio a céu aberto, trecho presente nas últimas páginas da novela³⁸⁶.

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 54.

³⁷⁹ CARONE, Modesto. A metamorfose... *Op. cit.*, p. 221.

³⁸⁰ KAFKA, Franz. A metamorfose.. *Op. cit.*, p. 256.

³⁸¹ *Ibidem*, p. 254.

³⁸² CARONE, Modesto. A metamorfose... *Op. cit.*, p. 222.

³⁸³ *Ibidem*, p. 218.

³⁸⁴ Cf. KAFKA, Franz. A metamorfose... *Op. cit.*, p. 283.

³⁸⁵ CARONE, Modesto. A metamorfose... *Op. cit.*, p. 220.

³⁸⁶ Cf. KAFKA, Franz. A metamorfose... *Op. cit.*, p. 290-291.

3.2.2 Joseph K. *versus* desconhecidos

Contendo vários momentos conflituosos, *O processo* apresenta já em sua primeira frase indícios do que poderia ter acontecido com Joseph K., em relação a seus vizinhos ou conhecidos, a respeito de motivos não ditos, calúnias que levaram a morte de uma pessoa inocente, mas antes o fazendo despendar um tempo considerável a fim de desvendar os mistérios em torno daquela ação na manhã em que fora preso após ter seu quarto adentrado por um oficial da lei.

Alguém devia estar contando mentiras sobre Josef K.; ele sabia que não havia feito nada de errado, mas, uma manhã, foi preso. Todos os dias, às oito horas da manhã, seu café era trazido pela cozinheira da Sra. Groubach — a Sra. Groubach era sua senhoria —, mas hoje ela não viera. Isso nunca aconteceu antes.³⁸⁷

Nota-se, pois, que Franz Kafka demonstra o efeito danoso de uma mentira contra um indivíduo, mudando já a sua rotina e o modo como as pessoas passam a ser tratadas e vistas pela sociedade e por representantes da lei. Tais oficiais parecem seguir um rito legal, porém agem como se K. já estivesse com a sentença dada e a condenação decretada, a partir da qual não ouviam mais suas argumentações e debochavam de seus pedidos de explicação e suas demais indagações, buscavam na pensão, aparentemente, a prova que o incriminaria e não indícios que pudessem explicar se a denúncia (calúnia) que pesava sobre ele era de fato verdadeira ou sem base fundamental. Tem-se então, logo no começo do romance, um conflito e uma consequência derivada: a suspeita de que se tratava de um criminoso, mesmo antes de encontrar materialidade.

Anna devia ter trazido meu café da manhã — disse K. Tentava descobrir quem o homem era de verdade, primeiro em silêncio, só observando e pensando sobre isso, mas o homem não ficava parado tempo o suficiente para que ele pudesse olhar. Ao invés disso, foi até a porta, abriu-a ligeiramente e disse para alguém que estava claramente parado logo atrás dela:

— Ele quer que Anna traga seu café. — Ouviu-se uma leve risada no cômodo ao lado; não ficou claro, pelo som, se eram diversas pessoas rindo. O estranho não poderia ter descoberto nada com isso que já não soubesse, mas disse para K., como se fizesse um relatório:

— Não é possível.³⁸⁸

³⁸⁷ KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Livia Bono. 1. ed. Cotia: Pé da Letra, 2018, p. 7.

³⁸⁸ *Ibidem*, p. 8.

Como aborda Leandro Konder, nem o contato de Joseph K. com um velho advogado, o Dr. Huld³⁸⁹ foi positivo, uma vez que este o aconselha a entregar sua defesa inteiramente aos advogados ao invés de tentar se explicar aos órgãos de justiça. Vendo, pois, o exemplo do comerciante Bloch, que também era cliente de Huld e suportara suas humilhações há tempos, K. temia que seu caso chegasse a esse ponto — há anos se arrastando atrás dos advogados em busca de solução —, então decide por dispensar os serviços desse profissional³⁹⁰, após tantos conflitos de opiniões e de planejamento; apesar da enfermeira Leni o aconselhar a confessar o crime do qual era acusado, ainda que não soubesse qual era a acusação: Joseph K., rejeita e prossegue sua caminhada sem os serviços do Dr. Huld.³⁹¹

São esses os momentos determinantes de conflitos entre os indivíduos em *O processo*, seja de maneira violenta e coercitiva ou de forma simbólica e gradativa, que encaminha Joseph K. para seu destino trágico. Como afirma Luiz Costa Lima, é justamente a (auto)culpabilização deste personagem a entregar-se a uma morte miserável³⁹². Antes, porém, esteve envolto no sentimento de angústia. Sua busca por respostas, o fazendo transitar por lugares desconhecidos, e como em todo ambiente que não se conhece — na obra de Franz Kafka —, o risco e o perigo são iminentes. Essas características tornam Joseph K. um personagem que expressa angústia diante do temor [*Furcht*] do porvir.

A angústia tem uma inconfundível relação com a expectativa: é a angústia diante de algo. Nela há uma característica de indeterminação e ausência de objeto; a linguagem correta chega a mudar-lhe o nome, quando ela encontra um objeto, e o substitui por temor [*Furcht*].³⁹³

3.2.3 O agrimensor K. *versus* os moradores do vilarejo

Era tarde da noite quando K. chegou. O vilarejo estava coberto por neve. Não havia nada para ser visto no Monte do Castelo, pois a névoa e a escuridão o cercavam, e nem mesmo o mais fraco raio de luz mostrava onde o grande castelo estava. K. permaneceu na ponte de madeira que ia da estrada para o vilarejo por um bom tempo, olhando para o que parecia ser um vazio.³⁹⁴

³⁸⁹ Em alemão significa: graça, misericórdia, bondade ou generosidade.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 229.

³⁹¹ KONDER, Leandro. **Kafka**. 3. ed. Coleção Vida e Obra, vol. 1. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1968, p. 132-133.

³⁹² LIMA, Luiz Costa. **Melancolia**: Literatura. *Op. cit.*

³⁹³ FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. in: FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. *Op. cit.*, p. 94.

³⁹⁴ KAFKA, Franz. **O castelo**. Trad. Deborah Stafussi. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2017, p. 7.

Eis a questão central da obra — embora eu não pretenda resumi-la em uma citação —, pois durante toda a busca de K. por um acesso ao Castelo, esse vazio permanecia: à primeira vista por não enxergar nenhum objeto, estrada ou pessoa; posteriormente por não obter dos moradores do vilarejo colaboração ou respostas que poderiam auxiliá-lo em sua ida ao local de trabalho do qual havia sido contratado. O protagonista, como nas diversas obras de Kafka, se revela um verdadeiro *outsider*, ao se relacionar com indivíduos já estabelecidos em suas comunidades, grupos ou trabalhos, uma vez que os recém-chegados são vistos como uma ameaça ao modo de vida e à ordem, já praticados naquela localidade, mesmo que o novo integrante não tivesse a intenção de realizar mudanças ali.³⁹⁵

A inércia com que os moradores do vilarejo agem, faz com que o sentimento conflitante em K. crie mais força e angústia. O problema crucial da obra é o movimento pendular compulsivo do personagem K. entre a aldeia e as proximidades do castelo.³⁹⁶ É cada vez mais evidente, com o passar da obra, que o agrimensor não era bem vindo nem no entorno da fortaleza, tampouco no vilarejo que ficava sob comando do conde, responsável pela burocracia e autorização de quem desejasse se instalar naquela localidade³⁹⁷.

K. se vê muitas vezes sozinho e cansado³⁹⁸, tendo a dupla tarefa de chegar às autoridades residentes no castelo e sobreviver ao tratamento desconfiado e conflitante dos moradores e funcionários que convivem no vilarejo. Os personagens que poderiam mediar os conflitos, os atenuam, mesmo cumprindo o papel de autoridade local, os guardas e funcionários do reino não interferem nos atritos dos membros da comunidade, como se não houvesse ali o conhecimento do Direito. Possibilitando uma interpretação de descrença do escritor diante das instituições de poder.

A substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é o passo decisivo. Sua essência consiste em que os membros da comunidade limitem-se em suas possibilidades de satisfação, enquanto o indivíduo antes não conhecia nenhuma barreira como essa. A próxima exigência cultural é,

³⁹⁵ Cf. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000, p. 171-172.

³⁹⁶ CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 38.

³⁹⁷ KAFKA, Franz. **O castelo**. *Op. cit.*, p. 8.

³⁹⁸ KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. *Op. cit.*, p. 175.

portanto, a da justiça, isto é, a garantia de que, uma vez que passe a existir a ordem de direito, ela não seja novamente infringida em favor de um indivíduo. [...] Outro caminho do desenvolvimento cultural parece visar a que esse direito não seja mais a expressão da vontade de uma pequena comunidade — casta, camada da população, tribo —, que em relação às outras massas, talvez mais amplas, porte-se novamente como um indivíduo violento. O resultado final deve ser um direito ao qual todos — pelo menos aqueles capazes de viver em comunidade — contribuíram com seus sacrifícios pulsionais, e que não deixe ninguém — novamente, com a mesma exceção — tornar-se vítima da violência bruta.³⁹⁹

Analisar o romance sob a ótica do conflito entre indivíduos, implica ampliar a visão analítica para as questões comunitárias, uma vez que o conjunto de pessoas (personagens) que compõem uma determinada região (obra) serão justamente os componentes do que vem a se chamar comunidade, portanto unidades de uma sociedade. Ao se deparar com uma nova vila, K., o agrimensor, se deparou também com uma realidade e uma organização, logo, teve pela frente o desafio de superar os conflitos com os referidos moradores a fim de cumprir a tarefa para a qual foi contratado. Não fossem os embates entre K. e os respectivos indivíduos residentes naquela região e a burocracia excessiva dos funcionários do castelo que transitavam pelo vilarejo, a obra transcorreria de maneira linear e sem o sofrimento pessoal típico dos personagens kafkianos.

O agrimensor é a expressão de um indivíduo angustiado, atento, temeroso e desconfiado. A angústia [*Angst*] é a reação ao perigo, ela pode ser compreendida como uma espécie de afeto, capaz de obter posição considerável na economia psíquica, controlando as reações e surpresas (desprazeres) intimamente relacionadas ao perigo.⁴⁰⁰ O personagem kafkiano esboça sua angústia através de seu estado de desconfiança em relação aos moradores do vilarejo e os funcionários do castelo, pois embora buscasse prestar seus serviços, tornou-se receoso com os homens e mulheres a sua volta. K., portanto, expressa a necessidade da vigilância naquele contexto (mundo exterior).

A angústia é em primeiro lugar, algo que se sente. Nós a denominamos um estado afetivo, embora também não saibamos o que é um afeto. Como sensação, ela tem um caráter desprazeroso, mas isso não esgota seus atributos; nem todo desprazer pode ser denominado angústia.⁴⁰¹

³⁹⁹ FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930)... *Op. cit.*, p. 335.

⁴⁰⁰ FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. in: FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. *Op. cit.*, p. 94.

⁴⁰¹ *Ibidem*, p. 72.

Ao estudar uma comunidade, o historiador, sociólogo ou antropólogo se veem diante de uma grande variedade de problemas e questões a serem consideradas, cabe ao pesquisador distinguir quais são centrais para a compreensão daquele determinado grupo de pessoas com caráter específico: o de uma comunidade.⁴⁰² O que aqui pretendi pincelar foram algumas características da notável obra *O castelo*, na qual os conflitos entre K. (*outsider*) e os moradores antigos do vilarejo do Castelo (estabelecidos), se encaminham para uma análise da relação entre o pertencente a um coletivo e um estrangeiro; precedendo o conflito do indivíduo com a sociedade.

3.3 INDIVÍDUOS *VERSUS* SOCIEDADE

As relações do indivíduo com seus pais e irmãos, com o objeto de seu amor, com seu professor e seu médico, isto é, todas as relações que até agora foram objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais, colocando-se em oposição a outros processos, que denominamos narcísicos, nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renuncia. A oposição entre atos psíquicos sociais e narcísicos [...] situa-se inteiramente, portanto, no domínio da psicologia individual, e não se presta para distingui-la de uma psicologia social ou de massas.⁴⁰³

Como Freud afirma, em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), as relações entre as pessoas, caracterizam o fenômeno social, opondo as individualidades aos processos coletivos, na dinâmica da sociedade. Ou seja, a oposição é intrínseca às relações sociais, sobretudo as conflitivas.

Dentre os conflitos vividos pelos personagens de Franz Kafka, o mais característico do autor são aqueles envolvendo o protagonista e suas ranhuras com o meio do qual faz parte. São passagens que revelam aspectos de suma importância para o campo da análise histórica e literária — guardada as devidas proporções de interpretação e contexto — visando compreender como o literato expressou seu entendimento a respeito das relações problemáticas entre os indivíduos e a sociedade.

⁴⁰² ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. *Op. cit.*, p. 165.

⁴⁰³ FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). In: FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. Coleção Obras Completas, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 10.

Por trabalhar em locais com grande circulação de pessoas, de diferentes classes sociais, há uma ampliação em seu repertório criativo, seja na Companhia de Seguros ou no ramo empresarial na fábrica de amianto que mantinha com seu cunhado; os bares que frequentava; a companhia de teatro iídiche, a família, parentes e amigos judeus — o ligando a uma tradição importante, sobretudo pelo lugar em que morou ser ocupado pela comunidade judaica —; a memória que possuía da escola e dos professores como figuras de autoridade ou até mesmo de repressão, são experiências de uma vida, marcas de suma importância para a análise comparativa que muitas vezes nos auxilia a entender a inspiração por trás de cada obra, personagens, situações e organizações apresentadas na narrativa.

A obra de Kafka é permeada por aspectos conflituosos, portanto, proponho um olhar mais clínico a respeito das seguintes histórias: *O processo*, como já afirmado, de grande importância para as três categorias conflitivas; *A metamorfose*, compondo o cenário laboral da sociedade moderna no começo do século XX e a dinâmica do esvaziamento do humano, em decorrência do seu papel econômico e mecânico na conjunto social e *Um artista da fome*, com sua angustiante vida de artista circense, dependendo da valorização do público.

3.3.1 Joseph K. *versus* a sociedade apática

Dentre os personagens kafkianos que sofreram com os conflitos em suas relações com a sociedade, está Joseph K., de *O processo*. Sua trajetória em busca de respostas a respeito do inquérito, do tribunal e das possibilidades de defesa, eram, desde a sua gênese, problemática e cansativa, e foi agravada pela dificuldade de relacionamento do protagonista com o seu meio social. Revela-se um conjunto de indivíduos que não se mobiliza, não se mostra preocupado ou sequer tenta ajudar uma pessoa a provar sua inocência, mas o oposto: o ar que paira sobre esta sociedade é de desconfiança e apatia. A enfermeira do advogado Huld, Leni, aconselha Joseph K., com quem mantinha até certa intimidade, a confessar o crime de que era acusado, mesmo não sendo culpado⁴⁰⁴.

⁴⁰⁴ KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. *Op. cit.*, 133.

A primeira frase do romance já revela uma característica importante dessa sociedade que Kafka pretendeu descrever: “Alguém devia estar contando mentiras sobre Josef K.; ele sabia que não havia feito nada de errado, mas, uma manhã, foi preso”⁴⁰⁵. Ao mesmo tempo que o sentimento apático daquela comunidade se apresenta como regra, a fofoca expressa no começo da obra e o desenvolvimento da história, me inclina a concluir que a maioria dos personagens tinha conhecimento do processo e não havia ânimo para despende a favor daquele homem que rodeava seu caso como em um labirinto. Perdido. Tal relação é marcada pela falta de proximidade e de identidade daquele conjunto de indivíduos (ficcional), envolvidos no romance, com Joseph K., uma vez que “sem identidade não há *comunidade afetiva*, mas angústia, solidão e conformismo”⁴⁰⁶. São os sentimentos demonstrados pelos homens e mulheres, funcionários e familiares com os quais o protagonista tenta se relacionar.

Distanciando-me das interpretações que relacionam excessivamente a obra aos familiares de Kafka, sobretudo com seu pai Hermann Kafka e a sua ex-noiva Felice Bauer⁴⁰⁷, denotando um caráter biográfico a elas, aponto uma gama de personagens e situações importantes a serem analisadas, principalmente no tópico seguinte (3.4) em que me encarregarei de abordar a burocracia estatal e a anomia jurídica presente no romance em questão.

3.3.2 Gregor Samsa versus a instituição familiar

Em *A metamorfose*, mais do que evidenciar a relação entre os familiares, sobressai como o conjunto daqueles indivíduos foi homogêneo em revelar uma característica marcante para a mudança (transição) da família, uma vez que pai, mãe e filha eram sustentados pelo filho mais velho e seu trabalho exaustivo de caixeiro viajante, depois passam a expressar o lado mais negativo da instituição

⁴⁰⁵ KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Lívia Bono. *Op. cit.*, p. 7.

⁴⁰⁶ MARINO, Tayna Mendonça. **Empatia em tempos de pós-humanismo**: um estudo sobre alteridade e compreensão histórica a partir da obra *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968). 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020, p. 79. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11970_Disserta%E7%E3o%20de%20mestrado%20-%20Tayna%20Marino.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁴⁰⁷ Cf. CANETTI, Elias. **O outro processo**: as cartas de Kafka a Felice. Trad. Herbert Caro. 1. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

familiar que é a exploração e a destruição de um membro. Para Adorno a origem social do indivíduo, que é a família, se revela como uma força que termina por aniquilá-lo⁴⁰⁸. O que me tensiona a posicionar Gregor Samsa no lugar de vítima da aniquilação familiar, o que para Modesto Carone, pode ser caracterizado como uma obra que deve ser lida como uma trágica história familiar⁴⁰⁹, sobretudo envolvendo os interesses econômicos dos Samsa.

Com o desenvolvimento do capitalismo moderno, verifico ser necessário analisar a família do começo do século XX, a que Kafka presenciou e viveu antes de escrever *A metamorfose*, sob a ótica da economia e do trabalho assalariado, no caso de um caixeiro viajante. Em *A origem da família, da propriedade e do Estado*, Friedrich Engels afirmar que “a forma de família que corresponde à civilização e vence definitivamente com ela é a monogâmica, a supremacia do homem sobre a mulher e a família individual como unidade econômica da sociedade”⁴¹⁰, definição em que a família de Gregor Samsa se encaixa, e a partir dela deve ser lida e problematizada, tendo o estudo da sociedade como pertinente na abordagem do enredo em questão. As mudanças ocorridas na novela são de caráter interno e organizacional, ou seja, os membros que eram sustentados por um indivíduo (filho) passam a resolver os problemas da casa, como uma metamorfose de sentimentos⁴¹¹ e comportamentos, não no arranjo estrutural.

As mudanças estruturais da instituição familiar ocorrem de acordo com as alterações na sociedade, a família é, portanto, produto do sistema social e reflete o estado cultural desse sistema.⁴¹² A novela revela que em seu bojo sobrevivia — antes da metamorfose do filho —, e ainda sobrevive, o ímpeto exploratório do trabalho do indivíduo, expresso na figura de Gregor Samsa, assim como Kafka se queixara diversas vezes do seu emprego. *A metamorfose* é sobretudo uma obra em que a narrativa literária se confunde muitas vezes com a expressão da realidade capitalista do começo do século XX na Europa.

⁴⁰⁸ ADORNO, Theodor. **PRISMAS: la crítica de la cultura y la sociedad**. Trad. Manuel Sacristán. 1. ed. Colección Zetein - Estudios y Ensayos, vol. 4. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962, p. 270.

⁴⁰⁹ CARONE, Modesto. *A metamorfose...* *Op. cit.*, p. 224.

⁴¹⁰ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. *Op. cit.*, p. 198-199.

⁴¹¹ CARONE, Modesto. *A metamorfose...* *Op. cit.*, p. 218.

⁴¹² ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. *Op. cit.*, p. 91.

3.3.3 Um artista da fome *versus* a sociedade espectadora

Quando o contexto, o personagem e a situação do enredo literário não contêm aspectos da literatura fantástica como os que podem ser observados em *A metamorfose*, torna-se mais possível a leitura como uma crônica do cotidiano. A obra *Um artista da fome*, também muito comparada a seu autor, justamente pela época em que foi escrita e publicada (1922-1924), quando Kafka estava com o organismo bastante debilitado pela tuberculose, só conseguindo se alimentar com muita dificuldade,⁴¹³ é de fundamental interesse para a análise da sociedade em que reside um artista e seus conflitos com a mudança cultural nela em voga.

Nas últimas décadas o interesse pelos artistas da fome diminuiu bastante. Se antes compensava promover, por conta própria, grandes apresentações desse gênero, hoje isso é completamente impossível. Os tempos eram outros. Antigamente toda a cidade se ocupava com os artistas da fome; a participação aumentava a cada dia de jejum; todo mundo queria ver o jejuador no mínimo uma vez por dia; nos últimos, havia espectadores que ficavam sentados dias inteiros diante da pequena jaula; também à noite se faziam visitas cujo efeito era intensificado pela luz de tochas; nos dias de bom tempo a jaula era levada ao ar livre e o artista mostrado especialmente às crianças.⁴¹⁴

A luta do jejuador por reconhecimento foi travada, novamente, de maneira angustiante e definhante, uma vez que ao tentar superar seus números, buscando aumentar a marca dos dias que conseguia ficar sem comer, acaba sendo esquecido por completo pelo público e pelos funcionários do circo, sendo enterrado posteriormente junto com a palha que estava em sua jaula. Seu ostracismo completou-se ao morrer e ser substituído por um animal selvagem: “[...] enterraram o artista da fome junto com a palha. Mas na jaula puseram uma jovem pantera”⁴¹⁵.

E é a referida sociedade, outrora composta por indivíduos, que dará formação ao Estado, uma instituição que não se impõe de forma nenhuma, como um poder contra a comunidade de fora para dentro. Tampouco pode ser a expressão da ideia moral ou da realidade da razão, pois é antes de tudo um produto da sociedade, quando ela chega em um certo grau de desenvolvimento. Para que os antagonismos sociais não a façam se destruir, um poder é colocado visivelmente por cima da

⁴¹³ CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 45.

⁴¹⁴ KAFKA, Franz. Um artista da fome. *In*: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 47.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 58.

sociedade, com o objetivo de amenizar os impactos das relações sociais, sobretudo econômicas, mantendo a ordem. Em suma, um poder nascido a partir da sociedade, colocado acima dela, entretanto se distanciando cada vez mais.⁴¹⁶ Tão distante, ao ponto de antagonizar muitas vezes com um indivíduo que o constitui e o legitima.

3.4 INDIVÍDUOS *VERSUS* ESTADO

Valendo-se da experiência em trabalhos cuja dinâmica variava entre a relação com as pessoas e com a burocracia da empresa, Franz Kafka pôde associar a vivência prática com os conhecimentos da área jurídica em benefício da qualidade do enredo de suas obras. São elas que contêm como pano de fundo situações conflituosas entre indivíduos e estruturas de Estado, quando as últimas agem de forma repressiva e injusta.

Entre o estado de exceção jurídico e a punição capital mediante tortura exercida por militares, Franz Kafka expõe de maneira realista a relação com as estruturas inacessíveis da lei e da hierarquia militar. Além de causar espanto e curiosidade ao descrever o *modus operandi* de algumas instituições legais, às quais são confiados o cumprimento do devido processo legal e a garantia da ordem e as aplicações proporcionais de penas e prisões, o escritor também possibilita analisarmos como essas situações modificam a vida de indivíduos e povos que são confrontados diariamente com uma série de barreiras que os impedem de ter acesso a lugares e documentos de informação, mesmo quando eles são a parte acusada e/ou condenada por algum crime.

Através de duas obras de suma importância nos aspectos de análise da relação do indivíduo diante do Estado e de suas instituições, Franz Kafka dispõe de uma gama de passagens que podem contribuir para a problematização da condição de povos e pessoas frente a uma força de lei opressora e punitiva. Em *O processo*, há o estado de exceção jurídico exercido sobre a vida de um indivíduo que denuncia uma prática tida como absurda, embora normalizada por quem opera tais estruturas de poder e seus funcionários já acostumados a cumprir certas ordens invasivas e agressivas, contra cidadãos que muitas vezes não sabem sequer a razão do inquérito e o andamento do processo que pesa sobre eles.

⁴¹⁶ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. *Op. cit.*, p. 191.

Muitas dessas conclusões — expostas aqui previamente — são ditas, em tom de revolta, pelos personagens kafkianos, nas respectivas obras, ou seja, não se trata de uma mera interpretação minha, mas de uma explícita intenção do autor se expressar através de seus protagonistas; em *Na colônia penal*, é possível obter a dinâmica da punição militar através de métodos de tortura que mais se assemelham a uma prática sádica do que a aplicação de uma pena contra um crime.

3.4.1 Joseph K. versus a corrupção jurídica

Em *O processo*, onde Kafka narra uma espécie de *Odisseia*⁴¹⁷ dos tempos modernos, porém sem fim triunfante e heroico para Joseph K., trata-se de um romance que se encaminha para a decadência de seu protagonista, mostrando seu fracasso através dos detalhes. A obra destaca-se por seu grande enredo em torno do misterioso júri e do intrigante processo, que mais parece um labirinto.

Embora o narrador supunha que alguém teria caluniado Joseph K., o desenvolvimento do romance expressa a dificuldade de um homem comum diante de uma estrutura de poder jurídica viciada pela burocracia judicial. Com intensa indignação, o protagonista aponta os desvios de conduta e expõe sua condição de injustiçado diante do que se move contra ele.

Em busca de defesa e do local que poderia lhe prestar as devidas explicações a respeito de seu processo, com o fim de entender as causas dos acontecimentos que mudaram sua vida nos últimos dias, Joseph K., toma conhecimento de como o sistema judicial pode ser um órgão inacessível e uma expressão do estado de exceção. Para o filósofo italiano Giorgio Agamben o “estado de exceção é um espaço anômico onde o que está em jogo é uma força-de-lei sem lei”⁴¹⁸, cabendo a interpretação a respeito de instituições e órgãos do direito público que possuem o dever de guardar e aplicar a lei, mas não o fazem, por omissão, perseguição ou segregação a um indivíduo ou grupo específico. Vale salientar que a abrangência do conceito necessita de alguns adendos quando aplicado no caso da obra de Kafka: **i)** o romance não cita uma suspensão da lei de maneira similar a um estado de sítio ou

⁴¹⁷ Referência à obra clássica grega do fim do século VIII a.C. Cf. HOMERO. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

⁴¹⁸ AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 61.

tampouco uma ditadura e *ii*) o uso que faço se refere a uma anomia entre o órgão e a sua atuação de ofício (obrigação/função).

Para Hobbes, a lei, em geral, é uma ordem e não é como um conselho que se dá. Não é também uma ordem dada por qualquer indivíduo aos cidadãos, é, pois, dada por quem irá se dirigir a alguém já previamente obrigado a obedecer-lhe,⁴¹⁹ não bastando às leis serem escritas e publicadas, é necessário que existam sinais evidentes de que ela advém da vontade do soberano.⁴²⁰ O soberano do qual Hobbes escreve é o representante do Estado, sejam eles monarcas ou a assembleia. Na obra kafkiana é o judiciário; este se impõe a qualquer lei, qualquer direito e a qualquer indivíduo, sobretudo os mais humildes. Na teoria hobbesiana algumas leis “são dirigidas a todos os súditos em geral, algumas só a determinadas províncias, outras a determinadas vocações e outras a determinadas pessoas, sendo leis para aqueles a quem a ordem é dirigida, e para ninguém mais”.⁴²¹ Determinadas etapas e burocracias são feitas e erguidas para um determinado povo ou indivíduo também na literatura kafkiana, bem como traz o texto *Diante da Lei*, agregado em *O processo*, quando um religioso conta a história a Joseph K., como uma parábola:

Na frente da lei há um porteiro. Um homem do interior vem até a porta, e pede para entrar. Mas o porteiro diz que não pode deixar que ele entre na lei, agora. O homem pensa sobre isso e pergunta se poderá entrar mais tarde. ‘Isso é possível’, diz o porteiro, ‘mas não agora’. O portão da lei está aberto, como sempre, e o porteiro deu um passo para o lado, então o homem se agacha para tentar ver lá dentro. Quando o porteiro vê isso, ri e diz: ‘Tente, se quiser, tente entrar, apesar de eu ter dito que não pode. Porém tenha cuidado: sou poderoso. Eu sou só o porteiro nível mais baixo de todos. Mas há um porteiro para cada um dos ambientes, e cada um deles é mais poderoso do que o último. Mal consigo olhar para o terceiro’. O homem do interior não esperara dificuldades como aquela; a lei deveria ser acessível para qualquer um, a qualquer momento, ele acha, mas então examina o porteiro mais de perto, com seu casaco de peles, repara em seu nariz grande e adunco, sua longa e rala barba negra, e decide que é melhor esperar até ter permissão para entrar. O porteiro lhe dá um banquinho e deixa que sente em um lado do portão. Ele fica lá sentado por dias, anos. Pede permissão inúmeras vezes e cansa o porteiro com suas solicitações. [...] Ao longo dos primeiros anos, ele pragueja contra sua condição infeliz em voz alta, mas mais tarde quando fica velho, só resmunga para si mesmo. [...] Não tem muito mais tempo de vida. Logo antes de morrer, junta toda essa experiência, de todo esse tempo que passou, em uma única pergunta, que ainda não fez para o porteiro. [...] ‘Todos querem ter acesso à lei’, diz o homem, ‘como, ao longo de todos esses anos, ninguém além de mim pediu para entrar?’. O porteiro percebe que o homem está chegando ao fim e que sua audição está falhando, então, para que ele o ouça, grita:

⁴¹⁹ HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Trad. João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. Coleção Os Pensadores, vol. 10. São Paulo: Nova Cultura, 2004, p. 207.

⁴²⁰ *Ibidem*, p. 212.

⁴²¹ *Ibidem*, p. 207.

‘Ninguém mais poderia ter entrado por aqui, pois esta entrada foi feita só para você. Agora vou fechá-la’.⁴²²

Nota-se que no imaginário literário de Kafka, mesmo quando os acusados buscam a devida defesa, não lhes restam sinais que possibilitam qualquer chance de sucesso em suas buscas. Como ressalta Benjamin, o procedimento judicial não permite que surja expectativa alguma aos acusados, mesmo que eles tenham a vontade da absolvição.⁴²³ Tal esperança suprimida é expressa na narrativa, justamente pelo fato do narrador parecer tão surpreso quanto o leitor. Durante o século XX, décadas posteriores a Kafka, no contexto autoritário, sobretudo na Alemanha do Terceiro Reich, onde vigorou a máxima totalitária, todas as leis passaram a ser leis flexíveis, sujeitas a alterações desde que fizessem parte da vontade do soberano.⁴²⁴ Entretanto, Kafka não demonstra qual a forma de governo é exercida no enredo do romance, o que possibilita a afirmação, baseando-me em Agamben, que movimentos, ações ou acontecimentos de exceção acontecem em várias estruturas.

O estado de exceção torna-se assim um paradigma de toda forma de governo, pois não se baseia apenas em decretos suspendendo as leis, é verificado também pela inércia ou obstrução dos órgãos representativos e jurídicos, sendo uma “terra de ninguém entre o direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida”⁴²⁵. Além da ação jurídica e/ou política é de suma importância observar os seus impactos na vida dos indivíduos e como isso é causador de conflito, como na fala mais expressiva e denunciativa da obra, dita por Joseph K.:

– Não há dúvidas – disse ele, em voz baixa, – de que há alguma organização enorme determinando o que é dito por este tribunal. Em meu caso, isso inclui minha prisão e a avaliação que ocorre aqui hoje, uma organização que emprega policiais que podem ser subornados, supervisores brutamontes e juízes dos quais não se pode dizer nada melhor do que o fato de não serem tão arrogantes quanto alguns outros. [...] um judiciário de alto escalão em seu conjunto de inúmeros serviços, escrivães, policiais e todo outro auxílio de que necessita, talvez até carrascos e torturadores [...] E qual, cavalheiros, é o propósito desta enorme organização? Seu propósito é prender pessoas inocentes e conduzir processos despropositados contra elas, o que, como em meu caso, não obtêm nenhum resultado. Como podemos evitar que aqueles em cargos

⁴²² KAFKA, Franz. **O processo**. *Op. cit.*, p. 263-264.

⁴²³ BENJAMIN, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte... *Op. cit.*, 141.

⁴²⁴ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 515.

⁴²⁵ AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. *Op. cit.*, p. 11-12.

públicos se tornem profundamente corruptos, quando tudo está desprovido de sentido? [...]. É por isso que policiais tentam roubar as roupas daqueles que prendem, é por isso que servidores invadem lares de pessoas que não conhecem, é por isso que inocentes são humilhados na frente de multidões, ao invés de receberem um julgamento adequado.⁴²⁶

O estado de exceção, como ressalta Benjamin — em sua oitava *tese sobre o conceito de História* —, pode ser entendido como uma regra geral, mesmo em tempos considerados modernos, como o século XX⁴²⁷, sobretudo se pensarmos a respeito da condição judaica de Benjamin e Kafka. O caso Dreyfus, de 1894, pode elucidar historicamente o que o literato buscou expressar em sua obra. Tanto o capitão francês quanto Joseph K., foram injustiçados a partir de algum boato, calúnia ou desconfiança. O primeiro marcando a história jurídica da França como um caso de antissemitismo e o segundo como um fato de exceção jurídica contra um indivíduo humilde e simples: ambos retratam arbitrariedades, onde a realidade tem potencial histórico-geográfico de influenciar a narrativa literária, perpassando por expressões que trazem a *lumen* julgamentos e órgãos jurídicos viciados.

3.4.2 O observador *versus* a corrupção militar

Thomas Hobbes, em *Leviatã* (1651) definiu a pena — e sua aplicação — como “um dano infligido pela autoridade pública, a quem fez ou omitiu o que pela mesma autoridade é considerado transgressão da lei, a fim de que assim a vontade dos homens fique mais disposta à obediência”⁴²⁸. Em *Na colônia penal* (1919), Kafka aborda a pena aplicada dentro daquela ilha como uma forma de vingança ou sadismo, uma vez que a morte era sempre ocorrida, precedida por tortura. A pena era sempre a mesma. O oficial militar (soberano) responsável pela execução narra ao observador como acontece, o constringendo — pelo caráter incomum e infamiliar daquele procedimento —, sobretudo no momento em que pergunta se o homem que estava acorrentado à máquina de execução teve a oportunidade de apresentar sua defesa ou explicar os fatos que o levaram ao castigo, ao que o oficial responde que não e afirma: “a culpa é sempre indubitável”⁴²⁹. A resposta do oficial expressa o real

⁴²⁶ KAFKA, Franz. **O processo**. *Op. cit.*, p. 59-60.

⁴²⁷ BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, p. 226.

⁴²⁸ HOBBS, Thomas. **Leviatã**. *Op. cit.*, p. 235.

⁴²⁹ KAFKA, Franz. *Na colônia penal...* *Op. cit.*, p. 72.

objetivo do referido procedimento anterior à morte: condenar arbitrariamente os acusados.

Se a dinâmica da ilha for entendida como um estado de exceção, de base militar, onde o único objetivo é a punição, aplica-se mais uma vez o conceito trabalhado por Giorgio Agamben, ao explicar em separado a norma e a sua aplicação: “na decisão sobre o estado de exceção, a norma é suspensa ou completamente anulada; mas o que está em questão nessa suspensão é, mais uma vez, a criação de uma situação que torne possível a aplicação da norma”⁴³⁰, concluindo esse movimento, na qual “o estado de exceção separa pois, a norma de sua aplicação para tornar possível a aplicação”⁴³¹. Na hipótese argumentativa contrária a tal assimilação que faço entre a colônia e o estado de exceção, no sentido de supor que “talvez os militares que comandam a ilha não conhecessem as leis e os direitos individuais”, ressalto que é inviável pensar a obra nesse sentido. Argumento: quando o observador pergunta sobre direito de defesa, o oficial não indaga o que seria esse dispositivo, ou do que se trata, mas nega, dizendo que não era necessário para o referido procedimento. Ou seja, ele conhecia outros métodos de pena e de aplicação, optou, no entanto, pela tortura e morte dos acusados.

Quero no entanto primeiro descrever o aparelho e só depois fazê-lo funcionar eu mesmo. Aí o senhor poderá acompanhá-lo melhor. No desenhador há uma engrenagem muito gasta, ela range bastante quando está em movimento, nessa hora mal dá para entender o que se fala; aqui infelizmente é muito difícil obter peças de reposição. Muito bem: como eu disse, esta é a cama. Está totalmente coberta com uma camada de algodão; o senhor ainda vai saber qual é o objetivo dela. O condenado é posto de bruços sobre o algodão, naturalmente nu; aqui estão, para as mãos, aqui para os pés e aqui para o pescoço, as correias para segurá-lo firme. Aqui na cabeceira da cama, onde, como eu disse, o homem apoia primeiro a cabeça, existe este pequeno tampão de feltro, que pode ser regulado com a maior facilidade, a ponto de entrar bem na boca da pessoa. Seu objetivo é impedir que ela grite ou morda a língua. Evidentemente o homem é obrigado a admitir o feltro na boca, pois caso contrário as correias do pescoço quebram sua nuca.

[...]

Tanto a cama como o desenhador têm bateria elétrica própria; a cama precisa da energia para si mesma, o desenhador para o rastelo. Assim que o homem está manietado, a cama é posta em movimento. Ela vibra com sacudidas mínimas e muito rápidas simultaneamente para os lados, para cima e para baixo. O senhor deve ter visto aparelhos semelhantes em casas de saúde; a diferença é que na nossa cama todos os movimentos são calculados com precisão; de fato eles precisam estar em estrita

⁴³⁰ AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. *Op. cit.*, p. 58.

⁴³¹ *Ibidem*.

consonância com os movimentos do rastelo. Mas é a este que se entrega a execução propriamente dita da sentença.⁴³²

A máquina e o *modus operandi* da punição foram elaborados pelo antigo comandante, já falecido, a quem o oficial nutria maiores admirações e preferia, resistindo ao atual chefe — que rejeitava o referido sistema —, o que pode ser analisado como uma valorização dos “velhos tempos” e negação do moderno, do novo, do aperfeiçoamento das regras e das medidas de aplicação da pena.⁴³³ O que pode ser verificado pela mudança de um comando mais rígido, por outro; como o fim de uma ditadura militar em que sobrevive o saudosismo e a nostalgia do regime passado. Como ressalta Freud, o exército é composto por massas artificiais, isto implica que exista determinada coação externa empregada com o fim de evitar sua dissolução e impedir mudanças em sua estrutura⁴³⁴. O observador que foge da ilha, escapa também daquela forma de vida, daquele meio social, não somente com medo dos oficiais, mas daquela sociedade e daquele Estado.

No universo das obras de Franz Kafka, onde não reside esperança de salvação para os indivíduos, nem nas relações interpessoais, nem com a sociedade e tampouco frente ao Estado, fugir daquela colônia penal significa, portanto, a ida para um lugar também sem esperança, como a família e o emprego de Gregor Samsa; o vilarejo em volta do castelo; as proximidades do judiciário onde ocorreu o processo de Joseph K., em suma, não restando para ele, outra saída a não ser a “ratoeira” ou “gato”. Resta ainda, apenas o humor judaico e kafkiano: que é rir da própria desgraça, juntamente com o autor e seus amigos.

3.5 HÁ HUMOR EM KAFKA?

Apesar de sua literatura ser marcada por uma carga pessimista, realista e crítica, reside em boa parte de sua obra um tom de comicidade muito característico da juventude judaica europeia do começo do século XX. O humor pincelado na narrativa kafkiana é seco, sem que pareça de forma muito clara que se trata de

⁴³² KAFKA, Franz. Na colônia penal... *Op. cit.*, p. 68-70.

⁴³³ KAFKA, Franz. Na colônia penal. CARONE, Modesto. **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 61-62.

⁴³⁴ FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921)... *Op. cit.*, p. 35.

momentos cômicos, pois o assunto de maior atenção é sério e angustiante. São, portanto, momentos tragicômicos.

Até a *Pequena fábula*, tratada anteriormente como uma expressão do pessimismo, contém traços de humor trágico, típico de Kafka, quando o rato está correndo e se depara com uma situação desfavorável, lamenta e se vê surpreendido pelo gato, que dá o tom tragicômico do texto: “[...] já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.’ — ‘Você só precisa mudar de direção’, disse o gato e devorou-o”⁴³⁵. Acredito ser mister apontar que a faceta humorística da obra do literato não reside em piadas, mas na sua relação com a ironia. Uma espécie de “rir da própria desgraça”⁴³⁶, como uma forma de amenizar a realidade e diminuir a carga excessiva de drama e tristeza de suas histórias. Embora essa marcação — de transitar entre o humor e a tragédia — não esteja dita literalmente, nem pelos personagens, nem pelo narrador, ela está ali, naturalmente contida. Como em Shakespeare⁴³⁷, em que essa presença pode ser notada na relação de Hamlet com Polônio. São traços fortes de comicidade através do desprezo e da ironia do príncipe para com o conselheiro real.

Ao analisar essa face da escrita de Kafka, Modesto Carone classificou-a de “um humor fino e inabalável”⁴³⁸, além de um “humor capcioso”⁴³⁹, justamente por se tratar de situações que se encaminham para um evidente fracasso do protagonista, tornando ainda mais improvável o tom de humor empregado pelo escritor em suas diversas passagens. Reside também na narrativa literária, um aspecto mais explícito, com personagens e situações risíveis, uma vez que para Ruy Alves Jorge, o humor kafkiano “salta do patético, quando este alcança sua expressão mais legítima”⁴⁴⁰, logo quanto mais notável, maior é a desmoralização de um indivíduo. Em *Josefine*, a cada descrição feita pelo narrador, a respeito do que pensam os ratos sobre a pretensa cantora, o tom de displicência é maior, direcionando a atenção do leitor para o fato de que somente Josefine acredita na importância de

⁴³⁵ KAFKA, Franz. *Pequena fábula*. In: CARONE, Modesto (Org.). **Franz Kafka Essencial**. *Op. cit.*, p. 167-171.

⁴³⁶ SILVA, Junia Paula Saraiva. **Entre a angústia e o estranho**: uma interlocução entre Kafka e Freud no âmbito da cultura. 2015. 76 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015, p. 50.

⁴³⁷ Cf. SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. In: SHAKESPEARE, William. **Hamlet, Rei Lear, Macbeth**. Trad. Bárbara Heliodora. São Paulo: Editora Abril, 2010, p. 29-237.

⁴³⁸ CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. *Op. cit.*, p. 41.

⁴³⁹ *Ibidem*.

⁴⁴⁰ JORGE, Ruy Alves. **Interpretação de Kafka**. 1. ed. São Paulo: Editora L.Oren, 1968, p. 177.

sua arte para a vida de seu povo, enquanto todos — mesmo aqueles que param para ver sua performance artística e musical — enxergam nela apenas mais uma de sua espécie que executa ruídos como todos os demais.

Para começar, é canto? Apesar de nossa amusicalidade, possuímos tradições de canto; na antiguidade, o canto existiu entre nós; as lendas mencionam isso, e até se conservam canções, que por certo já ninguém pode cantar. Portanto, temos certa ideia do que é o canto, e é evidente que o canto de Josefina não corresponde a essa ideia. É então canto? Não será talvez um mero chiado? Todos sabemos que o chiado é aptidão artística de nosso povo, ou antes, não uma aptidão, porém uma característica expressão vital.⁴⁴¹

Algo semelhante ocorre com o jejuador do conto *Um artista da fome*, que se dedica de maneira rigorosa e concentrada à sua apresentação, que consiste em ficar dias sem comer, testando os limites do próprio corpo e arrancando admiração dos espectadores do circo que passam e o admiram pelo esforço e pela execução do número circense. Ao passo que as apresentações acontecem, o artista precisa se superar com o mesmo número, sua decadência vai se aproximando. Ao fim de várias semanas, sua presença se torna imperceptível e o homem que jejuava passa a ser esquecido, até sua morte. Aquilo que seria sua glória passa a ser sua desgraça. Kafka ironiza, através do humor ácido de seus contos, a condição dos artistas que buscam a glória e a atenção total de seu público, dando a eles um desfecho de desmoralização e de ostracismo.

De maneira pertinente, pesquisadores como Márcio Seligmann-Silva⁴⁴² e Leandro Konder⁴⁴³ associam o humor de Kafka com as obras cinematográficas de Charles Chaplin, sobretudo em *Tempos Modernos*⁴⁴⁴, trazendo comicidade a um enredo melancólico e lirista, comumente retratando a vida de homens simples frente ao avanço tecnológico e o desenvolvimento desenfreado do capitalismo no começo do século XX. Acrescenta-se que em Kafka, as figuras de autoridade — como o pai

⁴⁴¹ KAFKA, Franz. Josefina, a cantora ou A cidade dos ratos. In: KAFKA, Franz. **A colônia penal**. Op. cit., p. 215.

⁴⁴² Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Kafka**: mal-estar como cultura ontem e hoje. Café filosófico. Campinas: CPFL Cultura, 2018. 1 vídeo (105 min). Disponível em: <<https://institutocpfl.org.br/kafka-mal-estar-como-cultura-ontem-e-hoje-com-marcio-seligmann-silva/>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁴⁴³ Cf. KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. Op. cit., p. 122.

⁴⁴⁴ TEMPOS Modernos. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Califórnia: Charles Chaplin Productions, 1936. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tL3E5fIZis&ab_channel=ICDPCursoseTreinamentos-CursosnaBaixadaSantista-SP>. Acesso em: 12 abr. 2022.

de família e os juízes e funcionários do sistema judiciário — possuem lugar especial em seus romances e novelas. Na comparação entre os dois artistas, soma-se a contemporaneidade das obras literárias e cinematográficas. O fato de Carlitos ser oprimido pelo excesso de trabalho e cotidiano vigiado por policiais que frequentemente fazem a ronda pelas ruas, não impede que o humor emergja das cenas, mesmo quando o desfavorecido é o protagonista da trama, o que me tenciona à comparação do “rir da própria desgraça” presente em Kafka.

É mister afirmar que Franz Kafka não foi um escritor de gênero cômico, ou seja, não era um humorista. Seu humor, no entanto, advinha de sua sensibilidade e seu caráter observador, desenvolvidos para notar, por um lado as tragédias humanas e os conflitos derivados das relações interpessoais: indivíduos, sociedade e Estado; por outro lado possuía uma faceta cômica, possibilitando captar da vida cotidiana situações capazes de gerar expressões potencialmente engraçadas, sobretudo para seus contemporâneos do começo do século XX⁴⁴⁵, como seus amigos, que gargalhavam durante as leituras que atualmente lemos e nos espantamos. O humor que aponto em Kafka é também um aspecto particular de sua escrita teatral e sua visão cênica dos enredos colocados em suas novelas e romances.

3.6 ALEGORIZANDO O MAL-ESTAR: Rotpeter, de macaco a ser humano

O macaco capturado por caçadores e integrado à cultura humana, ou seja, um animal que se humanizou através da imitação daquilo que estava habituado a presenciar dos homens, evidenciando desde já o seu caráter *mimético* que lhe permitiu escapar do confinamento de sua jaula⁴⁴⁶ e se integrar posteriormente ao meio social, se tornando, tempos depois, um palestrante universitário, narrando:

[...] sentia-me melhor e mais incluído no mundo dos homens; a tormenta cujo sopro me carregava do passado amainou; hoje é apenas uma corrente de ar que me esfria os calcanhares; e o buraco na distância, através do qual ela vem e através do qual eu outrora vim, ficou tão pequeno que eu me esfolaria no ato de atravessá-lo, mesmo que as forças e a vontade bastassem para que retrocedesse até lá. Falando francamente — por mais que eu goste de escolher imagens para estas coisas —, falando francamente, sua origem de macaco, meus senhores, até onde tenham atrás de si algo dessa natureza, não pode estar tão distante dos senhores

⁴⁴⁵ Cf. KONDER, Leandro. **Kafka**: vida e obra. *Op. cit.*, 123.

⁴⁴⁶ CARONE, Modesto. (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 111.

como a minha está distante de mim. Mas ela faz cócegas no calcanhar de qualquer um que caminhe sobre a terra — do pequeno chimpanzé ao grande Aquiles.⁴⁴⁷

O trecho acima é sem dúvidas uma provocação que Rotpeter faz aos ouvintes, professores e estudantes universitários; mas também que Kafka faz a seus leitores, em que reside a lembrança de que o ser humano possui os mesmos traços de seu ancestral. Na fala inicial cita o calcanhar e aponta para a origem de macaco dos senhores presentes, traçando uma linha evolutiva entre o que ele foi na selva e continua sendo (somente fisicamente) e o que o ser humano se tornou; com traços de humor, afirma que as cócegas no calcanhar são inerentes a qualquer uma daquelas duas espécies, desde o chimpanzé até o herói grego Aquiles⁴⁴⁸, famoso por seu ponto fraco ser justamente no calcanhar. Além de ser a parte do corpo que utiliza para se afirmar no solo em posição ereta e se tornar homem. Como narra:

Escalavre a carne entre os dedos do pé que não vai achar o motivo. Comprima as costas contra a barra da jaula até que ela o parta em dois que não vai achar o motivo. Eu não tinha saída, mas precisava arranjar uma, pois sem ela não podia viver. Caso permanecesse sempre colado à parede daquele caixote teria esticado as canelas sem remissão. Mas na firma Hagenbeck o lugar dos macacos é de encontro à parede do caixote — pois bem, por isso deixei de ser macaco.⁴⁴⁹

O personagem abdica de sua posição, de seus sentidos mais aguçados, como o olfato apurado; abre mão de seu ser animal — que sobrevive recalcado — para se tornar um ser de cultura. Obviamente que na composição da novela, Rotpeter não possuía muitas escolhas de se livrar daquela vida enjaulada, logo, aquele período em que esteve aprisionado pode ser compreendido como um espaço de transição entre a animalidade e a civilização, onde, alegoricamente, um indivíduo dotado de cultura sai da prisão — o protagonista não concorda com a expressão liberdade⁴⁵⁰ — e deixa aprisionado (recalcado) seu ser animal e ancestral, juntamente com seus instintos e desejos. Kafka, portanto, se apoiando teoricamente em Charles Darwin⁴⁵¹,

⁴⁴⁷ KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. In: CARONE, Modesto. (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 113-114.

⁴⁴⁸ Cf. HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

⁴⁴⁹ KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. In: CARONE, Modesto. (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 117.

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p. 117.

⁴⁵¹ Cf. DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Trad. Carlos Duarte; Anna Duarte. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2020.

narra ficcionalmente um processo de evolução que Freud teorizou posteriormente, em 1930, acrescentando temas a respeito da sexualidade e sua relação com a mudança de postura corporal da espécie e o enfraquecimento do sentido olfativo.

[...] com a postura ereta dos humanos, e a desvalorização do sentido olfativo, a sexualidade como um todo, e não apenas erotismo anal, ameaçava se tornar uma vítima do recalçamento orgânico, de modo que, desde então, a função sexual é acompanhada por uma repugnância, não justificável de outra maneira, que impede uma satisfação completa, forçando-a a se afastar da meta sexual, em direção a sublimação e deslocamentos de libido.⁴⁵²

Após aprender os gestos e costumes daqueles caçadores no navio, o símio passa a se transformar em ser humano e dotar-se de cultura. Junto com a civilização, vem também o *mal-estar*, uma vez que o personagem não possuía outra saída, a exemplo de sua liberdade anterior, evoluindo e se dotando de cultura, já não o é permitido viver como um indivíduo genuinamente livre. Na jaula ele não teria liberdade; escolhendo se humanizar e se ligar à civilização, uma vez que a cultura é também uma forma de viver sob regras e repressões; tampouco teria a oportunidade da liberdade plena, que seria a abertura da prisão e a sua volta para a selva. Rotpeter estava, portanto, entre duas jaulas: a de ferro que prende o animal e a jaula da cultura, que delimita as ações e a vida dos seres humanos, fadados ao recalçamento de seus sentimentos primitivos.

Esses meus progressos! Essa penetração por todos os lados dos raios do saber no cérebro que despertava! Não nego: faziam-me feliz. Mas também admito: já então não os superestimava, muito menos hoje. Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial, essa saída humana. Existe uma excelente expressão idiomática alemã: *sich in die Büsche schlagen*: foi o que fiz, caí fora. Eu não tinha outro caminho, sempre supondo que não era possível escolher a liberdade.⁴⁵³

Rotpeter, demonstra como o processo de aculturação é um robusto percurso de afastamento, recalçamento e distanciamento do nosso corpo, assim a vida dos indivíduos é condicionada à administração, com os usos de técnicas que buscam reimplantar o princípio de prazer, em conflito com uma sociedade que prega e impõe

⁴⁵² FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade**: o mal-estar na cultura e outros escritos. *Op. cit.*, p. 357-358.

⁴⁵³ KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. In: CARONE, Modesto. (Org.). **Essencial Franz Kafka**. *Op. cit.*, p. 123.

o ideal da vida em comum, solicitando de seus integrantes que abram mão da felicidade em favor da comunhão,⁴⁵⁴ assim como o personagem narrado por Kafka abdicou de sua felicidade para comungar da cultura, juntamente com a sociedade, compartilhando também todo *mal-estar* dela derivado.

Finalizando o presente capítulo e antes de me encaminhar para as conclusões, é pertinente ressaltar: Franz Kafka não só possuía um talento ímpar para fins de imitação dos detalhes, nos gestos e trejeitos, como também utilizava-se de determinada capacidade de observação com o fim de agregar às suas obras momentos pontuais que dão ao leitor uma noção quase imediata de certos objetos comuns ou de lembranças ligadas aos sentidos, tais como um cheiro ou um gosto. Para o filósofo Walter Benjamin “Kafka é como um rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo”⁴⁵⁵, acrescento, sem discordar, que isso só foi possível por intermédio de seu contato com o mundo, com a realidade, com a rotina do trabalho, em sua interação com a sociedade e com a cultura da qual fazia parte. O que Benjamin denomina de medo, eu classifico como experiências, logo: Kafka saiu de casa para ter experiências de mundo, não somente saber como funcionam as instituições e as leis, mas como as relações de fato fluem na vida das pessoas, desde os medos e as angústias, até seus gestos e cacoetes. O escritor tcheco não se limitou à possível imaginação dentro das paredes de seu quarto.

Seja através de seus diários, de suas cartas e aforismos ou de seus romances, novelas, fábulas ou contos, Franz Kafka foi o escritor que melhor expressou o *mal-estar* da crise moderna do começo do século XX.

⁴⁵⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. **Revista Alea**, v. 12, n. 2, p. 218, jul./dez. 2010.

⁴⁵⁵ BENJAMIN, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política... Op. cit.*, p. 144.

CONCLUSÃO

KAFKA, UM ESCRITOR DA MODERNIDADE

Em suas profundezas, Kafka toca o chão que não lhe era oferecido nem pelo “pressentimento mítico” nem pela “teologia existencialista”. É o chão germânico e do mundo judeu.

Kafka é como o rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo.

Walter Benjamin

A partir da pesquisa que realizei e desta dissertação elaborada sob a metodologia biográfica descrita por Dosse, em *Desafio Biográfico: escrever uma vida*, mais especificamente em seu capítulo quinto: *A Iddade Hermenêutica (II): a pluralidade das identidades*, em que busquei historicisar o conceito de *mal-estar* como um instrumento de análise, a fim de compreender as dinâmicas sociais, temporais e espaciais em que Franz Kafka esteve inserido no decorrer de sua vida e abordando o conceito a partir de um escritor judeu no começo do século XX. Tal metodologia me auxiliou compreender as dinâmicas sociais e individuais, sem eleger meu biografado como um herói, levando em consideração a importância do distanciamento necessário com o biografado.

Com este trabalho se encaminhando para o final, afirmo que Franz Kafka é, antes de tudo, um autor da modernidade, localizado em um momento de crise no começo do século XX. A esta sentença, devo destacar algumas conclusões.

O literato foi contemporâneo de um período marcado por duas guerras mundiais, o Genocídio Armênio, revoltas e revoluções pela Europa. Além disso, destaca-se a perseguição aos judeus existente há muitos séculos e a intensificação da instabilidade política e econômica austro-húngara, com a derrota das potências da Europa Central na Primeira Guerra Mundial. Portanto, sob o bojo de conflitos entre os principais Estados e o forte antissemitismo daquele período e localidade, Franz Kafka nasceu, se formou, viveu, escreveu suas obras literárias, além de anotações pessoais, como diários, cartas e aforismos, e morreu em 1924.

Após o ano de 1918, com o fim da guerra, os sentimentos de perda — pessimismo e desesperança — se afluíram. Seja por combatentes que sobreviveram, por familiares ou funcionários de hospitais e companhias de seguros, no caso de Kafka. Agravando ainda mais a situação dos contemporâneos do escritor, ocorreu a dissolução do império, proporcionando uma série de incertezas aos “herdeiros da Grande Guerra”, sobretudo para os judeus da Europa Oriental, dentre os quais constam o escritor tcheco, e o psicanalista austríaco, Sigmund Freud.

O que identifiquei por meio dos diários e correspondências é que existiu em Kafka um grande ressentimento com a religião, ou particularmente o judaísmo, pelo rigor e pelas contradições de seu pai — em quem via como um representante, mais

próximo, desta cultura — ou pela simples ausência de crença em uma divindade criadora e ordenadora do mundo. Utilizou-se dos conhecimentos adquiridos através das leituras religiosas, como a Bíblia e da história do Judaísmo e do povo judeu, para a elaboração de seus aforismos.

Verifiquei que no caso do judaísmo, não se trata apenas de uma religião, com suas crenças, livros sagrados, profissões de fé, costumes e práticas, mas antes de tudo uma “cultura judaica”. Quando afirmei que Franz Kafka e Sigmund Freud eram judeus, não objetivei dizer que professavam a fé judaica, mas que nasceram e foram criados dentro de uma comunidade étnica, que à época não possuía um país. Os judeus portanto, viviam espalhados pelo mundo, sobretudo na Europa. Eles se identificavam e eram identificados como um povo.

Ressaltei que o judaísmo de Kafka esteve mais ligado ao seu círculo familiar, de amigos e conhecidos. Ou seja, derivado de uma forte influência do meio social (escola, cidade, bairro, comércios e convívios afins) e menos como uma busca por redenção espiritual e religiosa. A minha leitura a respeito do escritor tcheco e de sua crença religiosa (desde que expressa em cartas e diários) caminhou no sentido de apontar o interesse intelectual e teológico a respeito do judaísmo, como um povo dotado de uma forte cultura e tradição, e menos de uma busca teleológica por salvação pessoal.

Não atribuí aos romances, teorias e interpretações que visam buscar em Kafka uma expressão metafórica dos textos bíblicos, que supostamente estaria contido em suas obras, não o fiz. Busquei, no entanto, abordar a relação do autor com o judaísmo através do que ele disse de forma explícita em seus diários e aforismos, cabendo interpretações e paralelos dentro do escopo biográfico.

Através de leituras cronológicas pude constatar que os relacionamentos de Franz Kafka foram sem dúvida marcas de um indivíduo inconstante e oprimido pela própria insegurança. Seus noivados nunca lograram êxito, logo, nunca se casou, mesmo demonstrando, por diversas vezes, sentimentos para com suas eventuais noivas, seja na troca de cartas ou nos pensamentos anotados em seus diários. Uma questão problemática para a família, que embora não demonstrasse traços ortodoxos do judaísmo, preservava a importância do casamento, vide suas irmãs Ellie, Valli e Ottla, todas elas se casaram.

Ressalto, a partir da pesquisa, que Kafka possuía a irreverência anti-dogmática típica dos grandes escritores e poetas, na qual mesmo possuindo alguma crença, não se prendiam a ela caso isso influísse na limitação de suas obras. São traços de um judaísmo mais laico — no caso de Kafka —, ou de uma expressão de contraponto à sua própria religião de origem.

O que assemelhei — guardadas as devidas idiossincrasias no que tange os aspectos espacial e temático — entre os escritores Kafka, Joyce e Proust é a relação que tiveram com o tempo e a sociedade de sua época, cada qual respectivo a sua localidade, e de como invariavelmente essa relação aparece em suas obras, de forma conflituosa, propositiva e reflexiva, marcando a literatura europeia do século XX. São autores que possuem célebres romances e contos, cuja riqueza narrativa e literária são destacáveis em críticas e análises, pela composição estética e a inovação que proporcionaram. Há também o caráter autobiográfico e pessoal, derivado do cenário conflituoso que os tencionaram a elaborar seus enredos da forma com que foram feitos.

O que busquei distinguir entre os diários, aforismos e cartas, das obras literárias, não é meramente a realidade da ficção, mas a escrita particular, que mesmo contendo fortes traços performáticos, são despreziosos, não seguem uma linha descritiva e romanceada, mas algo próximo dos pensamentos cotidianos que o autor gostaria de expressar para si mesmo.

O *mal-estar*, de que Sigmund Freud se dedicou a elaborar e escrever, foi o principal conceito historicizado e utilizado na minha interpretação a respeito da obra de Franz Kafka. Trata-se de uma reflexão que traz uma complexa contribuição sobre as dificuldades que existem nos relacionamentos entre os seres humanos em nossa cultura/civilização. Nela, Freud discute as questões relacionadas à busca pela felicidade e pelo prazer diante das ambiguidades da satisfação. Vale ressaltar também o antagonismo posto entre as exigências da pulsão e as restrições sociais e culturais impostas pela sociedade em que o sujeito está inserido. Marcas que identifiquei na obra kafkiana.

O que é contínuo para Freud, não é a felicidade, mas sim um permanente estado de incompletude inerente ao indivíduo. Além disso, algumas áreas e criações podem amenizar (momentaneamente) o sofrimento e o sentimento de angústia

presentes constantemente no interior do indivíduo, destaca-se a apreciação da obra de arte, como uma fuga da realidade, que é enxergada como hostil e fonte de sofrimento. São traços que de certa maneira busquei apontar através da análise de Franz Kafka.

O bem-estar, como todo sentimento momentâneo, esteve presente na vida de Kafka em momentos de isolamento, sem os ruídos que o incomodavam e sem os familiares por perto, só o escritor com suas cartas e livros. Para Freud um método eficaz através de procedimentos, extremos e moderados, que podem auxiliar o indivíduo a evitar o desprazer, sobretudo aqueles causados pelo conflito entre o ser humano e a sociedade da qual faz parte. Um deles é o isolamento voluntário, no qual, grosso modo, uma pessoa evita o contato direto com outrem, preservando-se das diversas situações negativas e desvantajosas do mundo exterior.

Compreendi que foram suas experiências que contribuíram para o seu estado de espírito, portanto, tocaram em sua obra. O autor precede sua obra porque antes de ser um escritor, ele é um indivíduo, circunscrito a um determinado tempo histórico, a um determinado lugar, possui suas particularidades e questões individuais, da mesma forma que está sujeito a relações e influências externas, desde as regras de Estado (leis e códigos); as normas de convivência social (trabalho e escola); costumes e tradições familiares (religião, comportamentos e casamento). Esses são alguns dos cenários nos quais o escritor estava, quando escreveu e teve sua inspiração artística e criativa.

Constatarei e expus que há, no conjunto de suas obras, uma gama de personagens incomuns, seja metamorfoseado em inseto, animais com aspectos humanos, com a faculdade de pensar e refletir a respeito da vida, permitindo que o leitor faça analogias entre a ficção e a realidade a partir da *mímesis* exposta; transitando entre animais e humanos; outros personagens e situações capazes de expressar sentimentos: pessimismo, angústia e melancolia, não facultando ao leitor ter esperanças no decorrer da trama, mesmo que em momentos de humor (incompreendido) bem ao modo kafkiano; deslocando a realidade do seu centro de normalidade e a deslucando do seu estado de sanidade comum e corrente da sociedade contemporânea que se afirma racionalista e moderna.

Respondendo, enfim, as perguntas que elenquei no começo da dissertação, afirmo que *i)* a vida e o contexto histórico vivido por Kafka possibilitam ao historiador compreender determinadas descrições de suas obras, como os locais e os dispositivos jurídicos; a pressão para o trabalho; o aparato militar e a visão pessimista presente em seus enredos; *ii)* sendo o *mal-estar* inerente a toda cultura, em todas as temporalidades, no caso de Franz Kafka me coube indagar a respeito de quais fatores desse *mal-estar* estão relacionados com o escritor e seu círculo sócio-cultural. Podendo influenciar narrativas históricas e literárias. É um recorte temporal que compreendeu as três primeiras décadas do século XX, sendo o marco espacial a Europa Central, mais especificamente o Império Austro-Húngaro e os países que Kafka teve contato, como a Alemanha e *iii)* sua criação literária expressa a essência da crise dos tempos modernos, sobretudo no século XX: a inconformidade com o presente e a ausência de expectativa no futuro. Suas obras emergem através das relações dos personagens com o conflito inerente à vida na civilização, tal como entre os indivíduos, a sociedade e o Estado. Possibilitando problematizar essas dinâmicas de poder e força nos aspectos políticos e sociais da modernidade nas primeiras décadas do século XX, a partir da expressão do *mal-estar*.

Com todos esses aspectos peculiares em sua obra, sobressai — em minha visão — o *mal-estar* e o conflito inerente ao indivíduo que vive em sociedade. Em suma, sua literatura é um campo frutífero em fornecer objetos para historiadores e críticos literários apontarem referências e particularidades que fazem de sua obra um marco para o século XX. Concluo, portanto, que Franz Kafka é, na melhor forma que posso classificá-lo: um escritor da e na crise da modernidade.

REFERÊNCIAS

Fontes impressas:

KAFKA, Franz. **A colônia penal**. Trad. Torrieri Guimarães. Coleção Obras de Franz Kafka, vol. 7. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

KAFKA, Franz. Aforismos. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KAFKA, Franz. A metamorfose. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 209-291.

KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. Trad. Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, 1966.

KAFKA, Franz. **Cartas a Milena**. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

KAFKA, Franz. **Cartas a Felice**: correspondencia de la época del noivazgo (1912-1917). Trad. Pablo Sorozábal. Madrid: Nórdica Libros, 2019.

KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. Trad. Renato Zwick. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

KAFKA, Franz. **Diários (1909-1923)**. 1. ed. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021.

KAFKA, Franz. Josefina, a cantora ou A cidade dos ratos. In: KAFKA, Franz. **A colônia penal**. Trad. Torrieri Guimarães. Coleção Obras de Franz Kafka, vol. 7. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p. 214-230.

KAFKA, Franz. Na colônia penal. In: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 59-99.

KAFKA, Franz. **O castelo**. Trad. Deborah Stafussi. Barueri: Novo Século, 2017.

KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Livia Bono. 1. ed. Cotia: Pé da Letra, 2018.

KAFKA, Franz. Um novo advogado. *In*: KAFKA, Franz. **A colônia penal**. Trad. Torrieri Guimarães. Coleção Obras de Franz Kafka, vol. 7. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p. 57-58.

KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. *In*: CARONE, Modesto (Org.). **Franz Kafka Essencial**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 108-123.

Filmes:

TEMPOS Modernos. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Califórnia: Charles Chaplin Productions, 1936. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tL3E5fIZis&ab_channel=ICDPCursoseTreinamentos-CursosnaBaixadaSantista-SP>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Vídeos:

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Kafka: mal-estar como cultura ontem e hoje. Café filosófico. Campinas: CPFL Cultura, 2018. 1 vídeo (105 min). Disponível em: <<https://institutocpfl.org.br/kafka-mal-estar-como-cultura-ontem-e-hoje-com-marcio-seligmann-silva/>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Revista Dimensões**, n. 24, 2010, p. 160. Disponível em:

<<https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

BACKES, Marcelo. Cronologia bibliográfica. *In*: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1912**. 1. ed. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018, p. 284-287.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. Coleção Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão R. da; BRITO, Thiago Vieira de. **Distopia, Literatura e História**. 1. ed. Serra: Milfontes, 2017.

BORGES, Jorge Luís. Conferencia sobre James Joyce. *In*: Universidad Nacional de La Plata, 1960, La Plata. Transcripción Matías Carnevale. **Variaciones Borges**, n. 45, p. 207-220, abr. 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/eDEG9>. Acesso em 11 fev. 2021.

BERTONHA, João Fábio. **Os impérios e suas guerras: relações internacionais contemporâneas (séculos XIX e XX)**. São Paulo: Pontocom, 2017.

BROD, Max. **Franz Kafka**. Trad. Susana Schnitzer da Silva. Coleção Documentos do Tempo Presente, vol. 38. Lisboa: Editora Ulisseia, [19--].

BRUIT, Héctor Hernán. **O imperialismo**. 23. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia**. Trad. Nilo Odalia. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BUTLER, Judith. A quem pertence Kafka? Trad. Tomaz Amorim Izabel. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 222-260, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10767>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, Número especial, p. 81-90, 2012.

CANETTI, Elias. **O outro processo: as cartas de Kafka a Felice**. Trad. Herbert Caro. 1. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

CARONE, Modesto. A metamorfose. *In*: CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 209-225.

CARONE, Modesto (Org.). **Essencial Franz Kafka**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARONE, Modesto. “Pequena fábula”: anotações breves sobre um texto curto de Kafka. *In*: CARONE, Modesto (Org.). **Franz Kafka Essencial**. Trad. Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 169-170.

CARPEAUX, Otto Maria. A linguagem de Kafka. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 27 jan. 1944, p. 7. Disponível em: <<https://ottocarpeaux.medium.com/a-linguagem-de-kafka-8abcda4fb062>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

CLARK, Christopher. O império sem qualidades. *In*: CLARK, Christopher. **Os sonâmbulos: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial**. 1. ed. Trad. Berilo Vargas; Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

D’AGORD, Marta Regina de Leão. Psicanálise e Literatura: por que ler James Joyce? **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, n. 34, p. 111-116, dez. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n34/n34a16>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Trad. Carlos Duarte; Anna Duarte. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2020.

DELEUZE, Gilles; FÉLIX Guattari. **Kafka: para uma literatura menor**. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Orgs.). **Mímesis e expressão**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. 11. ed. Coleção Perspectivas do Homem, vol. 99. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

FALBO, Giselle. **Considerações sobre o Mal-estar na civilização**. 2020. Disponível em: <http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2020/01/Texto_Gizelle_Falbo_selecao2020.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

FERGUSON, Niall. **O horror da guerra**: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. 1. ed. Trad. Janaína Marcoantonio. São Paulo: Planeta, 2014.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. Coleção Obras Completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade**: o mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **Fragmento de uma análise de histeria**: o caso Dora. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editora, 2019.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. in: FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. Coleção Obras Completas, vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilena Carone. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Trad. Ernani Chaves; Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade**: o mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os Artistas**. Trad. Ernani Chaves. 1. ed. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 3, Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade**: o mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1933). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura e Sociedade**: o mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. Coleção Obras Completas, vol. 15. São paulo: Companhia das Letras, 2011.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GAY, Peter. **Um judeu sem Deus**. Trad. Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

GUINSBURG, Jacob. **Círculo Linguístico de Praga**. (Org.) Trad. Jacob Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

GLANTZ, Margo. Kafka y Job: los hermanos. **Revista de la Universidad de México**, v. 2, p. 17-24, maio. 1969. Disponível em:

<<https://www.revistadelauniversidad.mx/download/14967059-5645-4f03-ab17-16f5f0fd0eef?filename=kafka-y-job-los-dos-hermanos>>. Acesso em: 01 set. 2021.

HAROLD, Nicolson. **O Tratado de Versalhes, a paz depois da Primeira Guerra Mundial**. 1. ed. Trad. Gleuber Vieira; Jorge Ribeiro. São Paulo: Globo livros, 2014.

HASTINGS, Max. **Catástrofe: 1914: a Europa vai à Guerra**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HAI DUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Como Proust foi moderno: entre debates literários e conflitos culturais. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 90-106, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/729/496>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

HELLER, Erick. **Kafka**. Trad. James Amado. São Paulo: Cultrix, 1976.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. [S.l.] Editora Discovery, 2016.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Trad. João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. Coleção Os Pensadores, vol. 10. São Paulo: Nova Cultura, 2004.

HOBBS, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBS, Eric. **Era dos Impérios: 1875-1914**. 7. ed. Trad. Sieni Campos; Yolanda Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBS, Eric. **Sobre História**. 1. ed. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOMEROS. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMEROS. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

JAECKEL, Volker. O impacto da Primeira Guerra Mundial sobre a Europa e a literatura de guerra. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Belo Horizonte, v. 1, n. 17, p.11-22, nov. 2016. Disponível

em:<<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/25168/14523>>. Acesso em: 19 set. 2021.

JORGE, Ruy Alves. **Interpretação de Kafka**. 1. ed. São Paulo: Editora L.Oren, 1968.

JOYCE, James. **Dublinenses**. 1. ed. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JORGE, Ruy Alves. **Interpretação de Kafka**. São Paulo: L. Oren, 1968.

KANN, Robert Adolf. **A history of the Habsburg Empeire: 1526-1918**. Berkeley: University of California Press, 1980.

KOKIS, Sérgio. **Franz Kafka e a expressão da realidade**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Trad. Luciana Villas-Boas Castelo Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre o tempo. 1. ed. São Paulo: PUC, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Mass; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

KONDER, Leandro. **KAFKA**: vida e obra. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Alvaro, 1968.

KRAUSZ, Luis Sérgio. Capítulos de uma história de amor não correspondido: a memória da monarquia Austro-húngara e seus escritores judeus. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 24, n. 44, p. 30-50, set./dez. 2021.

LATZKO, Andreas. **Homens em guerra**. Trad. Claudia Abeling. 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2019.

LIMA, Luiz Costa. **Limites da Voz**: Kafka. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LIMA, Luiz Costa. **Melancolia**: literatura. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2017.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis**: desafio ao pensamento. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Luiz Costa. **Vida e Mímesis**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. 1. ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARINČIČ, Katarina. Les Plaisirs et les Jours et Le Mystérieux Correspondant: quelques réflexions sur l'œuvre de jeunesse de Marcel Proust. **ACTA NEOPHILOLOGICA**, Ljubljana, v. 53, p. 207-215, 2020. Disponível em: <<https://revije.ff.uni-lj.si/ActaNeophilologica/article/view/9686/9158>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MARINO, Taynná Mendonça. **Empatia em tempos de pós-humanismo**: um estudo sobre alteridade e compreensão histórica a partir da obra *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968). 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11970_Disserta%E7%E3o%20de%20mestrado%20-%20Taynna%20Marino.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

MARRAMAO, Giacomo. **Cielo y tierra**: Genealogía de la secularización. Trad. Pedro Miguel García Fraile. 1. ed. Barcelona: Paidós, 1998.

MARRAMAO, Giacomo. **Poder e Secularização**: as categorias do tempo. Trad. Guilherme Alberto Gomes de Andrade. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

MATTEO, Vincenzo di. Subjetividade e cultura em Freud: ressonância no 'mal-estar' contemporâneo. **Discurso**, São Paulo, n. 36, p. 193-216, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/issue/view/3163>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MEDEIROS, Jonas Torres. Paul Ricoeur, leitor de Freud: contribuições da psicanálise ao campo da filosofia hermenêutica. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 73-107, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v17n1/v17n1a05.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MORUS, Thomas. **Utopia**. Trad. Luís de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

NAOUR, Jean-Yves Le. **A Primeira Guerra Mundial: o batismo do século (1914-1918)**. In: HECHT, Emmanuel; Servent, Pierre (Orgs.). **O século de sangue: 1914-2014 - as vinte guerras que mudaram o mundo**. Trad. Ângela Correa. São Paulo: Contexto, 2015.

NEVES, Frederico de Castro. História e literatura: dois lados da mesma moeda. *In: Literatura e Ensino: reflexões, diálogos e interdisciplinaridade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

NISKIER, Arnaldo. Os méritos da Haskalá. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 97-100, jan./jun. 2011. Entrevista concedida a Moacyr Scliar pelo professor e pesquisador universitário, em 2010. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/22367/13023>>. Acesso em: 04 maio. 2022.

PAWEL, Ernst. **O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Organização Carlos Felipe Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013.

PEREIRA, Luiz Fernando Soares Pereira. Franz Kafka e as possibilidades interpretativas no campo intelectual. *In: SANTOS, Cleber Ferreira dos; OLIVEIRA, Ueber José (Org.). Intelectuais e Ideias políticas: História, Cultura e Poder*. Vitória: Milfontes, 2020, p. 71-86.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 28 jan. 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

PETERSON, Michel. Ulysse, de Joyce: Une logique de la sensation. **Nuit Blanche**, n. 102, p. 56-60, mar./jul. 2006. Disponível em: <<https://id.erudit.org/iderudit/20076ac>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Vol. 1. Trad. Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.

RANGEL, Marcelo de Mello. **Modernidade e História a partir de Walter Benjamin e Derrida**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado e Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Cleber Ferreira dos; OLIVEIRA, Ueber José (Orgs.). **Intelectuais e Ideias políticas: História, Cultura e Poder**. Vitória: Milfontes, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. **Revista Alea**, v. 12, n. 2, 205-p. 222, jul./dez. 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SHAKESPEARE, William. Hamlet. In: SHAKESPEARE, William. **Hamlet, Rei Lear, Macbeth**. Trad. Bárbara Heliodora. São Paulo: Editora Abril, 2010, p. 29-237.

SILVA, Junia Paula Saraiva. **Entre a angústia e o estranho: uma interlocução entre Kafka e Freud no âmbito da cultura**. 2015. 76 f. Monografia (Graduação em Psicologia). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o 'contextualismo linguístico' na perspectiva de Quentin Skinner. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, ano 5, n. 4, v. 5, p. 1-19, out./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/issue/view/17>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SPINOZA, Baruch. **Tratado Político**. Trad. José Pérez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

STEVENSON, David. **A deflagração**. Trad. Valter Lellis. 1. ed. Coleção 1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial, vol. 1. Barueri: Novo Século Editora, 2016.

VOIGT, Andressa Cristina; et al. O conceito de mimesis segundo Platão e Aristóteles: breves considerações. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 2, p. 225-234. 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.